

O FIM
DESDE O PRINCÍPIO

A Visão Apocalíptica de Isaías

O FIM DESDE O PRINCÍPIO

A Visão Apocalíptica de Isaías

AVRAHAM GILEADI



HEBRAEUS PRESS

O Fim desde o Princípio
© Copyright 1997, 2012, Hebraeus Press
www.IsaiahExplained.com
Todos os direitos reservados
Impresso no Brasil
Primeira edição em inglês, 1997
Segunda edição em inglês, 2012
Primeira edição em português, 2016
Capa flexível ISBN 978-0-910511-38-4
E-book ISBN 978-0-910511-39-1

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem autorização por escrito da editora, exceto breves citações inseridas em artigos ou comentários. Hebraeus Press, P.O. Box 501232, San Diego, CA 92150-1232. Este trabalho não representa a opinião de nenhuma religião, igreja ou nenhum grupo, mas é de responsabilidade exclusiva do autor.



“Que anuncio o fim desde o princípio,
e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam.”

—Isaías 46:10

ÍNDICE

PREFÁCIO	xi
INTRODUÇÃO	I
Opiniões Atuais sobre Escritos Antigos	I
Prova de que o Livro de Isaías Tem apenas um Autor	3
Temas e Teologias Negligenciados	6
Uma Mensagem Complexa Apresentada de Modo Simplificado	7
I. VISÕES DO FIM DO MUNDO	11
O Padrão das Profecias Hebraicas	12
O Padrão Profético na História de Israel	14
As Ideias Principais das Profecias Clássicas e Apocalípticas	16
Os Nomes Antigos que Atuam como Codinomes	17
Os Tipos de um Futuro Julgamento Mundial	20
A Assíria e o Egito—Tipos de Superpotências	21
A Dupla Relevância das Profecias Clássicas	23
2. MENSAGENS CODIFICADAS NA ESTRUTURA	25
A Estrutura e o Conteúdo—Duas Dimensões	27
Os Problemas em Casa, o Exílio no Exterior e o Feliz Regresso	28
Uma Distinção entre a História e as Profecias	29
Apostasia, Julgamento, Restauração e Salvação	31
Ameaça 1, Ameaça 2 e Ameaça 3	32
As Maldições e as Bênçãos do Convênio de Deus	33
A Destruição dos Iníquos / A Libertação dos Justos	34
As Estruturas Literárias de Isaías Revelam um Plano Divino ...	36

3. O CICLO REPETITIVO DA HISTÓRIA	39
O Passado Prefigura o Futuro	40
Uma Cronologia Futura de Eventos Passados	41
A Apostasia Antiga de Israel como Tipo	43
O Fim dos Tempos—A Destruição dos Iníquos	45
A Paz Milenar para os Justos	47
O que Se Fez, Isso Se Fará Outra Vez	49
4. O CONVENIO DE DEUS COM ISRAEL	51
Os Convênios Condicionais e Incondicionais	52
O Significado de Fazer Convênios	53
Israel é Responsável por Si Mesma	56
O Papel do Rei em Israel	57
O Convênio de Deus com o Rei Davi	59
Israel no Exílio entre os Gentios	61
Deus Faz um Novo e Milenar Convênio	62
5. AS IDEOLOGIAS DE SIÃO E BABYLON	65
A Estrutura Literária de Sete Partes de Isaías	66
Tanto uma Profecia como uma Teologia	68
Ruína e Renascimento (Isaías 1-5; 34-35)	69
Rebelião e Obediência (Isaías 6-8; 36-40)	69
Punição e Livramento (Isaías 9-12; 41-46)	70
Humilhação e Exaltação (Isaías 13-23; 47)	70
Sofrimento e Salvação (Isaías 24-27; 48-54)	71
Deslealdade e Lealdade (Isaías 28-31; 55-59)	71
Deserdação e Herança (Isaías 32-33; 60-66)	72
As Estruturas de Isaías Estabelecem Dois Períodos	73
Sião e Babilônia—Arquétipos Opostos	76
6. O TIRANO E O SERVO	79
O Tirano Conquista o Mundo	80
As Personificações na Metáfora	83
As Mensagens Subliminares de Isaías	84
O Servo Possui Muitos Tipos	86
Um Herdeiro Justo do Rei Davi	87
As Expectativas Messiânicas Judaicas	89

7. A ESCADA PARA O CÉU USADA POR ISAÍAS	91
Isaías—Profeta e Teólogo	92
Uma Ordem de Subida e Descida	92
Como Passar nos Testes de Deus	94
Os Nomes Simbólicos de Três Filhos	97
O Papel Salvador dos Servos e Filhos de Deus	99
O Progresso Livre e Desimpedido	101
A Descida antes da Subida	102
8. O SALVADOR—DEUS DE ISRAEL	105
Deus Compromete-Se por meio dos Convênios Feitos	106
A Morte—O Inimigo Comum	108
O Convênio de Deus Estabelece a Base	110
Jeová Torna-Se o Salvador Substituto de Israel	112
O Sacrifício de Animais—Um Tipo de Sacrifício de Jeová	114
Jeová Assume Vários Papeis Salvadores	115
A Missão Terrena de Jeová como Salvador da Humanidade	116
O Salvador de Israel Cumpre a Lei da Justiça	118
Uma Reviravolta das Circunstâncias no Fim do Mundo	119
9. O GRANDE “DIA DE JEOVÁ”	121
Um Paralelo das Profecias do Novo Testamento	122
A Polarização de Todos os Povos	123
O Cumprimento Literal da Profecia	125
A Retidão Precede a Salvação	127
O Passado—Um Padrão para o Futuro	128
Os Papéis Distintos dos Homens e das Mulheres	131
Uma Breve Advertência Antes do Fim	134

PREFÁCIO

Para muitas pessoas, os escritos do profeta Isaías são um “caldeirão de diversidades” de coisas antigas com as quais é difícil se identificar nos dias de hoje. Para elas, “a simbologia pitoresca” que eles contêm é, em sua maioria, de interesse secundário. O que eles poderiam significar nesta era moderna? Os fatos, contudo, sugerem que é o oposto. Nenhum livro está mais relacionado com nossos dias ao delinear o que está para acontecer com o mundo e com a humanidade do que o Livro de Isaías. E, ainda assim, muitos dos que o leem, particularmente na linguagem vernácula da Versão King James da Bíblia (1611 d.C.) ficam mais confusos do que esclarecidos. Mesmo aqueles que fazem tentativas mais sérias de estudar esse material, que despendem tempo e dinheiro, que se debruçam sobre livros com a intenção de explicar o que ele significa, ainda não conseguem entendê-lo plenamente. Por que isso acontece?

A resposta está nos dispositivos literários incorporados na profecia de Isaías que integram a equação para aqueles que desejam interpretá-la. Eles consistem principalmente em estruturas literárias e padrões que carregam sua própria mensagem que vão muito além do que lemos na superfície. Não que essas estruturas literárias e esses padrões sejam difíceis de entender, mas é fundamental levá-los em consideração com a finalidade de dominar esse material, o que leva tempo. Talvez você queira abordar os escritos de Isaías como se estivesse aprendendo um novo idioma—familiarizando-se com a terminologia, aprendendo a conceituar a maneira de

O FIM DESDE PRINCÍPIO

pensar de Isaías e explorando o modo como as diferentes estruturas literárias influenciam a mensagem. Acima de tudo isso, é aconselhável aos que forem iniciar essa empreitada que o façam sem ideias preconcebidas ou é quase certo que se decepcionarão.

Por causa do fato de os escritos de Isaías conterem uma grande quantidade de informações, é uma boa ideia deixar os conceitos que ele ensina se desdobrarem gradualmente até que você consiga entendê-los. Ao fazer isso, uma imagem extraordinária começará a surgir em sua mente, dando-lhe uma nova perspectiva sobre a vida, sobre Deus e sobre a humanidade, proporcionando-lhe uma visão de mundo que o capacitará a lidar com crises atuais, decifrar os resultados dos eventos e saber onde se encaixam todas as peças da vida. Outras escrituras também se tornarão mais inteligíveis à medida que você perceber que os escritos de Isaías são uma chave interpretativa para todas elas. Embora você quase certamente seja mal interpretado por aqueles que se recusam a pagar o preço para entender a mensagem de Isaías, você terá a feliz garantia de saber qual é sua posição perante Deus e perante o mundo.

Avraham Gileadi, 2012

INTRODUÇÃO

Sou fascinado por profecias bíblicas desde minha lembrança mais remota. Elas, para mim, pareciam ser a prova de que Deus existe. Quando eu era criança na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, vi cidades sendo incendiadas, aviões caírem e pessoas sendo retiradas dos locais. Eu vivia com escassez e sentia o medo a meu redor. A casa de meu avô, onde morávamos, foi bombardeada. Mesmo assim, senti que essa vida deveria ter um fator redentor. Mais tarde, as profecias confirmariam aquele sentimento de que há esperança, não importa o que aconteça.

Em particular, os livros dos profetas pareciam responder a muitas perguntas sobre os acontecimentos atuais do mundo. Senti em meu âmago que os profetas antigos estavam falando tanto sobre nosso tempo, como sobre o deles. Ninguém precisou me dizer isso—“Eu apenas sabia”. E, mesmo assim, ler os escritos dos profetas era como ler livros selados. Eu queria saber qual era a chave capaz de abrir seu significado de modo a não restar mais dúvidas sobre como interpretá-los.

Opiniões Atuais sobre Escritos Antigos

À medida que cresci e pesquisei várias religiões, descobri que nem todos os leitores dos profetas se sentiam do mesmo modo que eu. Alguns cristãos acreditavam que as profecias hebraicas se referem aos tempos modernos, que a história se repete e que as coisas que os profetas previram para os tempos antigos podem acontecer de novo. Aprendi que o judaísmo

ensina que os escritos dos profetas podem ser lidos em dois níveis distintos: um relativo à época do profeta, aos eventos de seus dias, e outro relativo ao fim do mundo. As condições daquela época assemelham-se às da época do profeta, de que sua profecia teria um segundo cumprimento.

No entanto, esses pontos de vista caíram por terra com a maioria dos outros religiosos. Quase todos os estudiosos modernos da Bíblia, por exemplo, consideravam a profecia hebraica firmemente fundada na época dos profetas. Eles sentiam que não existia prova alguma de que os profetas falaram sobre qualquer coisa que não fossem seus próprios dias.

Portanto, quando jovem, estudei a Bíblia Hebraica em uma escola rabínica. Ali comecei a entender o método judaico de interpretar cada versículo de profecia em muitos níveis—literal, alegórico, histórico e tipológico. Debrucei-me sobre comentários judaicos da Bíblia e sentei-me com rabinos que revelavam diversas maneiras de interpretar os profetas. Também cursei a faculdade e aprendi que os profetas eram poetas além de serem homens de Deus. Eles organizaram seus escritos de modo que suas características literárias também significassem algo. Cada palavra poderia significar algo de acordo com o modo como era colocada, bem como o que ela expressava.

Todavia, nem a escola rabínica nem a faculdade pareciam fornecer respostas suficientes. Mas os profetas falaram a respeito de nossos dias ou não? Muitos rabinos acreditavam que estávamos vivendo na época mencionada pelos profetas, mas não conseguiam fornecer a prova que eu estava procurando. Eles eram intérpretes das escrituras, e não estudiosos literários. Os estudiosos, por sua vez, chegavam perto de captar o significado do pensamento de um profeta, mas, depois, recusavam-se a acreditar que alguém fosse capaz de saber o futuro, e entravam em contradição. Sempre que eu acreditava que estávamos vendo algo importante que apareceria para

relacionar uma profecia com nossos dias, aquilo logo se desvanecia, como a fumaça dos charutos deles.

Também descobri que o mundo erudito está repleto de inimizade e inveja acadêmica. Os estudiosos liberais da Bíblia—cujas posições sobre essas questões foram amplamente aceitas e definidas de modo concreto—menosprezavam os estudiosos conservadores, às vezes recusando-se até mesmo a reconhecê-los como estudiosos. Os estudiosos conservadores, por outro lado, riam dos argumentos superficiais dos liberais, vendo-os como incrédulos que adotaram suas posições por meio de consentimento comum, e não por uma análise honesta das provas.

Claro, sempre havia exceções à regra. Em geral, no entanto, eu considerava o mundo acadêmico hostil para com as coisas do espírito. Então, apeguei-me ao sentimento de que os profetas estavam falando sobre nossa época enquanto me esforçava ao máximo para aprender os pontos de vista aceitos a ponto de conseguir escrever sobre eles nas provas.

Prova de que o Livro de Isaías Tem apenas um Autor

Na metade de meu programa de doutorado finalmente descobri algo—uma descoberta nos livros proféticos que me ajudou a renovar a busca pela prova de que os profetas hebreus de fato falavam sobre nossos dias. Aconteceu quando eu estava traduzindo o Livro de Isaías, do texto massorético hebraico para o inglês moderno. Gostaria de publicar minha tradução para mostrar como os escritos de Isaías aparecem para refletir a condição sociopolítica de nosso mundo moderno. Escolhi o Livro de Isaías porque, de todas as profecias hebraicas, ele é o que tem mais conteúdo. É o livro de profecia mais informativo e poderoso da Bíblia, mas também o mais formidável. Ele também foi durante décadas um ponto particular de controvérsia entre os estudiosos.

Enquanto traduzia o Livro de Isaías, descobri uma série de versículos paralelos em uma parte do livro, versículo por

versículo, e em contrapartida descobri outra série semelhante em outra parte do livro. Vinte e um versículos consecutivos em um único local descrevem um falso deus, o rei da Babilônia. Esses versículos contrastavam distintamente vinte e um versículos em outro local que descreviam o Deus de Israel, o Rei de Sião. A maioria dos estudiosos concluiu que autores distintos compuseram essas partes diferentes do Livro de Isaías. Imagine minha surpresa, portanto, ao notar que essas duas seções diferentes poderiam estar tão estreitamente inter-relacionadas.

A primeira série desses versículos aparece no capítulo 14, na primeira parte do Livro de Isaías, na qual Israel ainda ocupava sua terra natal. Deus adverte Israel de que se não se arrependesse, uma potência mundial do Norte (Assíria) invadiria suas terras, destruiria seu povo e levá-los-ia em cativeiro. Os estudiosos dizem que o próprio Isaías escreveu essa primeira parte do livro. A segunda série de versículos abrange os capítulos 52–53, na parte intermediária do livro, a qual os estudiosos liberais chamam de “Segundo Isaías” (supondo que outro autor, e não Isaías, tenha escrito essa parte). Aquela parte do livro relata a dispersão de Israel entre as nações do mundo, quando Deus o exilou por causa de sua iniquidade. Como a terceira e última parte do livro prevê, no entanto, ela retornará para a terra prometida em um dia futuro de salvação.

A estreita correlação de duas partes aparentemente independentes de Isaías sugeriu-me que um único autor escreveu ambas. Além disso, o contraste versículo por versículo de Jeová, o Deus de Israel e o Rei de Sião, com um falso Deus, o rei da Babilônia, significava que Isaías tinha mais em mente do que os eventos reais de seu próprio tempo. Isso significava que ele não só lidou com personagens históricas, mas também com arquétipos que transcendem o tempo e a história e que personificam as características de bem e mal.

Aqui estavam duas passagens, separadas ao longo no texto, que descreviam os traços de caráter de um rei como sendo o

oposto do outro. Os estudiosos debateram por muito tempo sobre o rei da Babilônia no capítulo 14. Quem era ele? Esses versículos contrastantes prometiam esclarecer essa questão. Além disso, essas passagens talvez contivessem a profecia messiânica mais conhecida e mais importante de todas, a do assim chamado “Servo de Dores” no capítulo 53. Como poderíamos entender sobre esse homem de tristezas sem levar em conta o contexto completo da profecia que esses versículos correspondentes forneciam? De algum modo, os capítulos 52 e 14 eram parte integrante do que foi profetizado no capítulo 53.

Estava evidente para mim que o autor havia composto duas passagens separadas de material que estavam perfeitamente correlacionadas. Eu estava muito animado com essa descoberta; no entanto, meus professores de faculdade praticamente a ignoraram. Consideraram-na um bom começo—apenas isso. Disseram-me que são necessários dez anos de pesquisa em tempo integral para começar a fazer contribuições nesse campo. Refletindo agora, concordei com eles na época. Obtive meu mestrado apenas para perceber que eu não era mestre em nada. Meu orientador de doutorado sugeriu que Isaías era grande demais para eu enfrentar, o que me fez repensar toda a minha posição. Se eu quisesse restringir meu foco a Isaías, precisaria ampliar meus estudos muito mais do que previra.

Então, comecei um estudo intensivo da história e de textos do antigo Oriente Próximo. Descobri que Isaías usa e modifica diversas estruturas que aparecem em literaturas antigas do Oriente Próximo. Isaías provavelmente estava bem familiarizado com os escritos dos egípcios, cananeus, babilônios e hititas, pois ele usa os padrões literários desses povos de modo muito hábil. Pelo fato de cada estrutura transmitir uma mensagem própria, percebi que todas elas mereciam ser exploradas.

Vi que o campo de estudos da Bíblia estava aberto para investigação e que para entender o Livro de Isaías precisamos entender as estruturas literárias que regem o livro. Sem esse

entendimento, seria como alguém dizer que conhece o universo sem nunca ter olhado para o espaço.

Temas e Teologias Negligenciados

Comecei a notar outras coisas no Livro de Isaías também. Os estudiosos, muitas vezes, discutiram partes das coisas enquanto o todo ficava faltando. Por exemplo, alguns notaram um novo tema de êxodo. Assim como houve um êxodo dos israelitas quando saíram do Egito, outro êxodo ocorreria, um êxodo maior, partindo de todas as partes da Terra, para onde quer que Deus tenha dispersado Israel. No entanto, os estudiosos não mencionaram que o novo êxodo não passava de um dentre toda uma série de novos eventos que Isaías prevê. Descobri que Isaías conecta esse novo êxodo a uma nova Páscoa, uma nova perambulação no deserto, uma nova herança da terra prometida e assim por diante—um total de pelo menos trinta novos acontecimentos. Na verdade, Isaías usa cada evento importante no passado de Israel para profetizar o futuro de Israel. A história se repetiria, e Deus a orquestraria.

Do mesmo modo, os estudiosos haviam notado que os convênios feitos pelos antigos imperadores do Oriente Próximo com seus reis vassalos e os convênios que Deus fizera com Israel e seus reis eram parecidos. Deus estava no papel de imperador, e os reis de Israel assumiram o papel de vassalos. Os estudiosos também descobriram que um rei vassalo poderia obter ou perder a proteção do imperador, dependendo da lealdade do vassalo ao imperador. Se o rei vassalo cumprisse os termos do convênio, o imperador era obrigado a ir em auxílio do rei e de seu povo sempre que estivessem diante de alguma ameaça mortal.

Mas os estudiosos jamais classificaram o papel do rei vassalo como o de um protetor substituto. O imperador protegia o povo do rei vassalo *em nome do* rei vassalo, e não em favor do próprio povo. O rei vassalo, em outras palavras, defendia seu

povo, obtendo o livramento do imperador contra qualquer ameaça externa.

Os estudiosos também jamais aplicaram a ideia de proteção por substituição ao convênio de Deus com os reis de Israel, mas apenas vagamente aos reis vassalos em geral. A ideia de proteção por substituição ainda oscila na teologia cristã. Se conseguir entender essa ideia, você verá o significado de o Messias ser descendente do rei Davi, com quem Deus fez esse convênio.

Minha confiança crescia à medida que eu encontrava essas peças do quebra-cabeças e lentamente as montava. Eu era praticamente um estudioso iniciante. Será que eu era ingênuo o suficiente para ver essas coisas sob uma nova luz? À medida que eu me esforçava por cumprir a tarefa e prosseguir com meus estudos, cada nova descoberta literária que eu fazia me forçava a reavaliar completamente o que eu tinha aprendido até aquele momento, e, como foi o caso, a recomençar a elaborar minha interpretação da profecia de Isaías. Como meu entendimento dos recursos literários de Isaías e de sua importância haviam crescido, comecei a perceber que ele era um profeta para todas as épocas, mas particularmente, parecia, para nossos dias.

Também li textos apocalípticos, que profetizam o fim do mundo. Nesse tipo de literatura, encontrei o mesmo contraste entre Sião e Babilônia que havia encontrado no Livro de Isaías. Os escritores apocalípticos descreveram Sião como um arquétipo do bem e Babilônia como um arquétipo do mal. Essa foi outra pista a ser seguida. Será que havia um relacionamento real e comprovado entre Isaías e as profecias do fim dos tempos? Eu estava determinado a descobrir.

Uma Mensagem Complexa Apresentada de Modo Simplificado

Pelos trinta anos seguintes, o Livro de Isaías tornou-se minha principal área de estudo. Até mesmo meu programa de doutorado passara longe na tentativa de dominar esse assunto.

Aqueles anos de pesquisa apenas começaram a me mostrar a riqueza de conhecimento divino que está contida em apenas um livro de profecia. Somente um homem de Deus, um extraordinário poeta, poderia ter composto uma obra tão bela e complexa como o Livro de Isaías.

Em *O Fim desde o Princípio*, uma versão simplificada de meu trabalho acadêmico, apresento minhas descobertas aos leitores intermediários da Bíblia. Conheci centenas de indivíduos que tiveram dificuldades ao tentar entender os escritos de Isaías. A maioria começa com um profundo amor por sua poesia e com uma compreensão intuitiva de sua visão transcendente tanto dos terrores como das glórias do futuro da terra. Para todos os que amam a profecia hebraica, ofereço este livro para guiá-los através de muitas novidades, que, na verdade, são antigas, e através de verdades surpreendentes, que vocês podem não ter percebido que estavam lá.

Eu não poderia ter escrito essa versão leiga da mensagem de Isaías sem haver concluído uma obra muito mais técnica e acadêmica—*The Literary Message of Isaiah* [*A Mensagem Literária de Isaías*]. Ele examina o funcionamento interno do Livro de Isaías que os estudiosos muitas vezes ignoram ao ler a profecia hebraica e os conceitos sublimes inseridos em suas características literárias. Ao familiarizar-se com as estruturas subjacentes deste livro de profecias, suas configurações de temas, seus padrões literários, as ideias interligadas, as palavras-chave etc., o leitor conseguirá entender melhor a mensagem do que foi transmitido superficialmente.

Após ter contato com tanto detalhamento dos profetas hebreus, começamos a desenvolver amor pelos profetas, e isso é o que sinto por Isaías. Ao longo da história de Israel, vemos o amor de Deus em ação em favor de Seus filhos. Os profetas hebreus eram porta-vozes de Deus para Israel e para todas as nações. Se os juízos de Deus sobre Israel muitas vezes pareciam severos, isso ocorria porque Israel continuava hesitante em sua missão. As passagens sobre a condenação

de Israel são impiedosas. Mas creio que a bondade de Deus e Seus atos benevolentes superam Seus castigos divinos por mau comportamento.

Na verdade, o Livro de Isaías é um bom exemplo da benevolência de Deus, apesar de Seus castigos. As profecias de Isaías representam mais do que um equilíbrio entre os aspectos negativos do passado de Israel e o glorioso destino que Deus revela para seu futuro. Deus oferece muitas bênçãos para Seu povo fiel, tanto naquela época como agora. Suas promessas esclarecem nossa perspectiva de vida aqui na terra. Deus nos abençoará assim que estivermos prontos para receber Sua bênção. A leitura de Isaías afirma-nos que Deus é um pai amoroso que zela por Seus filhos e cuida de cada um deles.

Deus providenciou até mesmo uma escada com a qual podemos subir ao céu. Fazemos isso ao nos tornarmos cada vez mais como Ele é com o passar do tempo e ao adquirir Seus atributos divinos. Deus organiza nossa vida e as circunstâncias para que crescamos e cumpramos esse destino divino. Nossa trajetória será tão individual quanto nossas diferentes personalidades, mas nossa alegria com Deus será a mesma. O antigo profeta Isaías viu que essas coisas seriam assim. Por ter visto o fim desde o princípio, Isaías é um guia seguro para nós hoje em dia.

1

VISÕES DO FIM DO MUNDO

A pesquisa de um “padrão de profecia” nas profecias apocalípticas e clássicas, seus aspectos negativos e positivos e os elementos visionários recorrentes. A análise da natureza do “Dia de Jeová” de Isaías a João. A demonstração da utilização profética dos nomes das antigas potências mundiais como codinomes de potências mundiais do fim dos tempos. A definição do fim do mundo como a destruição dos habitantes iníquos da terra e a entrada em uma era milenar de paz.

Ninguém sabe realmente de que modo os profetas hebreus vivenciaram o que viram e ouviram. Eles mesmos nem sempre sabiam se estavam no corpo físico quando tinham as visões. O que eles testemunharam parece ter ocorrido diante de seus olhos, como se estivesse acontecendo naquele momento exato. No entanto, esses visionários, chamados de “videntes” na Bíblia, afirmaram ter visto e ouvido eventos que ainda acontecerão. E o que eles viram do futuro estava de acordo com o que os profetas hebreus antes deles tinham visto e ouvido.

Daniel, por exemplo, teve várias visões simbólicas do fim do mundo. Sempre que Daniel tinha uma visão, ficava perplexo

porque o que via o afetava pessoalmente, como se ele próprio estivesse envolvido com os eventos. Um anjo, a quem Daniel descreve como um “homem”, disse-lhe repetidas vezes que o que ele tinha visto ocorreria na ocasião do fim do mundo, e não em seus dias. Depois que Daniel escreveu suas visões, um anjo ordenou-lhe que selasse o pergaminho e seguisse seu caminho. O anjo disse que as visões e a interpretação delas não seriam dadas a conhecer ao povo antes do fim do mundo.

Vejamus outro exemplo. João, na ilha de Patmos, teve uma visão na qual viu e ouviu eventos no “Dia do Senhor”. Nos escritos dos profetas hebreus, o “Dia do Senhor” ou “Dia de Jeová” não é o Sabbath (ou dia santificado), mas um grande futuro Dia de Julgamento. Naquele dia, Jeová, o Deus de Israel, removerá os iníquos da terra e livrará da calamidade os que abandonarem o mal. João, em outras palavras, não estava somente vendo os acontecimentos de um domingo, como alguns têm suposto. Ele, de algum modo, estava realmente presente em um tempo ainda futuro vendo e ouvindo o mesmo tipo de coisas que os antigos profetas viram e ouviram.

O Padrão das Profecias Hebraicas

Os comentaristas da Bíblia chamam os escritos proféticos relacionados com o fim do mundo de “profecias apocalípticas”. Aos escritos que não são especificamente sobre o fim do mundo eles chamam de “profecias clássicas”. Geralmente, elas são consideradas dois tipos distintos de literatura. As profecias apocalípticas predizem os eventos que acontecerão nos “últimos dias” ou no “fim dos tempos” e descrevem o cenário do fim dos tempos. Daniel e João entram nessa categoria. As profecias clássicas predizem os acontecimentos que ocorreram nos dias dos profetas e descrevem um cenário histórico. Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias entram nessa categoria.

No entanto, todos os escritos proféticos, sejam eles sobre o fim do mundo ou não, têm elementos visionários em comum. As imagens apocalípticas que João usa, descrevendo o que ele viu e ouviu, têm suas raízes nas profecias clássicas anteriores de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Zacarias e outros. A meretriz Babilônia, o dragão, a besta, a mulher que foge para o deserto, o Cordeiro, os servos de Deus no monte Sião— todos mencionados por João—aparecem pela primeira vez em escritos proféticos anteriores a seu tempo. Assim, embora as visões de Daniel e João tenham sido inteiramente deles, não é possível separá-las das visões de outros profetas.

Na verdade, todas essas visões apoiam-se e complementam-se mutuamente. Cada uma parece fornecer parte de uma imagem maior, que faz mais sentido quando integra um grande todo. Em qualquer que seja o período da história de Israel os profetas profetizaram e, quer suas visões se refiram ao fim do mundo ou não, há um fio da meada comum que está relacionado com todas elas.

O fio da meada comum das visões proféticas torna-se mais evidente quando temporariamente deixamos de lado os detalhes de uma profecia e examinamos seu *padrão* como um todo. Se colocássemos todas as visões proféticas lado a lado, perceberíamos que seus elementos comuns formam uma imagem toda característica. Em outras palavras, as ideias centrais dessas profecias, quando examinadas todas juntas, compõem uma espécie de protovisão, uma planta das visões individuais.

Examinemos alguns exemplos. Considere o padrão dos profetas clássicos hebraicos de Isaías a Malaquias. Perceba as ideias que eles têm em comum. Todos eles falam sobre a iniquidade do povo de Deus e das nações do mundo. Todos advertem o povo de Deus a arrepender-se das transgressões. Se não se arrependerem, Deus castigá-los-á por seus pecados. No “Dia de Jeová”, Ele levantará do norte uma potência mundial cruel e opressiva que invadirá e destruirá todas as outras terras.

Muitas pessoas serão mortas enquanto outras serão levadas em cativeiro. Essas coisas constituem os aspectos *negativos* ou condenatórios da profecia clássica.

Em Sua misericórdia, no entanto, Deus preservará um remanescente justo de Seu povo naquele dia. Ele derrubará a potência mundial do mal quando o poder de retaliação dessa potência tiver acabado. O povo de Deus que se arrepende das transgressões e confia Nele, seu Criador, sobreviverá à destruição e receberá terras como herança. Segue-se a isso uma era milenar de paz, depois que os iníquos forem varridos da terra. Essas coisas constituem os aspectos *positivos* ou restauradores da profecia clássica.

O Padrão Profético na História de Israel

Vamos examinar por um momento este padrão de profecia à medida que ele se desenvolve de um profeta para outro. Nos dias de Isaías (aproximadamente de 742–700 a.C.), o povo de Deus consistia em dois reinos. A tribo de Efraim dominava o reino do norte, de Israel, e a casa de Davi liderava o reino do sul, de Judá. De acordo com o padrão sobre o qual estamos falando, a potência do norte descrita por Isaías era a Assíria. Quando as dez tribos do reino do norte de Israel caíram em iniquidade, a Assíria as destruiu e as levou em cativeiro para a Mesopotâmia juntamente com outras nações durante a vida de Isaías. Esses eventos cumpriram os aspectos *negativos* da profecia de Isaías.

Alguns de seus aspectos *positivos* também foram cumpridos na vida de Isaías, nos dias de Ezequias, rei de Judá. Outros foram cumpridos mais tarde na época de Ciro, rei da Pérsia. Mas as previsões de Isaías sobre a libertação e restauração de Israel não correspondiam exatamente a esses acontecimentos antigos porque Isaías adaptou o modo de contar a história para abranger outro período—o fim do mundo. Esses eventos antigos prenunciariam um cumprimento muito maior no “fim dos tempos”. Israel e Judá, segundo ele previu, retornariam dentre as nações da terra em um êxodo vindo dos quatro

cantos da terra. O povo de Deus receberá terras de herança permanentes e desfrutará uma era milenar de paz quando Jeová, o Deus de Israel, virá reinar sobre a terra.

Cem anos depois de Isaías, nos dias de Jeremias, (aproximadamente de 627–598 a.C.), o povo de Deus, ainda em suas terras, constituía o reino do sul, de Judá. A potência do norte era Babilônia, que repetiu o cenário da Assíria ao destruir e levar cativo o povo de Deus e outras nações. Quando o povo de Judá se tornou iníquo, os babilônios destruíram suas terras, desolaram seu templo e levaram muitos cativos para Babilônia. Esses eventos cumpriram os aspectos *negativos* da profecia de Isaías.

Mas as previsões *positivas* de Jeremias—referentes à coligação de Israel—foram novamente cumpridas apenas parcialmente nesse período. Apenas uma fração dos judeus retornou de Babilônia nos dias de Esdras e Neemias, que mal cumpriu as previsões de retorno feitas por Jeremias. Mas isso não significa que Jeremias errou em sua profecia. Nem ele nem nenhum outro profeta hebreu se limitaram ao retorno do exílio somente dos judeus. Sem exceção, as profecias de retorno para as terras que Deus havia prometido a seus pais envolviam todas as doze tribos de Israel, e não apenas a tribo de Judá. Além disso, essas profecias previram o retorno de Israel e de Judá dentre as nações no “fim dos tempos”, e não antes disso. Somente nessa ocasião, eles herdariam as terras de seus pais e desfrutariam uma era milenar de paz.

Outros profetas clássicos refletem o mesmo padrão observado em Isaías e Jeremias. Oseias, Joel, Miqueias, Ezequiel e outros profetizaram as mesmas coisas negativas, cumpridas nos dias dos próprios profetas que as profetizaram—e coisas positivas, que serão cumpridas no “fim dos tempos”. Mas temos aqui um paradoxo. Se muitos dos aspectos positivos da profecia clássica não deveriam ser cumpridos até o fim dos tempos, o que dizer dos aspectos negativos? Como o cumprimento da profecia do fim dos tempos jamais é unilateral, mas envolve ambos

os aspectos, tanto positivos *quanto* negativos ao mesmo tempo, será que os aspectos negativos da profecia clássica, de algum modo, podem ser aplicados ao fim do mundo também? Será que eles são cumpridos duas vezes: uma na época dos profetas e outra no fim do mundo?

As Ideias Principais das Profecias Clássicas e Apocalípticas

As ideias centrais das profecias apocalípticas—as profecias sobre o fim do mundo—constituem, de fato, essencialmente o mesmo padrão encontrado nas profecias clássicas: quando o povo de Deus e as nações do mundo tornam-se iníquos e não se arrependem, eles sofrem destruição e cativo nas mãos de uma potência mundial do norte; aos que se arrependem das transgressões, por outro lado, Deus os liberta dos inimigos, e eles vivem uma era milenar de paz. Os aspectos positivos das profecias, em outras palavras, jamais aparecem isoladamente; há sempre dois lados da história.

Logo, poderíamos sobrepor as profecias clássicas e apocalípticas umas sobre as outras sem acrescentar ou tirar nenhum elemento essencial de nenhuma delas. Ambas preveem coisas negativas e positivas: quando o povo de Deus e as outras nações se tornam iníquos, Deus levanta uma potência mundial do norte que invade e destrói suas terras e leva muitos em cativo; os que se arrependem das transgressões são libertados por Deus e vivem em uma era milenar de paz. A principal diferença entre as profecias apocalípticas e as clássicas é que as apocalípticas afirmam tratar *unicamente* sobre o fim do mundo. As profecias clássicas, não. Apenas os aspectos positivos das profecias clássicas, de natureza milenar, estão previstos para o fim do mundo. As características negativas das profecias clássicas baseiam-se em eventos que ocorreram na época dos profetas.

Agora analisemos os profetas clássicos Zacarias e Malaquias (aproximadamente de 520–445 a.C.). Eles viveram *depois* das invasões da Assíria e da Babilônia, e *antes* do retorno

dos judeus da Babilônia. Ambos, no entanto, previram o que acontecerá no ainda futuro “Dia de Jeová”: naquele dia, o Deus de Israel destruirá os iníquos e libertará os justos; em seguida, virá a paz milenar. Logo, essas previsões dos profetas clássicos são semelhantes às profecias que os profetas apocalípticos fizeram sobre o fim do mundo. Elas também são semelhantes às profecias que Isaías, Jeremias e outros profetas clássicos fizeram *antes* do exílio de Israel. Embora estejam cronologicamente separados, o padrão profético de todos esses profetas é o mesmo: eles preveem tanto a destruição como a libertação, mesmo que nos dias de Zacarias e Malaquias a época do julgamento supostamente já houvesse passado.

Paradoxalmente, a maioria dos estudiosos considera que as profecias de Isaías sobre o “Dia de Jeová” cumpriram-se por meio da Assíria, e as profecias de Jeremias sobre o “Dia de Jeová” cumpriram-se por meio da Babilônia. Se isso for verdade, o que acontece com as profecias de Zacarias e Malaquias sobre o ainda futuro “Dia de Jeová”? Existem muitos “Dias de Jeová” ou apenas um?

O padrão de profecia—as ideias centrais que todas as profecias hebraicas têm em comum—nos ensina que há somente um “Dia de Jeová” que cumpre todas as profecias. Aquele “Dia de Jeová” que virá em um dia futuro tem alguns precedentes em tempos antigos os quais renunciaram o que aconteceria novamente. O grande e futuro “Dia de Jeová” *será semelhante* às épocas de destruição e libertação nos dias de Isaías, Jeremias e de outros. Aquele único “Dia de Jeová”, contudo, cumprirá todas as predições proféticas, tanto as positivas como as negativas. Isso foi o que João viu e codificou em seu livro.

Os Nomes Antigos que Atuam como Codinomes

A suposição de que os profetas clássicos sabiam que suas previsões poderiam ter um segundo cumprimento—uma em sua própria época e outra no fim do mundo—torna-se mais clara quando resolvemos outro paradoxo das profecias

hebraicas: tanto os profetas clássicos como os apocalípticos lidaram com eventos futuros relacionados com potências mundiais que eles conheciam. Na maioria das vezes, essas nações eram contemporâneas ao profeta. Ou elas poderiam ter existido antes do período de vida do profeta, mas já não eram mais a potência de outrora.

Isaías, por exemplo, descreve a Assíria e o Egito como duas potências mundiais de sua época—duas superpotências. Ele prevê que, em um confronto militar, a Assíria, a potência mundial do norte, devastará e subjugará o Egito. O fato de que a previsão de Isaías foi cumprida antigamente, contudo, não exclui a possibilidade de que sua profecia poderia ter um segundo cumprimento no fim do mundo, como veremos. Daniel viu uma grande guerra que envolvia os reinos da Pérsia e da Grécia, ambas potências mundiais na época dele. Ainda assim, como o anjo lhe disse, a visão de Daniel está relacionada com o fim do mundo, e não com seus dias. João, por outro lado, teve uma visão da “Babilônia” do fim dos tempos. Nela, Babilônia assemelha-se ao antigo império babilônico que existia muito antes da época de João. Mas o que João vê é claramente uma nova Babilônia, e não a antiga.

Portanto, nomes de nações específicas podem não ajudar muito a entender a visão de um profeta, principalmente se for uma visão do fim do mundo. Os profetas não eram capazes de mencionar nomes de futuras potências mundiais como Estados Unidos, Rússia, China e assim por diante. Isso seria fácil demais e não deixaria espaço algum para que as pessoas exercessem a fé. Na verdade, em nossos dias, as potências mundiais que os profetas mencionaram não existem mais. Embora existam uma Pérsia, uma Grécia ou um Egito modernos, essas nações atuais assemelham-se às nações de antigamente somente em nome, localização e possivelmente com um pouco de uma identidade étnica. Hoje, essas nações são potências políticas relativamente insignificantes no cenário mundial em comparação com as potências que os profetas viram. As visões dos profetas sobre

o futuro refletem os antigos papéis daquelas nações como grandes potências mundiais, e não os papéis, se é que existem, de seus homônimos modernos. Então, se tentarmos equiparar o Egito moderno com o Egito antigo ou o Iraque moderno com a antiga Babilônia, por exemplo, certamente ficaremos confusos. É necessário que encontremos outra maneira de interpretar esses nomes de nações.

Uma maneira mais proveitosa de interpretar seus nomes é examinar o *padrão de profecia*. Por exemplo, se a identidade da potência mundial do norte nas profecias clássicas muda de um profeta para outro embora seu papel continue sendo o mesmo, por que o nome dessa potência seria importante? O nome não importa tanto quanto o *papel* que a potência mundial desempenha, e seu papel é fundamentalmente o mesmo tanto nas profecias clássicas quanto nas apocalípticas. No padrão de profecia, o *papel*, e não o nome, é uma constante. Então, será que todos os profetas estavam falando da mesma potência mundial do norte quando se trata do cenário do fim dos tempos? O nome dessa potência mundial em qualquer instância na história de Israel seria simplesmente um codinome de uma potência mundial do fim dos tempos, cujo papel, e não o nome, é o mais importante.

Se fosse esse o caso—se os nomes das antigas potências mundiais realmente fossem apenas codinomes de potências mundiais do fim dos tempos—então, o “rei do norte” no livro apocalíptico de Daniel seria o mesmo que o rei da Assíria, também do norte, na profecia clássica de Isaías, e o mesmo que o rei da Babilônia, também do norte, na profecia clássica de Jeremias—em se tratando do cenário do fim dos tempos. Assim, as profecias de Isaías e de Jeremias seriam também relevantes para um tempo e lugar futuros além de serem relevantes para seu próprio tempo.

As informações que esses profetas fornecem, em outras palavras, poderiam perfeitamente fornecer uma imagem muito mais abrangente do fim do mundo, ajudando-nos a determinar

quem é quem. Afinal de contas, os profetas foram visionários que viram acontecimentos até o fim dos tempos e eles poderiam tê-los representados em seus escritos de modo a encaixarem-se nos dois períodos, o deles e o do fim dos tempos. Nesse caso, assim como o futuro “Dia de Jeová” seria semelhante aos dias antigos de destruição e libertação, então, as futuras potências mundiais seriam semelhantes às antigas potências mundiais no *papel* que desempenharam.

Os Tipos de um Futuro Julgamento Mundial

Em suma, ao estudar o *padrão de profecia*, tanto das clássicas quanto das apocalípticas, concluí que na ocasião do fim do mundo acontecerá uma repetição de cenários. O julgamento e a destruição mundial dos malfeitores acontecerão e serão semelhantes aos cenários antigos de julgamento e destruição. Simultaneamente, a libertação e coligação completa do povo de Deus ocorrerá conforme prenunciado pelos cenários parciais de libertação e coligação do passado.

Nem os profetas clássicos nem os apocalípticos mencionaram a libertação e a coligação do povo de Deus como um fenômeno isolado. Quando Deus libertou Seu povo da escravidão no Egito, a libertação deles não foi completa até que os exércitos do Faraó pereceram no mar Vermelho. Sua validação como herdeiros de seus antepassados Abraão, Isaque e Jacó não estava completa até que derrotaram seus inimigos e tomaram posse da terra prometida. Do mesmo modo, a destruição mundial dos malfeitores e a coligação do povo de Deus serão formadas por dois eventos simultâneos e inseparáveis.

A libertação que virá para o povo de Deus no fim do mundo, portanto, significará a libertação de uma destruição mundial catastrófica de todas as instituições do mal. Deus libertará Seu povo da dominação de potências mundiais opressivas, assim como aconteceu nas visões de Daniel e João. Os iníquos serão destruídos naquele dia para que a tirania finalmente cesse.

Deus coligará Seu povo em terras de herança permanentes, onde eles desfrutarão uma era milenar de paz.

As profecias apocalípticas e clássicas fornecem as informações necessárias sobre esse duplo cenário. As profecias apocalípticas fazem isso ao prever diretamente o fim do mundo. As profecias clássicas preveem fundamentalmente as mesmas coisas, mas de modo mais abrangente e fornecendo precedentes ou *tipos* históricos. As profecias clássicas, em outras palavras, usam a história como alegoria do fim do mundo, antecipando o futuro “Dia de Jeová” ao descrever seletivamente os eventos antigos.

Os próprios profetas hebreus reconheceram essa dimensão tipológica da história de Israel. Eles incorporaram essa característica em suas profecias. O Profeta Zacarias, por exemplo, menciona a “Assíria” e o “Egito” como potências mundiais que Deus subjugará em um grande dia futuro de destruição e libertação. Mas a Assíria e o Egito não representavam nem mesmo uma ameaça para Israel na época em que Zacarias estava profetizando. Nos dias de Zacarias, essas nações já não eram mais reconhecidas como potências. Esse é um exemplo de como um profeta fala da ascensão e queda de duas potências mundiais futuras que serão semelhantes à antiga Assíria e ao antigo Egito. Eles simplesmente usam os nomes “Assíria” e “Egito” como codinomes.

A Assíria e o Egito—Tipos de Superpotências

Essa utilização tipológica dos nomes exige que voltemos no tempo para observar qual era a relação dessas nações com Israel quando elas estavam no auge e exerciam muita influência. A Assíria e o Egito tiveram uma relação mais proeminente com Israel na época de Isaías, muitas centenas de anos antes de Zacarias. Como toda profecia hebraica se baseia em si mesma, entendemos melhor a profecia de Zacarias sobre a “Assíria” e o “Egito” à luz do que profetas antigos como Isaías apresenta

sobre o que tinha a dizer sobre essas nações e sobre como ele as caracterizava.

Isaías descreve a Assíria como a potência militarista emergente do norte, cruel e opressora que ditava a própria lei. Com a intenção de dominar o mundo, a Assíria escravizava outras nações, tomava posse de suas terras e espalhava o medo no coração dos povos. Quando o povo de Deus e outras nações pioraram em iniquidade, a Assíria apareceu brevemente para estabelecer a paz. Então, de repente, no “Dia de Jeová”, a Assíria surgiu repentinamente como um novo dilúvio e varreu a terra. De acordo com Isaías, a Assíria conquistou e destruiu todas as terras.

Em contraste, o Egito era uma potência mundial de elite e civilizada que, na época de Isaías, no entanto, foi caindo em declínio. Isaías caracteriza o Egito como um povo diligente, mas que sofria com problemas econômicos; politicamente estável, mas que rapidamente se deteriorava; religioso, mas voltado à adoração de ídolos; com terras férteis, mas que enfrentava condições climáticas adversas. As menores nações do mundo recorriam aos potentes exércitos egípcios com suas carruagens e sua cavalaria para protegê-las contra a Assíria. O Egito era a única potência suficientemente forte para combater a Assíria. Mas Deus castigou Seu povo por pedir ajuda ao Egito. Esse tipo de confiança foi como confiar no “braço da carne”. Deus ordenou a Seu povo que O procurasse e confiasse Nele para libertá-los.

Podemos, então, prever um cenário semelhante no fim do mundo: quando o povo de Deus e as nações do mundo amadurecerem em iniquidade, uma “Assíria” do fim dos tempos invadirá e destruirá as terras de todos os povos. Ela devastará até mesmo outra grande superpotência, o “Egito”, que estará em um estado de decadência moral e política. Para aqueles dentre o povo de Deus que residem no “Egito”, no entanto, Deus enviará um Salvador, que abraçará sua causa e livrá-los-á. Daí em diante, aqueles dentre o povo de Deus que se

arreperderem das transgressões viverão em uma era milenar de paz. A terra receberá uma glória paradisíaca e, entre os homens e os animais, prevalecerá a harmonia.

A Dupla Relevância das Profecias Clássicas

Dessa forma, quando aplicamos as profecias clássicas em geral ao fim do mundo, assim como fazemos com as profecias apocalípticas, por exemplo, certos problemas paradoxais desaparecem. As supostas “profecias erradas” ou as que se cumpriram apenas parcialmente no passado, são profecias que, na verdade, aguardam para ser cumpridas no fim dos tempos. As profecias de uma paz milenar não existem isoladamente, mas não podem ser separadas das profecias do julgamento mundial de Deus. As potências mundiais chamadas por nomes antigos são *tipos* de potências mundiais modernas que desempenham papéis semelhantes aos das potências mundiais do passado.

As profecias hebraicas, apocalípticas e clássicas, portanto, nos informam sobre o fim do mundo. No entanto, quando aplicamos os aspectos negativos e positivos das profecias clássicas ao fim dos tempos, obtemos uma imagem muito mais completa do fim do mundo do que a imagem fornecida pelas profecias apocalípticas. Em vez de simplesmente relegar as partes principais das profecias clássicas ao passado, adquirimos uma compreensão mais clara dos eventos do fim dos tempos ao considerar o todo.

2

MENSAGENS CODIFICADAS NA ESTRUTURA

Avaliação do uso que o profeta Isaías faz de estruturas literárias abrangentes como meio principal de comunicar uma mensagem profética e uma ideologia divina. Explicação de como a estrutura e o conteúdo constituem duas dimensões complementares da profecia de Isaías, cada uma delas essencial para sua interpretação. Exploração da adaptação de Isaías dos padrões literários e culturais do antigo Oriente Próximo—egípcios, ugaríticos, mesopotâmicos, hititas e jebuseus—para revelar a palavra de Deus.

apenas unidimensional. Ela usa vários meios para comunicar a palavra de Deus e consiste em mais do que previsões sobre o futuro. Os escritos de muitos profetas hebreus são cuidadosamente estruturados. Em nenhum lugar isso é mais aparente do que no Livro de Isaías. Em seus escritos, Isaías captou o passado e o futuro, o terreno e o celestial, a profecia e a teologia como sendo uma coisa só.

Talvez surpreendentemente, um tipo de literatura que se compara com a de Isaías em alguns aspectos são os contos

de fadas. Isso não quer dizer que os escritos de Isaías são fictícios—longe disso. Os contos de fadas se assemelham às profecias de Isaías pois lidam com arquétipos de bem e mal. O ogro ou gigante malvado, que tenta matar o herói, mas acaba morto, corresponde ao rei da Assíria que visa aniquilar o povo de Deus. A madrasta cruel e despótica corresponde à meretriz Babilônia. Ela subjuga e oprime a donzela Sião, que representa o povo justo de Deus. As fadas madrinhas correspondem aos anjos ou mensageiros, por meio dos quais Deus intervém nos assuntos de Seu povo em tempos de crise. A equivalência do príncipe é o servo de Deus. Todos esses personagens têm papéis proeminentes nos escritos de Isaías.

Os enredos dos contos de fadas apresentam um herói ou uma heroína que deve superar provações e obstáculos para “viverem felizes para sempre”. Em certo nível, eles transmitem a mensagem de nossa própria felicidade, projetando os tormentos pelos quais devemos passar para alcançar esse objetivo. Ao mesmo tempo, eles descrevem a jornada propriamente dita, as dificuldades e os resultados para determinado herói ou heroína. Também encontramos esse duplo nível de significado no Livro de Isaías. A jornada heroica de Isaías se aplica tanto ao povo de Deus como um todo quanto aos indivíduos como, por exemplo, os servos de Deus.

Tanto Isaías como os contos de fadas ensinam que a verdadeira felicidade—a vida eterna e a glória celestial—chega somente depois que um herói e uma heroína passam por um período de muitas provações e humilhações durante o qual quase morrem. De fato, um herói e uma heroína atingem esse estado transcendental de felicidade somente quando seguem, ao pé da letra, a sabedoria superior oferecida a eles. As pessoas que recebem a mesma oportunidade, que se recusam a submeter-se à sabedoria superior, acabam como as irmãs feias ou outras personagens malvadas da história. Embora os contos de fadas não deixem claro se o castelo onde o príncipe e a princesa vivem felizes para sempre fica na terra ou no céu,

Isaías retrata seu lar paradisíaco tanto como terreno quanto celestial ao mesmo tempo.

A Estrutura e o Conteúdo—Duas Dimensões

As semelhanças nos contos de fadas e no Livro de Isaías, como os arquétipos do bem e do mal, nos dão um vislumbre da natureza literária da profecia de Isaías. Uma chave característica, no entanto—chave esta essencial para entender a mensagem de Isaías—consiste em como o livro está organizado. De fato, as estruturas literárias que Isaías utiliza para transmitir e enriquecer sua mensagem profética constituem uma dimensão interpretativa própria.

A estrutura de uma obra determina a ordem e a maneira das quais o escritor se vale para apresentar seu material—como ele organiza seu conteúdo. Ele fará um desdobramento sistemático de ideias? Quem integrará o elenco, as pessoas ou nações que serão abordadas? Haverá a solução final do conflito? E o que mais? Quando Deus ordenou Isaías profeta, Ele deu a Isaías inspiração para saber o que dizer. Mas o modo que Isaías utiliza para transmitir sua mensagem é uma questão pessoal. Ao lermos a Bíblia, não podemos deixar de notar os dispositivos literários e as diferentes técnicas que os profetas hebreus utilizam. Sua mensagem ou seu conteúdo podem ser semelhantes. Mas como eles as apresentam reflete seus talentos e habilidades pessoais.

Uma ideia importante e fundamental que nos ajuda a entender Isaías é que a estrutura de um livro *transmite sua própria mensagem* além do que lemos na superfície. Assim como escrevemos de maneiras diferentes uma carta, um poema, um conto ou um contrato, as diferentes maneiras por meio das quais o profeta organiza seu material nos diz algo sobre sua intenção. Uma estrutura que desenvolve progressivamente uma ideia sobre outra é diferente de uma sequência simples ou de uma cadeia de ideias. Uma estrutura que alterna repetidamente temas como *caos e criação* é diferente de uma série de temas que

estão perfeitamente ligados. Outro tipo de estrutura, chamada quiasma, pode ter uma ideia central com a qual as ideias adjacentes se relacionam de algum modo.

De fato, entender as estruturas do Livro de Isaías é tão importante quanto entender somente as palavras isoladamente; elas são duas dimensões distintas da mesma profecia. Segundo um velho ditado, às vezes nos encontramos em nossa zona de conforto em meio às árvores ao lidar com certos versículos de Isaías que apoiam nossos pensamentos ou nossas crenças. Ainda assim, a visão mais ampla do bosque com seus contornos, extensão e diversidade revela muito mais. Em suma, a estrutura e o conteúdo formam duas dimensões inseparáveis da profecia de Isaías, cada uma delas essencial para interpretar sua mensagem.

Assim como um escritor americano consegue usar hoje em dia técnicas literárias de outras culturas para enriquecer seu estilo, Isaías aprimora seus escritos usando os padrões literários de outras nações antigas do Oriente Próximo. Sua mensagem é, obviamente, puramente hebraica. Os hebreus sempre foram excepcionais em suas crenças e em sua visão de mundo. Isaías meramente toma emprestados padrões literários de outras nações e transforma-os para comunicar melhor sua própria mensagem profética.

Os Problemas em Casa, o Exílio no Exterior e o Feliz Retorno

Vejam, por exemplo, uma estrutura egípcia usada por Isaías. Os egípcios, muitos séculos antes de Isaías, teceram narrativas históricas em torno de três temas: *Os Problemas em Casa, o Exílio no Exterior e o Feliz Retorno*. A história de Sinuhe é um caso em questão. Sinuhe, pertencente à família real do Egito, envolve-se em uma intriga política. Ele é forçado, então, a fugir de seu país para salvar a vida. Como resultado de viver longe de casa, entre um povo e uma cultura estrangeiros, Sinuhe ganha experiência e autoconsciência. Os anos de exílio

o amadurecem. À medida que ele passa a entender a si mesmo—quem é—ele é tomado por um desejo imenso de voltar para casa. Nesse ínterim, o clima político em sua terra natal mudou. Sua vida não está mais em perigo. Pelo contrário, ele é escoltado para casa com honrarias e nomeado para um alto cargo.

Essa também é a história de Israel, e Isaías emoldura todo o seu livro em torno desse padrão de três partes. O povo de Israel também se encontra em apuros em sua terra natal (Isaías 1–39). Por causa da iniquidade, Deus exila-os entre as nações do mundo todo (Isaías 40–54). No exílio, eles interagem com outros povos e adquirem experiência e autoconsciência. Ao perceber sua verdadeira identidade—quem são—eles se arrependam das transgressões e renovam sua aliança com Deus. Nesse ponto, eles são escoltados de volta para casa em um glorioso e feliz regresso (Isaías 55–66). Deus nomeia-os sacerdotes e ministros reais para o remanescente de Seu povo, e uma era de paz milenar inicia-se.

Uma Distinção entre a História e as Profecias

A dificuldade que os estudiosos enfrentam para reconhecer os três cenários históricos do Livro de Isaías como estrutura literária tem causado controvérsia. Como seria possível alguém descrever Israel antes, durante e depois do exílio como se de fato estivesse presente nas três fases? Os estudiosos concluíram que o livro, portanto, deve ter sido escrito por autores diferentes que viveram em três períodos diferentes da história de Israel. Eles concluíram também que o terceiro cenário histórico do livro—o retorno de Israel do exílio—coincidiu com o retorno dos judeus de Babilônia.

Tais pressupostos, no entanto, sugerem que Isaías não era profeta, mas historiador. Isaías profetizou o retorno de todas as tribos de Israel, e não apenas dos judeus que retornaram de Babilônia. Ele previu que Israel e Judá retornariam dos quatro cantos da terra, e não apenas de Babilônia. Muitos judeus nunca retornaram do exílio nem todos os membros das dez tribos

do norte. A argumentação dos estudiosos é que a profecia de Isaías, portanto, deve ter falhado. Contudo, não foi a profecia de Isaías que falhou, mas os estudiosos que não conseguiram discernir uma estrutura abrangente do Livro de Isaías e recusaram-se a acreditar nas palavras de Isaías. Por meio de dispositivos literários, Isaías revela que Israel e Judá retornarão em um êxodo em massa vindos de entre as nações por ocasião do fim do mundo, e não antes disso. O retorno de Israel do exílio excederá de longe seu antigo êxodo do Egito ou o retorno dos judeus de Babilônia.

Na verdade, do ponto de vista literário, faz perfeito sentido retratar Israel em três contextos históricos diferentes. Os profetas, de fato, profetizam, e não apenas narram eventos atuais. Se Isaías fosse um visionário que via o futuro, ele descreveria suas visões como se, de fato, ele as houvesse tido. Longe de fornecer fundamentos para vários autores, essa estrutura defende um único autor—somente um autor que abrangeu o escopo cíclico da história de Israel, que viu o fim desde o princípio. Esse padrão triplo nos diz que a história de Israel não termina quando ela parte para o exílio. Ele é retomado quando Israel retorna para casa, tudo como parte do plano de Deus.

Na literatura hebraica, uma nação pode vivenciar em sua história as mesmas coisas que seu antecessor ou rei vivencia pessoalmente na vida. Nesse sentido, o antecessor ou rei personifica seu povo. Isso é chamado de o “princípio de um e os muitos”. Vários progenitores do povo de Deus, portanto, fornecem precedentes para a estrutura de três partes de Isaías. Jacó, o pai da nação de Israel, por exemplo, vivenciou o mesmo ciclo de eventos em sua vida. Quando seu irmão Esaú procurou matá-lo, Jacó fugiu para a terra de Harã. Lá, ele interage com as pessoas, casa-se e tem filhos. Ele adquire rebanhos e manadas e conquista um prestígio considerável. Nesse ponto, Deus ordena-lhe que retorne para a terra prometida. Após seu

retorno para casa, ele assume a forte posição de patriarca em Israel.

Apostasia, Julgamento, Restauração e Salvação

Um segundo ciclo de temas em torno do qual Isaías estruturou seu livro abrange a *Apostasia* (Isaías 1–9), o *Julgamento* (Isaías 10–34), a *Restauração* (Isaías 35–59) e a *Salvação* (Isaías 60–66). Isaías usa uma estrutura cananea de quatro partes para transmitir essas ideias. Ela tem origem no mito ugarítico de Baal e Anat, cuja base é um ciclo de quatro temas: ameaça, guerra, vitória e comemoração. Isaías modifica essa estrutura e a adapta para seu próprio propósito profético; ele mantém a estrutura cananea, mas altera sua essência abordando temas peculiarmente hebraicos.

Essa estrutura mostra como Israel, que nesse momento está praticando o mal, nunca esteve em uma condição pior. Ao se rebelar contra seu criador, o povo de Deus afasta-se Dele. Eles se tornaram mais semelhantes a outras nações que não conhecem a Deus. Deus, portanto, envia o rei da Assíria contra eles. Deus castiga-os por seus crimes ao permitir que outras nações governem sobre Seu povo. Mas virá o tempo quando Deus restabelecerá Seu povo, ensinar-lhes-á novamente Sua lei e enviará novamente Sua palavra entre eles. Ele clamará ao povo que se arrependam e se voltem a Ele. Então, à medida que respondem a Seu amor, Deus, na pessoa de Jeová, virá e habitará entre eles.

Muitos detalhes do Livro de Isaías preenchem essa sucessão quádrupla de temas, que aparecem também em passagens individuais. Essa estrutura mapeia novamente um futuro glorioso para Israel. Ela anuncia o fim desde o princípio. Talvez Israel já tenha violado o convênio que fez com seu Deus e já tenha sido punida por isso. Mas quando ela se arrepende de sua iniquidade, Deus leva-a de volta para a terra de sua herança, e o período de paz tão aguardado começa. Ao compreendemos essa estrutura abrangente, vemos novamente como a história de

Israel segue um plano predeterminado. Ela não termina com a destruição de Israel na época dos profetas, mas continua em um tempo futuro de restauração.

Ameaça 1, Ameaça 2 e Ameaça 3

Uma terceira estrutura abrangente que Isaías adapta é formada por um padrão literário babilônico comum na escrita que tem como base em um ciclo de três ameaças ou perigos que um herói ou uma heroína precisa enfrentar: *Ameaça 1* (Isaías 1–38), *Ameaça 2* (Isaías 39–48) e *Ameaça 3* (Isaías 49–66). No Livro de Isaías, elas são representadas por três testes pelos quais o povo de Deus deve passar com a finalidade de herdar um período de paz milenar. Os testes têm um efeito de purificação em Israel. Sempre que Israel passa nos testes, ela demonstra sua lealdade a Deus. Ao mesmo tempo, os testes retiram dentre o povo de Deus aqueles que não se arrependem de suas transgressões.

O rei da Assíria, na primeira parte do livro, representa a Ameaça 1. Israel depositará sua lealdade no rei ou em Deus? Se ela depositar sua lealdade no rei da Assíria, ela desfrutará de benefícios temporários, mas sofrerá uma perda eterna. Se ela depositar sua lealdade em Deus, haverá desafios temporários, mas o livramento e as bênçãos de Deus virão para sempre.

As idolatrias e as mercadorias que eles vendem, na segunda parte do livro, representam a Ameaça 2. Israel passará a adorar coisas feitas por mãos humanas ou adorará a Deus, seu Criador? Se ela passar a adorar ídolos, descobrirá que colocar o foco em prazeres materiais causa cegueira espiritual e, no final, ela partirá de mãos vazias. Mas se ela adorar a Deus e servi-Lo, Ele promete abençoá-la agora e para sempre. É a única maneira pela qual ela conseguirá conhecer a Deus. Ela só precisa pôr isso à prova.

Os falsos líderes, na terceira parte do livro, representam a Ameaça 3. Israel cederá à pressão das autoridades más ou confiará em Deus e aguardará sua libertação? Se ela se aliar

aos líderes religiosos e políticos que perseguem os seguidores da retidão, ela não será atacada. Mas ao seguir esse rumo, ela mesma será cortada do povo de Deus. Por outro lado, se ela se alinhar com Deus e padecer de boa vontade perseguição por causa de Seu nome, Deus, por fim, a libertará da vergonha. Ele exaltá-la-á como sua esposa à vista de todos os povos.

As Maldições e as Bênçãos do Convênio de Deus

Uma quarta estrutura abrangente é comparada aos convênios que os imperadores hititas faziam com seus reis vassalos e seus povos. Há documentos do antigo Oriente Próximo que delineiam os termos desses convênios. Eles estipulam certas bênçãos e certas maldições como resultado do cumprimento ou não cumprimento do convênio por parte de um vassalo: Se o vassalo cumpre os termos do convênio, o resultado são bênçãos ou felicidade. Se o vassalo infringe os termos do convênio, ele e seu povo sofrem castigos ou infortúnios.

O mesmo padrão acontece com o convênio feito por Deus com Israel. A observância ou não observância dos convênios por parte de Israel provocaria bênçãos ou maldições. Moisés descreveu essas bênçãos e essas maldições para Israel, a fim de que ela soubesse as consequências de suas ações (ver Deuteronômio 28). Por sua própria escolha—ao cumprir ou infringir os termos do convênio com Deus—Israel seria abençoada ou amaldiçoada.

Na primeira metade do Livro de Isaías (Isaías 1–39), Israel sofre as *Maldições do Convênio*. Israel e seus reis quebraram os termos do convênio, e todo tipo de infortúnio recai sobre ela. Na segunda metade do livro (Isaías 40–66), as *Bênçãos do Convênio* prevalecem. O povo de Deus renova sua fidelidade para com Deus e desfruta novamente Suas bênçãos. Isaías estruturou seu livro para refletir essas duas ideias principais de convênio.

No entanto, ocorrem exceções a esse padrão global. Algumas bênçãos aparecem entre as maldições, e algumas maldições aparecem entre as bênçãos. Essas exceções sugerem que nem toda a Israel precisa sofrer as maldições do convênio. Mesmo em uma época de iniquidade e calamidade, Deus ainda libertará os justos. Por outro lado, nem todos desfrutarão as gloriosas promessas de Deus. No final, apenas aqueles que observarem os termos do convênio se qualificam para receber as bênçãos de Deus.

Ao delinear o convênio que Deus fez com Israel, Moisés inverteu a estrutura hitita utilizada por Isaías. No deserto do Sinai, Moisés primeiro estipulou as bênçãos e, depois, as maldições. Na época de Isaías, no entanto, as circunstâncias de Israel tinham mudado. O reino do norte de Israel já tinha demonstrado ser infiel ao convênio e estava sofrendo as maldições. Em algum momento, de acordo com Isaías, Deus entrará em cena para trazer Israel de volta a um estado de bem-aventurança. No futuro de Israel reside a promessa das bênçãos restauradas por Deus.

A Destruição dos Iníquos / A Libertação dos Justos

Uma quinta estrutura abrangente baseia-se na ideologia de Sião que Isaías apresenta. Consiste em três ideias próximas: *A Destruição dos Iníquos* (Isaías 1–39), *A Libertação dos Justos* (Isaías 40–66) e *A Intervenção de um Rei Justo*, um descendente de Davi (Isaías 36–38). Assim como as outras estruturas, esta engloba todo o Livro de Isaías e, em geral, é quase um reflexo dessas três ideias. A mesma estrutura também ocorre em muitas passagens individuais. Na verdade, quase em todas as passagens o nome *Sião* aparece, e essas três ideias surgem interligadas de uma maneira ou de outra.

A junção dessas três ideias permite-nos entender melhor o que Isaías tem a dizer sobre Sião. O mais importante é que Sião (e/ou Jerusalém) será um lugar seguro no “Dia de Jeová”. Isaías tece toda uma ideologia ou um conjunto de princípios

em torno desse conceito—uma ideologia de Sião. O lugar Sião ou Jerusalém torna-se seguro em virtude da retidão de seu rei, que é um fiel vassalo ou servo de Deus. No caso de uma ameaça mortal contra o povo de Deus, o rei recorre a Deus e pede ajuda. Enquanto o rei demonstrar ser fiel aos termos do convênio por meio do cumprimento da lei de Deus e desde que o povo seja leal a seu rei por meio do cumprimento da lei de Deus, Ele livra tanto o rei como o povo da destruição. Deus fez esse convênio com o rei Davi e seus herdeiros; por isso, é chamado de Aliança Davídica.

Uma vez que a Aliança Davídica prevê a proteção de Deus para Seu povo, sempre que as três ideias aparecem juntas, surge uma situação em que a lealdade do rei para com Deus e a lealdade do povo para com seu rei são postas à prova. Digamos, por exemplo, que a segurança do povo de Deus em Sião esteja ameaçada por uma potência mundial do mal. Nesse caso, o rei, um vassalo fiel e servo de Deus, intercede a Deus em nome deles. Quando os termos do convênio são cumpridos, Deus destrói a potência do mal e livra Seu povo em Sião. A segurança do povo, em outras palavras, encontra-se na intercessão do rei em nome deles e na resposta de Deus a eles.

Essa estrutura tríplice pode ter origem nos jebuseus que habitavam em Sião (Salém ou Jerusalém) antes dos israelitas. É possível que os jebuseus descendam de Melquisedeque, que era um sacerdote justo e rei daquela cidade. Assim como Melquisedeque, cujo nome significa “Rei de Retidão”, os reis jebuseus incluíram a palavra “reto” ou “retidão” em seus nomes. Os jebuseus da época de Davi eram excessivamente confiantes em sua segurança antes de Davi conquistar a cidade deles para Israel. O próprio Melquisedeque, no entanto, tornou-se um exemplo de um sacerdote-rei justo para o rei Davi e seus herdeiros.

Na época de Isaías e Ezequias, a confiança na proteção de Deus era justificada. Ezequias, rei de Judá, era um descendente justo do rei Davi. Em seus dias, um exército assírio de 185.000

homens sitiou Sião, ou Jerusalém, e exigiu que a cidade se rendesse ou seria destruída (Isaías 36). Como Ezequias era fiel a Deus e o povo era leal a Ezequias, Deus ouviu o apelo feito pelo rei para livrá-los (Isaías 37–38). Um anjo de Deus enviou aos exércitos assírios uma praga, de modo que todos morreram em uma só noite. Desse modo, Deus libertou Seu povo, destruindo seus inimigos.

As Estruturas Literárias de Isaías Revelam um Plano Divino

Ao considerar essas e outras estruturas abrangentes de Isaías, creio que você começará a perceber a notável habilidade que Isaías tem de desenvolver e enriquecer sua mensagem profética. Ele não apenas se adapta a diversas estruturas literárias antigas do Oriente Próximo ao organizar seu material, mas vai abordando as camadas uma a uma. Ele desenvolve todo o seu livro em torno delas. Boa parte do conteúdo do livro, principalmente os últimos capítulos, foi escrita para adaptar esses padrões composicionais.

Quanto mais se analisam essas estruturas literárias sobrepostas, mais insensata é a ideia de que três autores escreveram o livro em épocas diferentes. Adquirimos uma visão coerente, apresentada a partir de ângulos diferentes, que transcendem todas as épocas. Sua sublime e grande variedade se estende por toda a história—é capaz de ver até o fim dos tempos. Ela coloca em perspectiva toda a experiência humana dentro de um longo tempo contínuo. Ela projeta a história de Israel de um passado distante para uma futura era milenar de paz. Por que limitar o foco a incidentes históricos isolados e não captar o significado geral da visão de Isaías? Essa sofisticada estruturação do Livro de Isaías exige uma interpretação fresca de sua mensagem profética.

Cada uma das estruturas de Isaías esconde e revela uma parte dessa mensagem, uma mensagem divina que abrange o passado e o futuro como uma coisa só. A mensagem simples-

mente não reflete o otimismo esperançoso de um mero mortal, mas em vez disso, mapeia o plano abrangente de um Deus amoroso para Israel e para toda a humanidade. Desse modo, vemos que Deus sempre procura cuidar de Seus filhos e redimi-los. As estruturas de Isaías testificam que Deus está no comando do destino humano. Elas não somente afirmam que Deus prevê o fim desde o princípio, mas preveem que a era de ouro de Israel ainda está por vir.

3

UM CICLO REPETITIVO DA HISTÓRIA

A demonstração de como Isaías prevê o fim desde o princípio profetizando novas versões de eventos antigos. A descoberta de uma sequência implícita ou cronologia dos acontecimentos do fim dos tempos que se tornam aparentes quando é feita a vinculação de novas versões de eventos antigos, seguindo um modelo ao longo do texto. Conclusão de que o fim do mundo está contido no passado de Israel, em uma repetição de antigos eventos dentro de sua própria sequência extraordinária chamada de “Dia de Jeová”.

Como Isaías nos informa, Deus “[anuncia] o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam” (Isaías 46:10). Essa pode parecer uma afirmação óbvia, vinda de um profeta. Mas já sabemos que isso não apenas significa que Deus prevê o futuro, em termos simples. A revelação de Deus é multidimensional. Ele também anuncia o fim organizando a história propriamente dita, para que o que aconteceu no princípio se repita no fim. O “fim”—ou seja,

o fim do mundo—é, então, anunciado “desde o princípio” da própria história de Israel.

O entendimento de que Deus organiza a história para que os eventos no passado de Israel se repitam no fim do mundo é essencial para entender a profecia de Isaías. Na verdade, tudo o que Isaías anuncia para o futuro tem um precedente ou um *tipo* no passado. Nesse sentido, Isaías não profetiza nenhuma novidade. Toda a sua visão do futuro—de Israel e do mundo—é formada por versões novas de acontecimentos do fim dos tempos que aconteceram em épocas antigas.

Isaías proclama que esse desdobramento da história humana, de acordo com um plano predeterminado, é prova da divindade de Deus. Somente Deus pode preordenar a história dessa maneira. Além disso, Ele fazer no futuro o que fez no passado é uma fonte de conhecimento para os que vivenciarão o fim. A história serve como guia para o povo de Deus em tempos difíceis, uma ajuda certa para identificar a realidade em meio à confusão.

O Passado Prefigura o Futuro

Na medida em que nos familiarizamos com o passado de Israel, também nos familiarizamos com muitos tipos de eventos que ocorrerão novamente no futuro. Talvez seja por isso que Deus ordena a Israel que comemore a Páscoa todos os anos. Quando as pessoas revivem a história do êxodo de Israel do Egito, a etapa de vagar pelo deserto e a herança da terra prometida, elas se preparam para esses eventos que acontecerão de novo.

Contudo, Isaías não afirma que tudo acontecerá exatamente da maneira como aconteceu da primeira vez. Em vez disso, Isaías seleciona partes de eventos passados e de eventos que não ocorreram em seu próprio tempo, os quais ele sabe que acontecerão de novo. Isaías não é o único que utiliza essa técnica; outros profetas também fazem uso dela. Jeremias e Ezequiel, por exemplo, profetizam um novo êxodo do povo de

Deus vindo de todos os países entre os quais Deus os dispersou. Jeremias prediz que o novo êxodo superará o antigo, e que o antigo êxodo já não será comemorado, apenas o novo. Ezequiel e Oseias profetizam um novo episódio no qual o povo vagará no deserto, parecido com o episódio anterior. Jeremias prediz que esses eventos, bem como Israel herdar a terra prometida, ocorrerão no “fim dos tempos”—no fim do mundo.

Isaías não detalha uma sequência passo a passo explícita de novos eventos que seguem o padrão de eventos antigos. Em vez disso, ele cria uma sequência ou cronologia implícita ao longo de seu livro. Ele desenvolve essa sequência vinculando esses eventos, seguindo um modelo, profetizando o mesmo evento várias vezes em diferentes combinações com outros eventos. Essas combinações criam vínculos reais entre alguns eventos que, a princípio, podem parecer independentes.

Veja o novo êxodo, por exemplo. Em uma parte de seu livro, Isaías prevê um novo êxodo do povo de Deus de Babilônia, um êxodo acompanhado pela presença de Deus. Em outra parte, um novo episódio do povo vagando no deserto ocorre após o novo êxodo que sai de Babilônia. Ainda em outra parte, Isaías identifica “Babilônia” como o mundo e seus habitantes iníquos, a quem o rei da Assíria destrói no “Dia de Jeová”. Em outra seção, ele anuncia que o povo de Deus retornará de toda a terra em uma época de destruição mundial.

Em outros locais, Isaías descreve o êxodo do povo de Deus vindo dos quatro cantos, dos confins da terra, para Sião. Em outra passagem, ele descreve o povo de Deus—os filhos e as filhas de Deus—saindo em massa de todas as nações e indo para Sião. Além disso, ele identifica Sião como um lugar onde a nuvem da glória de Deus forma uma cobertura que protege o povo de Deus. Por fim, ele retrata os povos de todas as nações indo em massa para Sião, o monte sagrado de Deus, nos “últimos dias” ou no “fim dos tempos”, dando-nos um prazo para o fim do mundo. Lá, em Sião, o povo de Deus que retorna recebe terras permanentes como herança. E assim por diante.

Uma Cronologia Futura de Eventos Passados

Esse vínculo e essa correlação de eventos que seguem um modelo são uma das estruturas literárias de Isaías propriamente ditas. Por meio dessa estrutura, Isaías interconecta todas as novas versões de eventos antigos em uma única sequência. Mas, uma vez que a cronologia do livro não é explícita, alguns indivíduos fazem especulações e afirmam que se trata de um conjunto arbitrário de coisas do passado. É verdade que, muitas vezes, lidamos com partes e peças de diferentes períodos da história de Israel que são agrupadas em passagens às vezes aparentemente desconectadas. Contudo, Isaías realmente reuniu essas peças em uma novíssima profecia. Essa profecia apresenta uma incrível coerência interna na interligação entre todas as partes do livro, que descreve em detalhes um momento memorável que está por vir. A ideia de vincular muitos eventos em uma única sequência—dentro de um prazo ainda futuro—pode levar algum tempo para ser aceita. Mas ao reuni-los, conseguimos identificar uma cronologia aproximada dos acontecimentos.

A cronologia de Isaías de novos acontecimentos varia de diversas maneiras do que ocorreu antigamente. Por um lado, as novas versões dos eventos ocorrem em uma ordem diferente do passado. Outra diferença é que os antigos eventos aconteceram ao longo de um período que durou vários milênios, enquanto os novos eventos ocorrem dentro de um curto período. Ao vincular a sequência inteira ao “fim dos tempos”, Isaías nos informa que as novas versões dos antigos eventos acontecerão no fim do mundo. Do mesmo modo, ao identificar que muitos desses eventos acontecerão no “Dia de Jeová”, Isaías insere o “Dia de Jeová” no fim dos tempos.

A primeira coisa a ocorrer na sequência de eventos implícita de Isaías é a apostasia ou a rebelião de Israel. À medida que lemos sobre esse evento, precisamos entender exatamente de quem Isaías fala, se da antiga Israel ou da Israel do fim dos tempos. Isso ajuda a ter mente que, antigamente Deus exilou

Seu povo—primeiro as dez tribos e depois os judeus—entre as nações do mundo. Na verdade, os judeus que mantiveram sua identidade como israelitas hoje são apenas uma minoria entre muitos israelitas que foram dispersos por Deus. Muitos judeus perderam sua identidade quando se associaram aos gentios. Além disso, as dez tribos do norte de Israel perderam-se na história quando os assírios as levaram cativas. Mas nenhuma delas está perdida para um Deus amoroso que diz, por meio de Seus profetas, que Ele se lembrará de todo o Seu povo, quer eles tenham se associado aos gentios ou não. A Israel do fim dos tempos é formada tanto por descendentes do reino do norte de Israel quanto do reino sul de Judá onde quer que eles vivam entre as nações.

As profecias de Isaías, portanto, abordam dois tipos da Israel do fim dos tempos: a primeira, composta por povos como os judeus, que mantiveram mais ou menos sua integridade étnica através de séculos de exílio; a segunda, composta por povos que se associaram a outras nações e que, então, são identificados como gentios. Por um lado, podemos nos referir a eles como a “Israel étnica” e, por outro, como a “Israel associada”.

A Apostasia Antiga de Israel como Tipo

Quando Isaías coloca a apostasia e a rebelião de Israel em primeiro lugar na sequência de eventos novos, os do fim dos tempos, ele está falando de povos que se afastaram de Deus—que transgrediram os termos do convênio com o Deus de Israel—no “fim dos tempos”, e não nos dias de Isaías. Ainda assim, esse novo evento se assemelha muito à apostasia da antiga Israel nos tipos de maldades praticadas pelo povo de Deus, fornecendo-nos um importante *tipo* histórico. Vemos esse afastamento de Deus expressado nas imagens do casamento que os profetas hebreus usam para descrever o relacionamento de Israel com seu Deus. Quando Israel quebra o convênio, Deus separa-se dela, mas não para sempre. Ele

pretende recuperá-la assim que ela abandonar seus atos de adultério e retornar a Ele.

Isaías adapta essa imagem de casamento à ideia de duas mulheres. Uma simboliza a “Israel étnica”, o povo de Deus que foi afastado no passado e com quem Deus agora se casa novamente. A outra simboliza a “Israel associada”, aquela que se casou com Deus, mas que adulterou. As duas mulheres conheceram a Jeová, o Deus de Israel, como seu marido. A primeira representa aqueles que rejeitaram a Deus antigamente, a quem Ele agora recebe de volta. A segunda representa aqueles que não muito tempo atrás eram chamados de povo de Deus, mas que agora O rejeitam.

O último grupo, e não o primeiro, é a esposa adúltera que é o tema da apostasia de Israel do fim dos tempos. Embora ambos os povos de Deus existam em todo o mundo, um, especificamente, rejeitará a Deus no fim dos tempos. Em suma, a esposa adúltera compreende as linhagens associadas de Israel—aquelas identificadas com os gentios—com quem Deus se casou em lugar das linhagens étnicas de quem Ele se afastou.

De acordo com Isaías, dois pecados principais causam a apostasia de Israel: a injustiça e a idolatria. Os pobres entre o povo de Deus são oprimidos, e muitos passam necessidades. Toda a sociedade atinge um ponto de ruptura. Subornos e assassinato são comuns. Isaías denuncia os líderes políticos de seu povo como culpados de cometer crimes repugnantes; eles haviam se tornado como os líderes de Sodoma. O povo de Deus tornara-se explicitamente imoral, como os habitantes de Gomorra. Os líderes religiosos do povo lisonjeavam-nos e alimentavam-nos com mentiras, deixando vazias suas almas famintas. O dinheiro e as coisas que ele pode comprar tornaram-se os deuses do povo.

Esses falsos deuses não poderão salvar os indivíduos no “Dia de Jeová”—o dia do juízo de Deus. Todos os que permanecerem em Babilônia e agarrarem-se a seus ídolos serão destruídos assim como a antiga Babilônia o foi. Deus destruirá Babilônia e

seus ídolos como fez antigamente. De acordo com Isaías, Deus retirará da face da terra os iníquos e pecadores, exatamente como destruiu o povo de Sodoma e Gomorra.

O Fim dos Tempos—A Destruição dos Iníquos

Com base no modo como montei o quebra-cabeças da cronologia implícita de Isaías, a seguinte série de eventos parece descrever o fim do mundo. Começaremos com os aspectos negativos da profecia de Isaías, a punição de Deus para os iníquos: Como resultado da apostasia do povo de Deus, o mundo será acometido por uma calamidade assim como na época do dilúvio. Ela virá como um dilúvio vindo do norte. Deus limpará a terra pelo fogo e pela guerra, e poucos habitantes do mundo sobreviverão.

O rei da Assíria (também chamado de rei da Babilônia) abalará e amedrontará as nações. Ele procurará aniquilar e exterminar povos inteiros. Ele fingirá paz e enganará as nações, depois as atacará traiçoeira e inesperadamente. Como um dilúvio de águas poderosas, seus exércitos invadirão todas as nações. Servirão como instrumentos da ira de Deus para provocar destruição por toda a terra. Como um flagelo de inundação, eles varrerão a terra, deixando um rastro de estragos e desastre. Eles transformarão o mundo inteiro em um deserto.

O rei da Assíria pisará povos sob seus pés e cruelmente oprimirá as nações que conquistar. Ele saqueará suas riquezas e tomará todas as terras. Ele eliminará as fronteiras das nações. Ele subjugará todos os povos e tê-los-á sob seu comando, tornando-se governante do mundo. Como um deus, ele subirá acima das nuvens e estabelecerá seu trono nos altos céus, considerando-se igual a Deus.

O “Dia de Jeová” desolará a terra. Esse dia virá como uma explosão cruel de raiva e ira. Haverá tumultos acima nos céus. A terra se abrirá, e lava sairá dela. A terra sairá de sua órbita e cambaleará de um lado para o outro como um bêbado.

Cidades inteiras transformar-se-ão em palha e pó ao vento em um só instante. Elas serão consumidas em meio a explosões tempestuosas estrondosas e pavorosas, assim como em conflagrações de fogo devorador. Essas explosões subirão em uma nuvem de fumaça em forma de cogumelo. A terra será incendiada, e as pessoas servirão de combustível para o fogo. Torres cairão, e montanhas serão removidas.

Um manto de trevas cobrirá a terra como pano de saco. As luzes do sol, da lua e das estrelas ficarão ocultas. Pragas incuráveis surgirão e erradicarão as pessoas como se erradica um verme. A terra será coberta pelos cadáveres das pessoas, que estarão espalhados como lixo pelas ruas. Aqueles que sobreviverem fugirão em pânico e viverão em absoluta miséria. As pessoas se esconderão em locais subterrâneos e covas, lamentando por não terem se arrependido a tempo. O caos, a anarquia e a desordem governarão a terra, pois toda a sociedade tornar-se-á corrupta.

Os assírios destruirão as terras do povo de Deus. Eles guerrearão contra eles e destruirão seus exércitos. Os assírios levarão o povo de Deus cativo e colocarão sobre eles pesados jugos para oprimi-los. Eles baterão neles com varas e subjugarão-os, como fizeram os egípcios. O povo de Deus será escravizado e sofrerá em cativeiro por ter rejeitado seu Deus e recusado Seu amor. Nessa ocasião, os assírios cercarão o povo de Deus em Sião e darão a opção de se renderem ou perecerem. Então, Deus descerá sobre o Monte Sião, como fez no Monte Sinai. Ele travará uma guerra contra os assírios e suas hostes que estiverem formando o cerco e consumi-los-á com Seu fogo. A voz de Deus aterrorizará os assírios, e eles perecerão.

Agora deixemos um pouco de lado os aspectos negativos da profecia de Isaías—o castigo de Deus aos iníquos—e voltemos para seus aspectos positivos, quando Deus libertará os justos. Se, por um lado, os povos rebeldes sofrem calamidades, aqueles que se arrependem e provam lealdade a Deus são salvos. De fato, quando Deus pune os iníquos e liberta os justos, esses

fatos são inseparáveis e ocorrem simultaneamente; portanto, veremos que muitos dos seguintes eventos se sobrepõem a outros mencionados anteriormente. É claro que muitos outros incidentes adicionais relacionados completam esse cenário de fim dos tempos.

A Paz Milenar para os Justos

Se, por um lado, lemos sobre terror, cativo e destruição para os iníquos, por outro, vemos uma experiência totalmente diferente para os que se arrependem do mal que praticam. Esses são os que atendem ao chamado de Deus e retornam do exílio. Assim como Deus dispersou Israel em todas as direções, do mesmo modo Ele fará a coligação de Seu povo, e eles virão de todos os países. Assim como Deus chamou Abraão para deixar seu povo e seus parentes e entrar na terra prometida, do mesmo modo eles se reunirão vindo dos confins da terra. Assim como Ló e suas filhas fugiram da desolação ardente de Sodoma e Gomorra, do mesmo modo esse povo disperso virá das nações bem a tempo de escapar da desolação que acometerá todas as nações.

O anjo destruidor passará por eles como passou pelos israelitas no Egito. Deus tanto salvará Seu povo como também destruirá seus opressores. Eles voltarão para a terra prometida em um êxodo em massa como aconteceu no êxodo do Egito. Dessa vez, no entanto, a trajetória de Israel passará por cima de todos os elementos que estiverem no caminho. O povo de Deus atravessará fogo, mar e rios. Eles vagarão por territórios selvagens e desertos como aconteceu antigamente. As cadeias de montanhas servirão de estradas para esse retorno.

Deus guiará Seu povo e os protegerá contra seus inimigos. Ele os guiará a nascentes de água e fornecer-lhes-á alimento. O calor do sol não os oprimirá. Os animais selvagens não os ferirão nem os perturbarão. Uma nuvem de glória os cobrirá e protegerá, assim como protegeu Israel contra os egípcios. Haverá uma coluna de nuvem de dia e uma de fogo à noite.

O novo êxodo do povo de Deus não será em meio a pânico ou temor. Será como a antiga peregrinação festiva de Israel até Sião. Aqueles a quem Deus livrar da destruição entoarão cânticos de salvação enquanto estiverem marchando de volta para casa. Eles tocarão flautas, tambores e instrumentos de cordas ao percorrerem o caminho em direção à montanha de Deus.

Eles virão para Sião em regozijo no fim do mundo, deixando para trás seus sofrimentos e tribulações. E, por terem sofrido ridicularizações e passado vergonha por serem fiéis aos convênios feitos com Deus, Ele lhes dará alegria eterna. Por terem sido roubados, oprimidos e tratados injustamente, receberão de Deus uma herança eterna.

Deus providenciará para o povo de Seu convênio um libertador que os conduzirá assim como Moisés conduziu Israel. Como Moisés, esse libertador livrará Israel de seus opressores. Ele chamará o povo de Deus dentre todos os países para Sião. Ele ensinar-lhes-á a lei de Deus e estabelecerá a justiça e a retidão entre eles. Seu trabalho de livrar o povo de Deus será como o alvorecer da luz antes de o sol nascer. Deus ungará Seu servo e dar-lhe-á autoridade, o que tornará possível a obra de livrar o povo de Deus.

O servo de Deus reconstituirá as tribos de Israel e designará terras de herança, como fez Josué. Ele unirá Efraim e Judá, como fez Davi. Ele restaurará as terras às respectivas nações, como fez Ciro. Ele derrotará os exércitos invasores assírios em batalha, assim como Gideão derrotou os midianitas. Ele e o povo de Deus reconstruirão Jerusalém e seu templo. Eles restaurarão as cidades desoladas, como fizeram os antigos israelitas. Eles restituirão as terras de sua herança e, de lá, se espalharão por toda a parte da terra.

Deus nomeará juízes e líderes justos que governarão Seu povo com justiça e equidade. O próprio Deus, na pessoa de Jeová, reinará entre eles. Sua presença amorosa entre eles será como a luz do sol. Deus fará um novo convênio com Seu povo—

um convênio incondicional—como fez com os antepassados de Israel, Abraão, Isaque e Jacó.

O Deus de Israel habitará com Seu povo em Sião como habitou com Israel no deserto do Sinai. Sião se tornará o paraíso de Deus quando Deus reconstruir a terra e regenerar Seu povo. O povo de Deus viverá por muito tempo, como seus antepassados viviam antigamente, e desfrutarão uma paz milenar.

O que Se Fez, Isso Se Fará Outra Vez

Essa ligação de eventos passados para criar uma sequência de eventos do final dos tempos nos explica o que Isaías quis dizer quando se referiu ao “Dia de Jeová”. Esse dia é um ciclo de novos eventos que seguem o padrão de eventos que aconteceram no passado e que unem o passado e o futuro em um todo.

A estrutura em efeito dominó de Isaías tem interconexões e relatos em todas as partes do Livro de Isaías. Ele descreve um único cenário de final dos tempos. Na verdade, uma vez iniciada, toda a sequência de novos eventos se desdobra rapidamente, como em um efeito dominó. É muito melhor analisar as estruturas abrangentes de Isaías do que esculpir todas elas em fragmentos separados e, em seguida, tentar entendê-las! É muito mais significativo olhar para o todo do que atribuir a cada segmento algum incidente do passado!

Deus nos adverte por meio de Seu profeta Isaías: “Não vos lembreis das coisas passadas. Eis que farei uma coisa nova” (Isaías 43:18-19). Mas Deus não fará algo que pegará Seu povo justo desprevenido. Ele fará o que já fez antes. Ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. O futuro está contido no passado; portanto, deixemos o passado nos ensinar sobre o futuro! Como o escritor de Eclesiastes diz: “O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se fará; de modo que nada há de novo debaixo do sol. Há alguma coisa de que se possa dizer: ‘Vês isto,

O FIM DESDE PRINCÍPIO

é novo?’ Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós”
(Eclesiastes 1:9-10).

4

O CONVÊNIO DE DEUS COM ISRAEL

Análise de como os convênios definem a relação de Deus com Seu povo e com os indivíduos, constituindo o âmbito no qual Deus age em todos os momentos e intervém na história humana. Análise dos convênios de Deus com Israel, com os antepassados de Israel e com o rei Davi. Observações sobre os aspectos condicionais e incondicionais dos convênios realizados no antigo Oriente Próximo entre imperador e vassalos e sobre as condições desses convênios para obter proteção divina.

Todos os convênios que Deus faz definem Sua relação com Seu povo e com os indivíduos. Como Deus espera de Israel, Ele próprio atua em todos os tempos no âmbito dos convênios que faz. De fato, Deus nada faz, quer antigamente ou no fim dos tempos, a menos que essa ação esteja de acordo com as condições do convênio segundo as quais Ele opera. Mesmo quando Deus intervém na história da humanidade, Suas ações decorrem de relações de convênio que criam a ocasião para essa intervenção.

Os Convênios Condicionais e Incondicionais

A Aliança do Sinai—o convênio que Deus fez com Seu povo, Israel, no deserto do Sinai—era um convênio condicional. Em outras palavras, as bênçãos ou os privilégios desse convênio precisavam ser conquistados de acordo com os termos e as condições do convênio. Se Israel não cumprisse os termos do convênio, haveria pragas ou maldições como consequência. A Aliança do Sinai difere dos convênios que Deus fez com os antepassados de Israel, Abraão, Isaque e Jacó. Com eles, Ele fez convênios incondicionais. Deus prometeu-lhes bênçãos e privilégios como um presente. No entanto, esses convênios vieram somente depois que os antepassados de Israel provaram fidelidade a Deus em todas as circunstâncias. Deus testou cada um dos antepassados, e todos eles passaram no teste.

As bênçãos dos convênios de Deus com Abraão, Isaque e Jacó eram uma terra prometida, uma posteridade duradoura e a proteção de Deus. Deus lhes deu a terra de Canaã. Ele também prometeu que sua descendência continuaria e aumentaria por todas as gerações do tempo e por toda a eternidade. Seus descendentes se tornariam tão numerosos quanto a areia do mar e as estrelas no céu. Quando Faraó, rei do Egito, escravizou os israelitas e começou a matar Seus filhos, Deus adotou algumas medidas para preservar a posteridade de Abraão, Isaque e Jacó, com quem Ele estabelecera um convênio. Como uma mulher em trabalho de parto, Israel deu à luz um “filho”—Moisés—a quem Deus levantou como libertador de Seu povo.

No deserto do Sinai, Deus oficialmente tornou Israel uma nação. A finalidade da Aliança do Sinai, que Deus fez *com a nação* de Israel era elevá-la de um plano inferior para um plano superior tanto espiritual quanto físico—o mesmo estado exaltado no qual se encontravam seus antepassados. Por intermédio de Moisés, o libertador de Israel, Deus tirou uma nação, Israel, de outra nação, o Egito, por meio de milagres. Em certo sentido, o Egito deu à luz Israel. Deus criou as circunstâncias especiais que envolveram o êxodo de Israel do

Egito para enobrecer e elevar Seu povo. Naquela época, Israel tornou-se o povo do convênio de Deus, e Ele se tornou o Deus deles. Deus procurou fazer de Israel um exemplo para todas as nações, um testemunho do que Ele poderia fazer por todos os povos por meio de Israel.

Antes do êxodo do Egito, os israelitas não eram oficialmente o povo de Deus. Eles eram simplesmente os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó, tanto quanto muitas pessoas são hoje. Deus não os livrou do Egito considerando nenhum direito ou privilégio deles. Por conta própria, eles não poderiam reivindicar as bênçãos de nenhum convênio, pois não haviam feito nenhum. Deus libertou Israel do Egito por causa de Seus convênios com os antepassados de Israel, que eram Abraão, Isaque e Jacó. Quando o povo de Israel estava em perigo no Egito, Deus Se “lembrou” de Seu convênio com seus antepassados e livrou seus descendentes.

O Significado de Fazer Convênios

Você pode se perguntar por que tais coisas incomuns aconteceram aos israelitas quando saíram do Egito e por que esses eventos são tão detalhados no relato bíblico. Na verdade, o êxodo de Israel do Egito estabeleceu um precedente histórico para o que Deus faria no fim dos tempos. Entretanto, tudo o que aconteceu entre Deus e Israel foi determinado pelas relações de convênio e ocorreu dentro da estrutura de um convênio. Portanto, o que ocorrerá no fim dos tempos também será determinado por relações de convênio.

Mesmo que Deus tenha prometido aos antepassados de Israel uma terra em herança como bênção incondicional, Israel não poderia simplesmente chegar até ela e possuí-la. Se ela o fizesse, seria como qualquer outra nação agressiva e se sujeitaria a graves perigos. Em vez disso, Israel precisava obter a terra por si mesma como a bênção resultante de um convênio. O convênio que Deus fez com Israel *como nação* proporcionou os meios pelos quais ela poderia obter a terra.

Os paralelos entre o convênio de Deus com Israel e os convênios entre imperador e vassalos realizados antigamente no Oriente Próximo fornecem mais esclarecimentos sobre a natureza dos convênios de Deus. Os documentos de convênios realizados antigamente no Oriente Próximo delineiam muitas coisas dadas por entendidas no cenário cultural da Bíblia. Nos convênios realizados entre os imperadores do Oriente Próximo e seus reis vassalos, por exemplo, um imperador representava o “senhor” e “pai” de seus reis vassalos, enquanto um vassalo representava o “servo” e o “filho” do imperador. Sob esse sistema feudal, o imperador concedia ao rei vassalo uma terra—uma terra prometida—sobre a qual ele governava. Quando o vassalo cumpria a lei ou os termos do convênio realizado com o imperador, o resultado era felicidade ou as bênçãos do convênio.

O imperador comprometia-se a proteger um vassalo fiel e seu povo contra o perigo mortal. Qualquer potência externa que ameaçasse um vassalo leal era considerada “inimigo comum” do imperador e do vassalo. Um vassalo demonstrava “amar” o imperador quando cumpria a lei imposta por ele. No entanto, as pragas ou maldições do convênio eram inevitavelmente o resultado da deslealdade de um vassalo ao imperador.

Às vezes, os imperadores antigos do Oriente Próximo também faziam convênios diretamente com um povo ou uma nação. Nesse caso, o povo ou a nação tornava-se “servo” ou vassalo do imperador. Então, quando Deus fez um convênio com Israel no Sinai, ela, *como nação*, tornou-se “serva” ou vassala de Deus, e, portanto, responsável por si mesma. Era como se Deus tivesse feito um convênio individual, mesmo que o “indivíduo” fosse toda uma nação. Todas as bênçãos e os privilégios do convênio seriam dela enquanto toda a nação se mantivesse fiel a Deus. Do mesmo modo, as maldições do convênio seguir-se-iam à deslealdade de quaisquer pessoas

dentro de Israel. Levou quarenta anos pelo deserto do Sinai para Israel, por fim, cumprir os termos do convênio *como nação*.

Na época do êxodo do Egito, Deus mostrou a Israel o que Ele poderia fazer ou faria por ela caso Lhe fosse fiel. O êxodo foi uma demonstração do poder que Deus tem para agir em nome de Seu povo. Deus Se revelara a Israel como um Deus onipotente e benevolente, um Deus disposto a amá-la como amou seus antepassados—um “amor” no sentido de convênio. Naquela época, enquanto ela obedecia a palavra de Deus, como Moisés a revelara, tudo corria bem. O que Deus fez por ela durante o êxodo, no entanto, foi por causa de seus antepassados, conforme mencionado.

Por ter feito convênio diretamente com Israel, Deus a protegeria para o próprio bem dela. As bênçãos do convênio de Deus seriam, então, diretamente dela. Ela mesma, *como nação*, teria o controle da situação. Além disso, Israel poderia, então, se escolhesse, ir em frente e obter os mesmos privilégios de seus antepassados. Como Deus fizera convênios incondicionais com Abraão, Isaque e Jacó, Ele também poderia fazer esse tipo de convênio com Israel ou com indivíduos dentro de Israel. Para essa finalidade, a Aliança do Sinai foi um degrau.

As dez pragas que Deus enviou sobre os egípcios foram novamente por causa dos antepassados de Israel. No antigo Oriente Próximo, as pragas ou maldições do convênio sobrevinham a qualquer vassalo que provasse ser desleal para com o imperador. Mas essas mesmas maldições, como nesse caso, sobrevieram também aos que infringiam os direitos de um vassalo leal. Ao escravizar Israel e matar os filhos de Israel, o Egito infringira os direitos de Abraão, Isaque e Jacó. O convênio de Deus com os antepassados de Israel tornou possível a continuidade e o aumento de sua posteridade. Posteridade essa que os egípcios colocavam em perigo naquele momento. Como Deus fez convênio com Israel, no entanto, Ele afligiria com pragas ou maldições qualquer nação que infringisse os direitos de *Israel*. Seus inimigos não conseguiri-

am prevalecer contra ela enquanto ela cumprisse os termos do convênio.

Israel é Responsável por Si Mesma

As vantagens da Aliança do Sinai eram óbvias, mas seria difícil observar os termos dessa aliança *como nação*. Toda a experiência de Israel no deserto do Sinai envolvia a constante extirpação de agressores. Pouquíssimo tempo depois de Deus ter feito convênio com Israel, ela fez e adorou um bezerro de ouro. Somente a intervenção de Moisés impediu que Israel perecesse naquela época com as maldições resultantes da quebra do convênio. Moisés contava com o convênio de Deus feito com Abraão, Isaque e Jacó a fim de poupar Seu povo. No entanto, toda a geração de indivíduos que havia pecado morreu no deserto. Deus tinha que cumprir os termos de dois convênios diferentes feitos por Ele. Ele foi obrigado a infligir maldições sobre aqueles que pecaram no deserto e ao mesmo tempo, precisava preservar a posteridade de Abraão, Isaque e Jacó.

A nova geração de Israel que herdou a terra prometida depois de anos vagando no deserto era fiel a Deus *como nação*. Moisés ensinou-lhes a lei do convênio para que todos cumprissem seus termos. Eles poderiam, então, desfrutar as bênçãos do convênio. Eles receberiam não apenas a terra prometida, mas também a proteção de Deus. Sua posteridade aumentaria e prosperaria na terra enquanto eles fossem fiéis a Deus. Nenhuma força externa poderia impedi-los de prosseguir e provar fidelidade em todas as circunstâncias, como Abraão, Isaque, e Jacó provaram.

Uma breve perda da proteção de Deus, no entanto, anunciava que coisas piores estavam por vir. Tal falta de proteção ocorreu quando Israel conquistou a terra prometida e os israelitas expulsaram os cananeus idólatras. Quando um soldado israelita tomou ilegalmente os despojos de guerra, todo o exército de Israel sofreu um revés. Por sua transgressão, o

soldado tinha colocado em perigo todo o povo de Israel. Depois que as pessoas identificaram o transgressor e o mataram, Deus voltou a proteger Israel. Como esse incidente mostrou mais uma vez, a vontade de Deus em abençoar Seu povo dependia do cumprimento dos termos do convênio *como nação*.

Como é possível imaginar, seria difícil fazer com que todo o povo permanecesse completamente fiel. Após a morte de Moisés e de Josué, a condição de Israel se deteriorou. Agora que ela havia herdado a terra prometida, Israel tornara-se descuidada. Em vez de cumprir os termos do convênio, as pessoas começaram a fazer o que era certo a seus próprios olhos. Não demorou muito até que as bênçãos do convênio começaram a falhar e as maldições do convênio entraram em vigor.

Quando as nações vizinhas viram a fraqueza de Israel, elas atacaram-na. Até esse ponto, Deus tinha livrado Israel de todos os seus inimigos. Quando ela transgrediu os termos do convênio, seus inimigos obtiveram poder sobre ela. Quando tomou posse da terra prometida, Israel derrotou muitas nações. Agora ela mesma estava prestes a ser derrotada. A condição de Israel tornou-se desesperada—ela estava enfrentando destruição e escravidão. Todavia, seu povo não fez nenhum esforço adicional para endireitar as veredas.

O Papel do Rei em Israel

Os anciãos de Israel perceberam, naquela época, que Israel não conseguia mais cumprir os termos do convênio *como nação*. Os filisteus estavam prestes a desferir o golpe mortal em Israel. Então, os anciãos pediram ao profeta Samuel que lhes ungesse um rei a fim de unir as tribos divididas e guiá-las em batalha contra seus inimigos, como Josué tinha feito. Os juízes de Israel, que haviam governado o povo por algum tempo, nunca

conseguiram realizar tal proeza. A principal preocupação dos anciãos de Israel era conseguir proteção para o povo.

A primeira resposta de Samuel foi politicamente correta, lembrando a Israel que Jeová, o Deus dela, era seu rei—seu imperador—e que ela era Seu vassalo. Se ela guardasse a lei de Deus, ou os termos do convênio, Deus a protegeria. Deus estava obrigado por convênio a socorrer Seu “servo” em caso de ameaça mortal. Ele aniquilaria o “inimigo comum” enquanto Israel Lhe fosse fiel. Ao pedirem um rei humano, Israel rejeitou Jeová como Seu rei.

Mas as opções com que Israel deparava eram limitadas. Pois ela voltar a ser completamente fiel a Deus *como nação* naquele ponto seria praticamente impossível. Para alcançar tamanho grau de fidelidade, era necessário que circunstâncias especiais ocorressem novamente. Moisés precisou instruir Israel durante duas gerações no deserto para elevá-la a esse nível. Naquela ocasião, Israel tinha se afastado muito de Deus, e foi necessária uma ação imediata para evitar a aniquilação pelos inimigos. Além disso, Israel já não podia apelar para a o convênio que Deus havia feito com seus antepassados Abraão, Isaque e Jacó, embora esse convênio ainda estivesse em vigor. Israel tinha feito convênio diretamente com Deus; portanto, ela mesma era responsável por obter a proteção de Deus. Foi necessário um plano inteiramente novo, um plano que permitisse conseguir novamente a proteção de Deus, mas sem revogar os convênios anteriores que Deus tinha feito.

Os anciãos de Israel entenderam que, por causa das circunstâncias, Israel precisava novamente de um libertador como Moisés, não necessariamente um profeta, mas alguém que fosse carismático o suficiente para unir e conduzir Israel como Moisés e Josué fizeram. Então, Deus concordou com o pedido que Israel fez para ter um rei e instruiu Samuel a ungir Saul. Em seu trabalho de parto, Israel novamente deu à luz um “filho”—o rei de Israel—que se tornaria seu Salvador.

Saul, porém, caiu em desgraça e provou ser desleal ao ir contra a palavra de Deus. Então, Deus orientou Samuel a ungir Davi como rei de Israel no lugar de Saul, que havia morrido. Ao contrário de Saul, Davi teve a graça de Deus e provou fidelidade a Ele em todos os momentos (exceto algum tempo depois quando aconteceu o caso de Urias). Deus deu poder a Davi para subjugar os inimigos de Israel até que não fossem mais uma ameaça.

O Convênio de Deus com o Rei Davi

Depois de Davi provar ser fiel em todas as circunstâncias, Deus fez um convênio incondicional com ele como prova de Seu “amor” por Davi. Como em outros convênios incondicionais, Deus garantiu a Davi uma terra prometida e uma descendência duradoura. Esse convênio era novamente semelhante aos feitos pelos imperadores no antigo Oriente Próximo. Uma categoria de tais convênios era chamada de “Pacto de Concessão”. Se um rei vassalo provasse fidelidade a um imperador em todas as circunstâncias, o imperador faria com ele um Pacto de Concessão. Tal convênio era um presente que ressaltava o “amor” do imperador pelo vassalo. De acordo com os termos desse convênio, o imperador era conhecido como “pai” do vassalo, e não apenas como seu “senhor”, e o vassalo era conhecido como “filho” do imperador, e não apenas como seu “servo”.

Nos Pactos de Concessão, depois que um vassalo provava ser leal ao imperador em todas as circunstâncias, o imperador concedia-lhe uma terra sobre a qual ele e seus herdeiros poderiam governar para sempre. Além disso, o imperador comprometia-se a proteger o vassalo e seu povo contra qualquer ameaça mortal, enquanto o vassalo permanecesse leal a ele.

Como o “senhor dos exércitos”, o imperador reunia seu exército e os exércitos de seus vassalos para aniquilar seu “inimigo comum”. Se um herdeiro ou descendente do vassalo

se mostrasse desleal, por outro lado, o imperador o substituíria por um descendente que *fosse* leal ao imperador. Desse modo, o imperador preservaria a linhagem e o povo do vassalo, como havia prometido.

Cada uma dessas características do Pacto de Concessão do antigo Oriente Próximo aplicava-se ao convênio de Deus com o rei Davi. Davi era conhecido como “servo” e “filho” de Deus, e Ele era chamado “Senhor” e “Pai” de Davi. Deus garantiu a Davi uma linhagem constante de herdeiros que se assentariam no trono de Davi, bem como uma terra na qual eles poderiam habitar.

Além disso, como acontece em convênios entre imperador e vassalo, Deus prometeu proteger tanto o rei como o povo, enquanto Davi permanecesse fiel a Deus. O oposto também aconteceria: o rei perderia a proteção de Deus, para si e seu povo, se fosse desleal. Na ocasião em que Davi pecou, por exemplo, uma praga matou milhares. Como podemos ver, o bem-estar de Israel e sua sorte estavam nas mãos do rei de Israel. Davi e seus herdeiros ao trono, de fato, agora representavam um tipo de substitutos de Israel sendo mediadores perante Deus a fim de obter proteção para Israel. Portanto, embora o convênio que Deus fizera com o rei Davi fosse incondicional, a cláusula de proteção desse convênio permaneceu condicional.

Davi, sendo um rei leal, tornou-se o meio pelo qual Deus livrou Israel de todos os seus inimigos. Na verdade, o reinado de Davi deu início a uma era de ouro para Israel. Davi e seu filho Salomão tornaram-se imperadores sobre as nações do antigo Oriente Próximo. Por um lado, eles desempenharam o papel de “servos” e “filhos”—dos reis vassalos—com relação a Jeová, o Deus de Israel, que atuou como seu “Senhor” e “Pai”, ou imperador. Por outro, eles cumpriram o papel de “senhores” e “pais” dos reis vassalos de seu império, que atuaram como *seus* “servos” e “filhos”.

O convênio de Deus com o rei Davi—a Aliança Davídica—alterou as circunstâncias de Israel. Para obter a proteção de

Deus frente a uma ameaça mortal, Israel já não precisava permanecer fiel a Deus *como nação* cumprindo os termos da Aliança do Sinai. Era preciso apenas que ela fosse leal a seu rei e cumprisse a lei do rei. Mas essa situação também significava que as bênçãos de Israel refletiriam a fidelidade ou infidelidade a Deus por parte de seu rei. Tudo agora dependia do fato de o rei cumprir a lei de Deus. Em vez de estar a um passo de alcançar o patamar de seus antepassados, Israel estava agora um passo atrás. Em vez de Israel provar fidelidade a Deus em todas as circunstâncias, ela deixou a tarefa para seu rei.

Israel no Exílio entre os Gentios

Dentre os reis de Israel que sucederam Davi, poucos foram leais a Deus. Depois do rei Salomão, a condição de Israel deteriorou-se rapidamente. O reino de Israel dividiu-se em dois quando Jeroboão se separou do filho do rei Salomão e passou a governar as dez tribos do norte de Israel. Nenhum dos reis do reino do norte foi fiel a Deus. Eram tão poucos os reis fiéis do reino do sul que em vários séculos de governo davídico toda a Israel foi exilada de sua terra. A Assíria destruiu e levou cativo o reino do norte (Israel), e Babilônia, o reino do sul (Judá). Israel havia, por fim, perdido a proteção de Deus.

Com o exílio, as circunstâncias de Israel mudaram de novo. Alguns dentre o povo mantiveram sua integridade étnica entre as nações do mundo. Muitos outros se associaram às nações e, como elas, passaram a ser contados com os gentios.

O convênio de Deus com Davi, no entanto, foi incondicional. Davi sempre teria um herdeiro ou herdeiros governando o povo de Israel. O profeta Jeremias, que viveu na época em que Babilônia destruiu Judá, reafirmou a promessa de Deus para Davi. Ele profetizou que os herdeiros de Davi continuariam a governar em Israel para sempre—enquanto houvesse dia e noite: “Nunca faltará a Davi homem que se assente sobre o trono da casa de Israel. . . . Se puderdes invalidar o meu convênio do dia, e o meu convênio da noite, de tal modo que não

haja dia e noite a seu tempo, também se poderá invalidar o meu convênio com Davi, meu servo, para que não tenha filho que reine no seu trono” (Jeremias 33:17, 20–21).

Ezequiel, que profetizou no exílio de Judá, previu em uma alegoria que Deus levaria os herdeiros de Davi para outras terras. Lá, no exílio, eles reinariam sobre Israel e ganhariam notoriedade novamente: “Também eu tomarei do topo do cedro alto, e o plantarei; do principal dos seus renovos cortarei o mais tenro, e o plantarei sobre um monte alto e sublime. No monte alto de Israel o plantarei, e produzirá ramos, e dará fruto, e se fará um cedro excelente; e habitarão debaixo dele todas as aves de todo tipo de asas, e à sombra dos seus ramos habitarão. Assim, saberão todas as árvores do campo que eu, o Senhor, abaixei a árvore alta, alcei a árvore baixa, sequei a árvore verde, e fiz reverdecer a árvore seca” (Ezequiel 17:22–24). Talvez essas profecias expliquem porque algumas das famílias reais proeminentes do mundo traçaram sua linhagem até o rei Davi. Essas profecias também permitem considerar a existência de outras terras prometidas além da primeira.

Deus Faz um Novo e Milenar Convênio

Isaías pega o fio da meada de todos os convênios que Deus fez e profetiza qual será o resultado. Ele prevê que no fim do mundo Deus criará novamente circunstâncias especiais para abençoar Seu povo. Então, aqueles que retornarem do exílio cumprirão os termos do convênio feito com Deus *como nação*. Quando Seu povo provar ser fiel em todas as circunstâncias, Deus fará com eles um convênio incondicional—um Pacto de Concessão. Eles viverão para desfrutar Suas bênçãos durante o milênio de paz na terra. Eles serão como Abraão, Isaque e Jacó, seus antepassados.

De acordo com Isaías, o convênio milenar de Deus será um composto de todos os convênios antigos que Deus fez, mantendo todos os seus aspectos positivos. Deus fará o novo convênio com Seu povo *como nação*, como a Aliança do

Sinai. Deus dará em herança a Seu povo terras permanentes, como um presente, assim como fez em Seu convênio com os antepassados de Israel, que eram Abraão, Isaque e Jacó. Deus perpetuará a posteridade de Seu povo por todas as gerações do tempo e por toda a eternidade, como prometeu a Abraão, Isaque e Jacó.

Deus protegerá Seu povo contra seus inimigos, como fez sob os termos da Aliança Davídica. Ele dará a Seu povo Seu Espírito Santo, assim como fez no convênio com os levitas, os sacerdotes. Deus fará o novo convênio após uma destruição mundial dos iníquos, assim como fez com Noé depois do dilúvio.

Em seu trabalho de parto no “fim dos tempos”, Israel dará à luz outro “filho”—um libertador—um herdeiro fiel e descendente de Davi. O “servo” de Deus preparará o caminho para a vinda de Jeová, que reinará sobre a terra. Ele mediará o convênio de Deus com Israel como Moisés mediou a Aliança do Sinai. Também conclamará Israel em um êxodo que sairá de todas as nações em direção à segurança em Sião. Ele provocará o nascimento de uma nova nação que será o povo de Deus no “Dia de Jeová”, assim como Moisés provocou o nascimento de Israel antigamente. Então, Deus exaltará Seu povo do convênio perante todas as nações como testemunho do que Ele pode fazer por *elas*.

5

AS IDEOLOGIAS DE SIÃO E BABILÔNIA

Análise de uma estrutura síncrona de Isaías com sete pares de temas opostos: (1) Ruína e Renascimento; (2) Rebelião e Obediência; (3) Punição e Libertação; (4) Humilhação e Exaltação; (5) Sofrimento e Salvação; (6) Deslealdade e Lealdade; (7) Deserção e Herança. Conclusão de que Isaías usa a história de Israel como alegoria do fim do mundo e ensina uma teologia de salvação e exaltação que considera duas ideologias opostas.

Descrevi algumas das descobertas que fiz no Livro de Isaías quando me propus à tarefa de descobrir sua chave. Veremos o porquê de eu me animar tanto com as descobertas. Elas lançaram uma nova luz sobre a profecia hebraica em geral e sobre o Livro de Isaías em particular. No entanto, a melhor descoberta ainda estava por vir. Ela foi feita por William Brownlee, um estudioso da Bíblia que havia estudado o documento de Isaías que fora encontrado entre os pergaminhos do Mar Morto. O pergaminho do Mar Morto de Isaías, 1QIsaa, tinha peculiaridades que o levaram a procurar padrões estruturais.

Brownlee descobriu que o Livro de Isaías era composto por duas metades, cada uma composta por trinta e três capítulos. Além disso, cada metade estava dividida em sete partes. As sete partes da primeira metade correspondem às sete partes da segunda em conteúdo e estilo. Brownlee acreditava que essa divisão era meramente um tipo mecânico de estrutura, uma maneira de organizar o texto de modo paralelo. Ele não tinha a intenção de analisar a estrutura; simplesmente observou seu esboço.

A Estrutura Literária de Sete Partes de Isaías

A descoberta de William Brownlee provou ser de fato significativa, embora ele não tenha vivido tempo suficiente para ver o resultado. Um amigo dele, o professor R. K. Harrison, meu orientador, sugeriu que eu analisasse essa estrutura de sete partes para minha tese de doutorado. Enquanto fazia essa análise, percebi que a estrutura superava todas as outras. Ela complementava tudo o que eu já havia descoberto antes e revelou uma riqueza de informações que eu jamais imaginaria encontrar. Ela abria uma dimensão inteiramente nova da profecia hebraica.

Descobri que cada uma das sete partes, em cada metade do livro, tinha um par de temas opostos. O livro estava organizado em torno destes temas: (1) Ruína e Renascimento (Isaías 1-5; 34-35); (2) Rebelião e Obediência (Isaías 6-8; 36-40); (3) Punição e Livramento (Isaías 9-12; 41-46); (4) Humilhação e Exaltação (Isaías 13-23; 47); (5) Sofrimento e Salvação (Isaías 24-27; 48-54); (6) Deslealdade e Lealdade (Isaías 28-31; 55-59); e (7) Deserdção e Herança (Isaías 32-33; 60-66).

Os sete pares de temas da primeira metade do livro correspondem aos pares da segunda metade. Mas o que significava essa configuração de temas proféticos? Foi como descobrir um livro inteiramente novo de profecia.

Eu sabia que os profetas hebreus organizavam seus escritos em paralelos e faziam declarações duas vezes, a segunda variando ligeiramente da primeira. Isso os ajudava a definir as coisas. Além disso, um tipo de paralelismo chamado quiasma também repete as coisas, mas em ordem inversa, geralmente com uma ideia-chave no centro. Observe, por exemplo, o quiasma **a-b-a** dos dois versículos a seguir: “Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor já vai nascendo sobre ti. **a**—Porque eis que as trevas cobrirão a terra, e a escuridão, os povos; **b**—porém sobre ti o Senhor virá nascendo, e a sua glória se verá sobre ti—**a** (Isaías 60:1-2).

Percebi que os três primeiros pares de temas da estrutura de sete partes de Isaías eram paralelos aos três últimos em ordem inversa, sendo a imagem espelhada uma da outra. Essa estrutura abrangente era um quiasma propriamente dito, e a ideia-chave no centro eram os temas pareados de *humilhação* e *exaltação*.

a—Ruína e Renascimento (Isaías 1-5; 34-35)

b—Rebelião e Obediência (Isaías 6-8; 36-40)

c—Punição e Livramento (Isaías 9-12; 41-46)

d—Humilhação e Exaltação (Isaías 13-23; 47)

c—Sofrimento e Salvação (Isaías 24-27; 48-54)

b—Deslealdade e Lealdade (Isaías 28-31; 55-59)

a—Deserdação e Herança (Isaías 32-33; 60-66)

A *humilhação* e a *exaltação* também eram os temas centrais da primeira estrutura que descobri, que traça um contraste entre um falso deus, o rei da Babilônia, no capítulo 14, com o rei de Sião, nos capítulos 52-53, em vinte e um versículos consecutivos e antitéticos. Ela ilustra como o rei da Babilônia exalta-se extremamente e, em seguida, cai completamente humilhado. E o oposto: Jeová, o rei de Sião, sofre humilhação total antes de ser exaltado como o divino rei de Israel.

Cheguei à conclusão de que *humilhação* e *exaltação* precisavam ser os conceitos-chave do Livro de Isaías. Em uma estrutura, Isaías criou arquétipos em torno deles—o rei da Babilônia e o rei de Sião. Na outra, a estrutura mais complexa de todas, ele organizou todo o conteúdo do livro em torno desses conceitos. Será que a *humilhação* e a *exaltação* poderiam representar os dois destinos finais opostos da humanidade?

Tanto uma Profecia como uma Teologia

Percebi outras coisas sobre esses temas da estrutura de Isaías. Eles pareciam sugerir dois cursos de ação os quais as pessoas optavam por seguir. A *humilhação* não acontecia isoladamente, mas também envolvia a *punição* e o *sofrimento*, duas ideias paralelas correspondentes. E envolvia ainda a *ruína* e a *deserção*, duas outras ideias correspondentes. E tudo isso era consequência de *rebelião* e *deslealdade*, dois dos comportamentos negativos adotados pelas pessoas perante Deus.

A contrapartida desses temas funcionava da mesma maneira. A *exaltação* também envolvia *libertação* e *salvação*. Além disso, esses temas estavam conectados ao *renascimento* e à *berança*. E tudo isso era consequência da *obediência* e *lealdade*, dois dos comportamentos positivos adotados pelas pessoas perante Deus. Em suma, a estrutura de sete partes de Isaías não era tanto uma profecia como era uma teologia. Ela ilustrava a relação do povo de Deus com Ele e vice-versa.

Contudo, havia mais nessa configuração de temas do que apenas ideias paralelas ou contrastantes. Dentro de cada unidade individual da estrutura, descobri que Isaías usa dispositivos literários para estabelecer conceitos teológicos importantes que transmitem uma mensagem própria. Uma vez desenvolvidos dessa maneira, esses conceitos se expandiam de uma unidade da estrutura para sua contraparte paralela. Portanto, os conceitos desenvolvidos e expandidos em um conjunto de unidades paralelas tornavam-se o ponto de partida

para novos conceitos que foram estabelecidos e expandiam-se no conjunto seguinte de unidades paralelas. E assim por diante, cumulativamente, até o fim. Vamos dar uma olhada no funcionamento interno da estrutura de sete partes de Isaías.

Ruína e Renascimento (Isaías 1-5; 34-35)

Os conjuntos paralelos de capítulos que compõem a Primeira Parte, cujos temas são *ruína* e *renascimento* (Isaías 1-5; 34-35), estabelecem a ideia de circunstâncias inversas entre Sião e as nações do mundo. No fim dos tempos, Sião renascerá como povo do convênio de Deus, enquanto as nações sofrerão ruína por sua iniquidade. As maldições do convênio transformam-se em bênçãos para Sião, enquanto as nações são amaldiçoadas. Por meio de dispositivos literários na Primeira Parte, Isaías mostra que essa inversão de circunstâncias ocorre simultaneamente para Sião e as nações.

Isaías também mostra que Sião é composta por aqueles de Israel que se arrependem de suas iniquidades, e não por toda a Israel. Aqueles de Israel que não se arrependem e que, portanto, não fazem parte de Sião, sofrem ruína juntamente com as nações. Mas Sião é também um lugar—para o qual o povo de Deus voltará dentre as nações, um local seguro quando as nações estiverem sendo amaldiçoadas. O cenário para essa inversão de circunstâncias—o renascimento de Sião e a ruína para as nações—é o “Dia de Jeová” no fim do mundo.

Rebelião e Obediência (Isaías 6-8; 36-40)

A Segunda Parte dessa estrutura de sete partes de Isaías, cujos temas são *rebelião* e *obediência* (Isaías 6-8; 36-40), mantém o conceito de circunstâncias inversas entre Sião e as nações. Além disso, ela estabelece a ideia de que o renascimento de Israel como Sião é resultado da obediência de Sião aos termos do convênio de Deus. Além disso, muitos dentre o povo de Deus continuarão provando fidelidade a Deus em todas as circunstâncias. Quando Deus os colocar à prova, eles passarão

no teste. As nações e os rebeldes de Israel, por outro lado, atraem sobre si mesmos a própria ruína. Eles falharão no mesmo teste ou testes aos quais Sião for submetida e passará.

Punição e Livramento (Isaiás 9–12; 41–46)

A Terceira Parte da estrutura de Isaiás, cujos temas são *punição e livramento* (Isaiás 9–12; 41–46), mantém os conceitos anteriores, baseia-se neles e mostra como Deus intervém para castigar os iníquos e livrar os justos. Deus levantará o rei da Assíria para castigar todas as nações e levá-las à ruína. O rei da Assíria será um instrumento nas mãos de Deus para recompensar aqueles que se rebelaram ou não se arrependeram. Deus também levantará Seu “servo” e “filho” para livrar Seu povo Sião e libertá-los da escravidão e do exílio, como Moisés fez no Egito. O servo de Deus preparará o caminho a fim de que eles voltem para casa em um novo êxodo que sairá de todas as nações para um lugar chamado Sião.

Humilhação e Exaltação (Isaiás 13–23; 46–47)

A Quarta Parte, cujos temas são *humilhação e exaltação* (Isaiás 13–23; 46–47), baseia-se nesses conceitos e estabelece a ideia de uma nova Babilônia, a Babilônia do fim dos tempos. Por meio de dispositivos literários, Isaiás define essa nova Babilônia como uma entidade *composta*, formada pelas nações da terra, por tiranos e opressores, pelas potências mundiais agressivas, por inimigos e adversários e pelos rebeldes de Israel. Do ponto de vista literário–estrutural, a Babilônia de Isaiás, portanto, consiste em um tipo maior de Babilônia, semelhante à “Grande Babilônia”, de João, uma entidade universal composta por tudo o que não é Sião. Como Sião, essa Grande Babilônia é tanto um povo como um lugar: o mundo e seus habitantes iníquos à beira da destruição.

Essa parte da estrutura de Isaiás faz um contraste entre Sião e Babilônia e mostra que elas são dois opostos. Babilônia exalta-se em seu trono, mas será reduzida a pó. Sião, humilhada

pela Babilônia, ascenderá da obscuridade para a proeminência renovada. Quando Babilônia assumir uma postura contra Sião e contra Deus, Ele intervirá no mundo para levar a cabo a humilhação de Babilônia e a exaltação de Sião.

Sofrimento e Salvação (Isaías 24–27; 48–54)

A Quinta Parte, cujos temas são *sofrimento e salvação* (Isaías 24–27; 48–54), vai ainda mais longe ao descrever o contraste entre Sião e Babilônia em termos de salvação, por um lado, e de sofrimento, por outro. O povo de Deus que se arrepende será livrado do sofrimento, enquanto seus inimigos que habitarem em Babilônia sofrerão a plena medida de maldições do convênio. A salvação de Sião consiste em Deus lhe conceder a remissão de seus pecados e fazer com que as maldições se tornem em bênçãos. Sião ainda supera a maldição da morte e atinge um estado de imortalidade. Enquanto o próprio Deus de Israel—o rei de Sião—produz esses aspectos espirituais da salvação de Sião, o servo de Deus produz seus aspectos físicos ou temporais. O Deus de Israel, Jeová, sofre a plena medida de maldições do convênio em nome de Seu povo, antes de ser exaltado como rei de Sião.

O papel do servo de instruir Israel na lei do convênio, como Moisés o fez, preparará o caminho para o retorno de Sião da dispersão pela Babilônia ou pelo mundo em geral. O servo de Deus age como modelo de retidão ao cumprir os termos do convênio de Deus e provar fidelidade a Ele em todas as circunstâncias. Assim como Deus salva Seu servo do sofrimento e capacita-o, o servo de Deus salva Sião do sofrimento e capacita-a depois que ela resistir fielmente durante um período de adversidade.

Deslealdade e Lealdade (Isaías 28–31; 55–59)

A Sexta Parte da estrutura de Isaías, cujos temas são *deslealdade e lealdade* (Isaías 28–31; 55–59), estabelece a ideia

de dois convênios: um convênio de vida para os justos e um convênio de morte para os iníquos. Com aqueles que provarem fidelidade a Ele em todas as circunstâncias, Deus faz um convênio de vida—um convênio incondicional e milenar. O povo de Deus, que for fiel e obedecer Sua palavra, atenderá à convocação do servo e retornará para Sião vindo dentre as nações.

Aqueles que não provarem fidelidade para com Deus, por outro lado, afastam-se Dele e, ao fazê-lo, firmam um convênio com a morte. O povo desleal rejeitará a palavra de Deus e confiará em conselhos ou sistemas humanos. Eles oprimirão os outros e, no final, lutarão contra Sião. Estarão entre aqueles que fazem convênio com a morte os assassinos, os adúlteros e os hipócritas, os quais o rei da Assíria destruirá.

Deserção e Herança (Isaías 32–33; 60–66)

A Sétima Parte, cujos temas são *deserção* e *herança* (Isaías 32–33; 60–66), estabelece a ideia de uma separação eterna entre os justos e os iníquos no “Dia de Jeová”. Os justos receberão uma herança gloriosa e eterna enquanto os iníquos sofrerão uma deserção vergonhosa e eterna. Entre os iníquos estarão os adeptos de seitas e os indivíduos com autoridade que excluem e perseguem os justos. Os justos incluem outros “servos” e “filhos” de Deus, que seguem o modelo de retidão estabelecido por Deus—o servo de Deus. Esses servos provam fidelidade a Deus em todas as circunstâncias, servem-No a todo custo e auxiliam Seu servo na libertação de Seu povo.

A estrutura de sete partes de Isaías cria uma distinção importante entre salvação e exaltação ou glória. Enquanto a salvação consiste em o povo de Deus ou os indivíduos receberem a remissão dos pecados e experimentarem o contrário das maldições—quando elas se tornarem em bênçãos—a exaltação é muito superior a isso. A exaltação *inclui* salvação, mas ela envolve mais do que arrepender-se das transgressões e cumprir os termos do convênio de Deus.

O povo de Deus que for exaltado terá provado fidelidade a Deus em todas as circunstâncias e passado em todos os testes de Deus para provar sua lealdade. Com eles, Deus fez um convênio incondicional e milenar que incorpora todas as bênçãos de convênios anteriores.

Tais exemplos de extrema iniquidade, por um lado, e de extraordinária retidão, por outro, concluem o desenvolvimento dessa estrutura de conceitos. Eles demonstram que o propósito de Deus é levantar Seu povo para um plano superior espiritual e físico. Mostram também que tal ascensão a um plano superior, na verdade, conta com o auxílio da oposição e da adversidade dos iníquos, criando a oportunidade para o povo justo de Deus elevar-se acima deles. A estrutura de sete partes de Isaías termina com a descrição de dois destinos muito opostos para os justos e os iníquos.

As Estruturas de Isaías Estabelecem Dois Períodos

A estrutura de sete partes de Isaías e outras estruturas abrangentes acrescentam uma dimensão inteiramente nova para interpretar a profecia de Isaías. As estruturas lineares e síncronas estabelecem dois períodos diferentes para coisas que costumavam ser consideradas relacionadas apenas com o passado. Enquanto as estruturas lineares, tais como *os problemas em casa, o exílio no exterior e o feliz regresso*, lidam com eventos que ocorrem durante longos períodos, as estruturas síncronas, tais como a estrutura de sete partes de Isaías, lidam com um único período—o “Dia de Jeová” no fim do mundo.

Contudo, as estruturas lineares e síncronas de Isaías não se anulam mutuamente. Elas funcionam meramente em níveis diferentes, ambos válidos. As estruturas abrangentes de Isaías esclarecem o mistério de a profecia hebraica referir-se ou não aos tempos modernos. De fato, as dimensões literárias da profecia de Isaías constituem a chave para o que seria um livro selado.

Voltemos, por exemplo, para a questão dos aspectos positivos e negativos da profecia hebraica. A profecia apocalíptica, como podemos nos lembrar, prevê os fatos positivos e negativos para o fim do mundo. A profecia clássica, por outro lado, à primeira vista parece prever apenas os fatos positivos para o fim do mundo. Seus aspectos negativos lidam quase exclusivamente com eventos relacionados com a própria época do profeta. O problema, no entanto, é que nenhum cenário de fim dos tempos é composto apenas por pontos positivos, mas também por negativos. Então, como a profecia clássica prevê esses aspectos negativos?

Tudo fica claro à luz da estrutura abrangente de Isaías. Enquanto as estruturas lineares de Isaías nos fazem relacionar os aspectos negativos de sua profecia à sua própria época e os aspectos positivos ao fim do mundo, as estruturas síncronas de Isaías—que estabelecem o “fim dos tempos” como cenário para o livro inteiro—fazem-nos relacionar toda a sua profecia aos aspectos positivos e negativos do fim do mundo. Em outras palavras, agora conseguimos ler e interpretar a profecia de Isaías em dois níveis: primeiro, como um cenário histórico, que lida principalmente com eventos do passado; e segundo, como um cenário do fim dos tempos um que trata predominantemente de eventos no futuro.

Para reiterar esse ponto, precisamos *excluir* as estruturas síncronas de Isaías da equação, caso contrário poderemos pensar que os aspectos negativos da profecia de Isaías se aplicam unicamente à época dele. Esses aspectos negativos incluem, por exemplo, a ação de Deus de levantar o rei da Assíria para castigar Seu povo e as nações por causa de sua iniquidade. De fato, houve um rei da Assíria na época de Isaías que cumpriu esse papel. As estruturas lineares de Isaías apresentam esse cenário histórico.

Segundo, ao *incluirmos* as estruturas síncronas de Isaías na equação, concluímos que os aspectos negativos da profecia

de Isaías se aplicam também ao fim dos tempos como uma série de *tipos*. Um “rei da Assíria” no fim dos tempos castigará o povo de Deus e as nações por sua iniquidade. Dessa vez, no entanto, o papel do rei da Assíria fará parte de um cenário que incluirá a libertação do povo justo de Deus de toda a terra. Nas estruturas síncronas de Isaías, o castigo dos iníquos e a libertação dos justos ocorrem simultaneamente. Os aspectos positivos e negativos da profecia de Isaías são cumpridos simultaneamente.

Portanto, à luz das estruturas síncronas de Isaías, sua profecia se aplica inteiramente ao fim do mundo da mesma maneira que a profecia apocalíptica. Na verdade, nesse sentido a profecia de Isaías é uma profecia apocalíptica. A estrutura de sete partes de Isaías e outras estruturas síncronas tornam-nas apocalípticas ao estabelecer o cenário de fim dos tempos para o livro inteiro. A história, de fato, se repetirá, e muitos eventos antigos terão um segundo cumprimento. No entanto, pelo fato de o fim do mundo ser um cenário exponencialmente maior do que o ocorrido no passado, pois dessa vez envolverá bilhões de indivíduos em vez de centenas de milhares, a profecia de Isaías terá um impacto muito maior no futuro do que o impacto que teve no passado.

Para resumir, o método de Isaías de profetizar é usar uma história antiga de Israel como alegoria do fim do mundo. Por ter visto o fim desde o princípio, Isaías destaca eventos de sua própria época e de outras épocas que tipificam eventos do fim dos tempos. Ele usa esses eventos como base para profetizar, ao mesmo tempo, um cenário histórico e um cenário de fim dos tempos. Esse método de profetizar excede o método utilizado pelos profetas apocalípticos, pois eles mencionam potências mundiais de suas respectivas épocas para tipificar as potências mundiais do fim dos tempos. Mas eles não as mostram cumprindo seu papel em sua época e no fim dos tempos como Isaías o faz.

Isaías aplica esse método duplo de profetizar por meio de dois tipos de estruturas abrangentes. Elas compõem seu estilo particular de profetizar. Por um lado, as estruturas lineares começam nos dias de Isaías e terminam no fim dos tempos, cronologicamente falando. Por outro, as estruturas síncronas, que não são cronológicas, começam e terminam no fim dos tempos. Ao utilizar dois tipos de estruturas abrangentes para estabelecer duas configurações distintas, Isaías prediz o futuro de dois períodos distintos, sua própria época e o fim dos tempos, simultaneamente.

Sião e Babilônia—Arquétipos Opostos

Contudo, a estrutura de sete partes de Isaías cumpre mais do que isso. Ela reduz todas as pessoas a duas categorias no fim do mundo—as que fazem parte de Sião e as que não fazem. Ela identifica Sião como um povo dentro de Israel, ou seja, dentro do povo de Deus como um todo. Esse povo ascende de um plano espiritual e físico inferior para um plano mais elevado. Ele renasce como povo de Deus na ocasião de seu retorno da dispersão entre as nações, assim como Israel nasceu *como nação* em seu êxodo do Egito. E, por último, o povo do convênio de Deus que retorna da dispersão é chamado por um novo nome—Sião.

A estrutura de sete partes de Isaías também identifica o povo que não faz parte de Sião com um novo nome—Babilônia. Essa Babilônia do fim dos tempos é composta por todas as pessoas em todos os lugares que estão afastadas de Deus, inclusive o próprio povo de Deus que se rebelou ou que não se arrependeu. Ao seguir esse curso, eles descem para um plano espiritual e físico inferior, ficam contra Deus e lutam contra Sião. Não é surpresa o fato de a Grande Babilônia descrita nessa estrutura de sete partes de Isaías ter os mesmos traços de caráter da Grande Babilônia descrita por João no Livro de Apocalipse.

Consequentemente, a estrutura de sete partes de Isaías transforma Sião e Babilônia em arquétipos do bem e do mal que são aliados, respectivamente, ao rei de Sião e ao rei de Babilônia, mostrando como cada categoria se comporta perante Deus. A profecia apocalíptica também faz isso. Ela ensina a doutrina das duas frentes, do bem e do mal, ao identificar aqueles que praticam o bem como Sião e os que praticam o mal como Babilônia. Mas a profecia apocalíptica não vai tão longe em sua amplitude e profundidade de visão como a profecia de Isaías. A Sião e a Babilônia de Isaías superam todas as definições proféticas, clássicas e apocalípticas, de duas ideologias e teologias opostas por trás delas.

Ao longo de toda a estrutura de sete partes de Isaías, encontramos duas visões de mundo contrastantes. Essa estrutura enuncia a doutrina das duas maneiras ao desenvolver conceitos do começo ao fim. Por um lado, a *lealdade* a Deus e a *obediência* aos termos de Seu convênio levam a *renascimento*, *libertação*, *salvação*, *exaltação* e *herança*. Por outro, a *rebelião* contra Deus e a *deslealdade* para com Seu convênio provocam *ruína*, *punição*, *sofrimento*, *humilhação* e *deserdação*. Toda a humanidade, no final, escolherá uma das duas ideologias opostas, a de Sião ou de Babilônia, e viverá, então, um dos dois destinos opostos como consequência das escolhas dos indivíduos.

O fato de Babilônia afastar-se de Deus e sua autoexaltação agem como o fogo do ourives para Sião nesse ínterim antes de Deus instituir Seu reinado de paz sobre a terra. Por meio da opressão de Babilônia exercida sobre Sião, Deus testa a fidelidade de Seu povo a Seu convênio. Sião reagirá ao tratamento cruel de Babilônia revidando de igual modo? Ou Sião suportará as aflições e esperará pacientemente que Deus venha livrá-la? Sião deverá estar ciente de que Deus criará essas circunstâncias especiais para que ela seja Sua novamente e para poder transformar suas maldições em bênçãos. Deus envia Seu

servo para instruir Sião na lei do convênio e para servir como modelo de retidão em meio à adversidade.

Babilônia e todos os que pertencem a ela, por outro lado, não saberão que estarão selando sua própria condenação. Os olhos de Babilônia estarão cegados por causa da iniquidade e da idolatria, e sua doença terá se tornado incurável. Seus habitantes são como o povo do Egito antes do êxodo de Israel. Nessa ocasião, o fim do mundo, Babilônia terá regredido a ponto de ter perdido a chance de atender o apelo de Deus e arrepender-se de suas iniquidades. Ao infringir os direitos de Sião, Babilônia traz sobre si mesma, as maldições do convênio de Deus com Seu povo. Como acontecia nos pactos de concessão, quem viola os direitos de um vassalo fiel traz pragas ou infortúnios sobre si mesmo.

A perseverança fiel de Sião sob a opressão de Babilônia é o que leva a efeito a inversão de suas circunstâncias. Em seu trabalho de parto, Sião dará à luz um “filho”, um libertador, o servo de Deus do fim dos tempos. A situação aparentemente perdida de Sião é a própria ocasião na qual Deus escolherá intervir em favor dela. Nessa ocasião, o “Dia de Jeová”, Deus fará tudo o que prometeu. Ele fará isso porque Sião, pela primeira vez na história de Israel, terá cumprido os termos do convênio de Deus *como nação* e provará sua fidelidade a Deus em todas as circunstâncias.

O imperador de Sião, conseqüentemente, ficará obrigado a livrar seu vassalo de ameaças mortais e aniquilar seus inimigos. Deus fará um convênio novo e incondicional com Sião, como fez com seus antepassados Abraão, Isaque e Jacó. Ao mesmo tempo que Babilônia cairá de seu trono e desaparecerá no pó, Sião ascenderá do pó e assumirá seu trono por direito. Jeová, seu Deus, virá para reinar na terra e dar início à era de paz milenar.

6

O TIRANO E O SERVO

Debate sobre duas arquirrivais que dominarão o cenário mundial no fim do mundo—uma delas será uma potência de caos e a outra de criação; uma destruirá a terra e a maioria de seus habitantes, e a outra livrará o povo que fez convênio com Deus. Demonstração de que o tirano segue o padrão dos antigos governantes tirânicos e deuses mitológicos maus, enquanto o servo de Deus segue o padrão dos heróis de Israel e cumpre as expectativas judaicas de um Messias temporal.

A estrutura de sete partes de Isaías retrata os dois agentes principais humanos no drama do fim dos tempos de Israel como o servo de Deus, ou Seu vassalo, por um lado e o rei da Assíria—também chamado de rei de Babilônia—do outro. (Os conquistadores assírios de Babilônia antigamente se intitulavam “rei de Babilônia”.) Um estabelece Sião e prepara o povo para a vinda de seu Deus e Rei. O outro destrói Babilônia, o próprio mundo que ele simboliza e representa. A estrutura de Isaías retrata esses dois agentes humanos com poderes de criação e caos, respectivamente—um age como uma força para

o bem do mundo, o outro para o mal. Assemelham-se a dois arqui-inimigos que se confrontaram em outras épocas, como Hórus e Seth da mitologia egípcia, ou Davi e Golias do fim dos tempos.

A estrutura de Isaías descreve o rei da Assíria/Babilônia como uma figura *composta* que combina em sua pessoa uma série de tipos de tirano do passado. Embora seja um homem, Isaías atribui-lhe as funções e os traços de caráter de vários governantes perversos ou vilões que o precederam. Os imperadores da Assíria antigamente serviam de precedente para os conquistadores mundiais militaristas do norte, papel que ele agora executa. Além disso, o título de “rei de Babilônia” demonstra o lado idólatra desse rei-tirano que se autodenomina um semideus. A antiga Babilônia serviu de precedente para todo o tipo de adoração idólatra. Seu sistema socioeconômico tem como base a fabricação de falsos deuses, obras das mãos dos homens.

Em contraste com a economia materialista e idólatra de Babilônia, o sistema socioeconômico de Sião tem como base a agricultura e a vida rural. Isso proporciona estabilidade para a sociedade, principalmente quando ela está sob ataque. Em Babilônia, os “muitos”—os fabricantes de ídolos—dependiam de “poucos”, os agricultores. Esse sistema deixava a sociedade babilônica vulnerável. Logo, Babilônia é o oposto de Sião. Sião é como uma pirâmide que tem Deus como sua principal pedra de esquina. Comparada a Sião, Babilônia é uma pirâmide de cabeça para baixo, com a base instável. A estrutura de Babilônia estará pronta para cair tão logo seu rei-tirano assuma o poder e complete a pirâmide, tornando-a suscetível ao colapso.

O Tirano Conquista o Mundo

A natureza idólatra do governante tirânico de Babilônia está de acordo com a natureza idólatra da própria Babilônia. Assim como o rei de Babilônia, ele coloca-se na posição de um deus—um falso deus—ao atribuir a si mesmo divindade suprema sobre

toda a terra. Como governante do mundo que ele conquista, ele exige adoração e fidelidade de toda a humanidade. Isaías ironicamente o compara a figuras mitológicas do antigo Oriente Próximo—ele governa a terra de cima, no céu, de seu trono que fica acima das nuvens. Dessa maneira, Isaías cria um tirano arquetípico ou um arquitirano com características de todas as épocas—o rei-ídolo de Babilônia.

Isaías combina, assim, nesse indivíduo os traços de caráter dos antigos reis da Assíria e de Babilônia, mas também os atributos de um deus maligno da mitologia mesopotâmica. Se Isaías estivesse vivendo hoje, por exemplo, ele poderia combinar referências de Adolf Hitler, Joseph Stalin e Darth Vader. O futuro ditador do mundo personificará os traços negativos de muitos tipos do passado. Ele conquistará o mundo pela força militar, fará que sua falsa ideologia seja brutalmente cumprida e possivelmente governará o mundo de uma estação espacial ou “cosmograd”. Contudo, apesar de tais alusões mitológicas, esse arquitirano é uma pessoa real que existirá no fim do mundo e fará tudo o que Isaías prediz.

Isaías expõe o rei de Babilônia como a falsificação da divindade. Na verdade, tudo o que o nome *Babilônia* simboliza é a falsificação do que é bom. Na estrutura de Isaías, esse rei-tirano agirá como um poder de caos, e não de criação—seus atos serão destrutivos por toda a terra. Em vez de ser um deus que dá ou salva a vida, ele destruirá inúmeras vidas e habitats humanos. Ele levará em cativo e tiranizará os que sobreviverem. Ele reduzirá a terra a um estado de caos, como ela era no início. Quando terminar sua obra de destruição, os poucos que sobreviverem deverão dar início a uma nova civilização.

O servo de Deus, por outro lado, agirá como um poder de criação e atuará como um contraponto ao arquitirano. Suas obras estabelecerão a justiça e a retidão na terra, que são a base de todo o bem. Ele salvará da destruição o povo de Deus que se arrepender e renovar sua fidelidade a Ele. Ele libertá-

los-á do cativo e da tirania e guiá-los-á em segurança no “Dia de Jeová”. Após a desolação da terra, ele auxiliará o povo de Deus na reconstrução dos lugares arruinados. Ele levantará uma civilização justa que ama a Deus e que cumpre Sua lei e Sua palavra.

Os padrões de caos e criação na estrutura de Isaías mostram que o caos prevalecerá por breve tempo na terra. O caos dominará o mundo em consequência da iniquidade. O rei da Assíria/Babilônia poderá incendiar cidades e destruir as nações dos iníquos. Poderá também pilhar a riqueza dos povos e confiscar suas riquezas. Contudo, na verdade, ele atuará como instrumento de Deus para dar aos iníquos o que lhes é devido. Ele tem um propósito—governar o mundo, mas Deus tem outro. Esse tirano dos tiranos servirá aos propósitos de Deus e, em seguida, ele e suas obras caóticas chegarão ao fim.

Em toda a profecia hebraica, a iniquidade seguida de destruição aparece como causa e efeito. Mas o povo de Deus não deve se preocupar com um homem que causaria tanta devastação para conquistar o mundo. Nem deveria ficar atemorizado com ele nem seus exércitos aparentemente invencíveis. Em vez disso, eles devem arrepender-se de seus pecados que são a causa de tanto mal. Devem cumprir os termos do convênio de Deus para que Ele os liberte.

O povo de Deus não precisará temer, independentemente do grau de disciplina ou organização demonstrado por seus inimigos. Nenhuma arma projetada para destruí-los conseguirá machucá-los, não importando o quão letal ela seja. Deus é mais poderoso que todas elas. O arquitirano será apenas um instrumento. Embora ele governe acima da terra, embora ele se exalte acima de todos os povos, Deus lançará sua alma no inferno, no poço mais profundo. Deus planejou a destruição dos iníquos de antigamente desde o início.

Agora, no “Dia de Jeová”, Deus nomeará o rei da Assíria/Babilônia e dar-lhe-á uma tarefa destrutiva. Deus determinou de antemão uma criação nova e maior a partir do caos do

arquitirano. A própria terra e toda a humanidade estão em um caminho ascendente de progresso que não pode ser impedido. Antes do início da era milenar, toda a iniquidade e tirania serão apagadas da face da terra.

As Personificações na Metáfora

O fim do mundo será semelhante à época do grande dilúvio nos dias de Noé. Será comparado ao tipo de iniquidade que prevalecerá e à destruição generalizada da vida que virá logo em seguida. Isaías chama o rei da Assíria por nomes de *Mar* e *Rio*. Ele compara-o a um novo dilúvio que cobrirá a terra. Esse arquitirano será destrutivo como o mar que levanta suas ondas além de seus limites ou como um rio cujas margens transbordam e cujas águas varrem tudo o que estiver pela frente. Os exércitos do arquitirano dominarão os iníquos e inundarão suas terras, deixando para trás apenas catástrofe e desolação.

Para dar uma ideia mais completa dos traços de caráter do rei da Assíria, Isaías usa diversos pseudônimos ou apelidos para descrevê-lo. Eles assumem a forma de personificações na metáfora, na qual o arquitirano personifica certos atributos maus. Por exemplo, *Mar* e *Rio*, que são pseudônimos do rei da Assíria, foram originalmente os nomes de uma potência mitológica do caos—um falso deus. Na mitologia cananeia, essa potência do caos, junto com a *morte*, representava as forças do mal. No entanto, assim como Deus abriu o Mar Vermelho pela mão de Moisés e o Rio Jordão pela mão de Josué quando houve inundação, Deus abrirá o *Mar* e o *Rio* no fim do mundo, pela mão de Seu servo. Deus salvará Seu povo da *morte* quando eles provarem fidelidade a Ele em todas as circunstâncias. Seu servo livrá-los-á do causador da morte—o rei da Assíria—assim como Moisés libertou Israel de seus inimigos no deserto.

Além de usar esses pseudônimos, Isaías seleciona uma matriz inteira de metáforas para revelar, subliminarmente, mais detalhes sobre as atividades de fim dos tempos do arquitirano.

Dessa forma, Deus escolhe o rei da Assíria como sua *vara* e seu *cajado* para punir os ímpios do mundo. O arquitirano é o *machado* e a *serra* de Deus que derruba os malfeitores que oprimem o povo de Deus. Isaías compara os povos orgulhosos e arrogantes da terra com os altos cedros e poderosos carvalhos derrubados pelo arquitirano. As cidades são semelhantes a florestas densas, e as nações orgulhosas, a altas montanhas, que o arquitirano lança ao solo.

O arquitirano personifica a *raiva* e a *ira* de Deus que se acendem contra os malfeitores no “Dia de Jeová”. Como a *vingança* e a *fúria* de Deus, Sua *raiva* e *indignação*, ele aparecerá de repente sobre os iníquos e matá-los-á. Ele será a *mão* que Deus levantou para castigar os rebeldes e aqueles de Seu povo que transgridem o convênio. Ele será um *estandarte* do mal, reunindo uma aliança de nações para conquistar um mundo que está explodindo de tanta iniquidade.

Esse rei do mal é a *voz* dos iníquos, uma *língua* que profere perversidades contra Deus e Seu povo. Ele abre a *boca* e não se satisfaz, tragando as almas das pessoas, e de seus *lábios* fluem discursos de ódio. Ele é o *flagelo* dos iníquos, um *jugo* sobre eles, e o *fogo* e a *espada* de Deus que causa destruição. Ele é as próprias *trevas*. Como um poder das trevas, ele gera tristeza e miséria e cobre toda a terra com trevas.

As Mensagens Subliminares de Isaías

As metáforas que descrevem o arquitirano expressam tanto a natureza da justiça de Deus, como os traços de caráter do rei do mal. A personificação de Isaías da *raiva*, da *ira*, da *fúria*, do *furor*, da *indignação* e de outros aspectos de Deus na pessoa do arquitirano nos ajuda a ver o mal a partir de outra perspectiva. Deus não é um Deus raivoso que deseja castigar e punir Seu povo. Em vez disso, ele é bondoso, amoroso, gentil, paciente e longânimo. Mas a maldade das pessoas tem consequências justas. Portanto, Deus usa alguém mau—o rei da Assíria—para destruir os iníquos do mundo que oprimem e ameaçam matar

Seu povo leal. Dessa maneira, a justiça é feita. No final, as pessoas trazem o mal sobre si mesmas.

Isaías usa metáforas como pseudônimos consistentemente ao longo de seu livro. Embora, em alguns casos, ele relacione esses pseudônimos diretamente com o arquitirano, em outros, ele não o faz. Nesse caso, no entanto, ele relaciona os pseudônimos diretos por meio de paralelismos sinonímicos. Normalmente, embora Isaías estabeleça uma ideia em uma parte de seu livro, ela é relevante ao longo de todo ele. Por intermédio desses pseudônimos, Isaías fundamenta seu livro com muitos detalhes adicionais sobre o fim do mundo. Desse modo, podemos detectar esses termos e lê-los com um segundo significado.

Em um nível, por exemplo, Isaías descreve que a ira de Deus se acende, Sua mão se levanta, e Seu furor se derrama sobre os iníquos. As pessoas escolhem as trevas em vez da luz. A língua delas profere mentiras. Elas são queimadas pelo fogo. São destruídas pela espada, E assim por diante. Em outro nível, os termos *ira, mão, furor, trevas, língua, fogo e espada* etc. descrevem o arquitirano como um poder de caos. Ele personifica esses traços—Isaías está falando sobre esse arquitirano!

Isso também ocorre com o servo de Deus do fim dos tempos, que é um poder de criação. Isaías também o identifica, bem como a seus traços de caráter, por meio desses pseudônimos. Alguns são idênticos aos que descrevem o arquitirano, enquanto outros, não. Os pseudônimos idênticos sugerem uma arquirrivalidade entre o tirano e o servo. Os dois competem entre si pela vida e a alma das pessoas. Por outro lado, os que não são idênticos distinguem o servo como uma força criativa e um instrumento de Deus para libertação. Por meio desses termos, Isaías revela subliminarmente uma luta de vida ou morte entre o servo de Deus e o arquitirano.

Assim, o servo de Deus também aparece como uma *mão*. Ele funciona como a *destra* de Deus, libertando os cativos e oprimidos de Seu povo. Deus o nomeia *estandarte* para as nações a fim de reunir o povo de Deus para que se arrependam

e retornem. Ele serve como a *voz* dos justos, a *boca* de Deus para Seu povo do convênio. Ele é a *vara* e o *cajado* de Deus, que exerce poder sobre o rei da Assíria. Ele é a *espada* de Deus que aniquila os inimigos de Deus, um *fogo* que consome os tiranos.

Outras metáforas descrevem apenas o servo. Por exemplo, o servo é uma *trombeta* que anuncia o “Dia de Jeová”, proclamando que Jeová está vindo reinar sobre a terra. Deus o nomeia como *luz* para as nações, iluminando suas trevas no fim do mundo. O servo exemplifica a *retidão* e a *fidélidade* com relação ao convênio de Deus em uma época de maldade. Ele é uma *flecha* escolhida escondida na aljava de Deus, um *ramo* justo que produz bons frutos. Ele é o *braço* salvador de Deus por meio de quem Deus intervém para livrar Seu povo que fez convênio com Ele.

O Servo de Deus Tem Muitos Tipos

Da mesma maneira que descreveu o rei da Assíria, Isaías fala do servo de Deus como uma figura *composta*. Ele combina em sua pessoa as funções e os traços de caráter de diversos heróis de Israel. Embora o servo seja um único homem, ele realiza no fim do mundo o que outros fizeram em momentos diferentes. Isso ocorre porque o cenário de fim dos tempos de Israel é formado por uma repetição de todos os grandes eventos do passado de Israel. Deus não escolhe diversos líderes de Seu povo ao mesmo tempo, com cada um deles tendo um papel de liderança simultaneamente. Ele escolhe um único líder justo a quem Ele capacita para a tarefa exatamente como capacitou os líderes de Seu povo no passado.

Como Abraão, o servo vem do leste ou do nordeste em relação a Israel. Como Abraão, ele invoca o nome de Deus e é justo e amado por Deus. Como Abraão seguiu a orientação de Deus e fez tudo o que Ele pediu, também ele o faz. Como Abraão livrou valentemente seus companheiros dos inimigos, assim ele o faz. Como Deus poupou Ló, retirando-o de Sodoma, por causa de Abraão, ele poupa seu povo por causa de seu servo.

Como Moisés, o servo de Deus é chamado de pastor de seu povo, e ele intercede pelos transgressores dentre eles. Como Moisés, ele liberta seu povo da escravidão e os conduz por um êxodo até a terra prometida. Como Moisés conduziu Israel pelo deserto, o servo conduz o povo de Deus em seu regresso para casa. Como Moisés mediou o convênio de Deus e serviu como legislador de Seu povo, assim faz o servo. Como Moisés ungiu Arão e seus filhos como sacerdotes, ele unge como sacerdotes os servos e filhos de Deus do fim dos tempos. Assim como a força de Moisés não falhou, tampouco sua força falhará; antes, ele cumprirá tudo o que Deus exige.

O servo de Deus também se assemelha a Josué. Assim como Josué conduziu Israel na batalha, ele liderou os exércitos de Israel contra seus inimigos e os destruiu. Como Josué, ele atribui ao povo de Deus as heranças na terra prometida. O servo também é parecido com Gideão. Como Gideão venceu os poderosos exércitos de Midiã, ele vence os exércitos da Assíria. Ele retira com vigor o *jugo* das pessoas e quebra a *vara* e o *cajado* que as oprimem.

Um Herdeiro Justo do Rei Davi

Talvez mais do que qualquer outro herói da antiga Israel, o rei Davi é um modelo para o servo de Deus. O servo é descendente de Davi, filho de Jessé e herdeiro legítimo de Davi. Deus faz com ele um convênio incondicional como fez com o rei Davi. Deus o escolhe e o chama de Seu “servo” e “filho”, como fez com Davi. Como Davi, ele é ungido de Deus e cheio do Espírito Santo. Assim como Davi venceu, ele derrota os inimigos do povo de Deus e divide seu espólio. Como Davi liderou os exércitos de Israel na batalha e reuniu as doze tribos, assim ele o faz.

Deus nomeia Seu servo como *luz* para Israel e às nações, como foi Davi. Deus o torna príncipe e legislador para os povos da terra, como foi Davi. Como Davi, ele estabelece justiça e retidão entre as nações. Como fizeram os reis Davi e Salomão,

ele amplia os domínios de Deus na terra. Como Salomão, ele se torna conhecido por sua sabedoria e entendimento.

O rei Ezequias, contemporâneo de Isaías, é outro tipo importante do servo de Deus. A estrutura de sete partes de Isaías insere os eventos que envolveram a vida de Ezequias em um cenário de fim dos tempos. Esses eventos também se repetem, e o servo de Deus desempenha o papel de Ezequias. Por exemplo, assim como Ezequias sofreu uma ameaça de morte, isso também ocorreu com ele. Como Ezequias derramou a sua alma até a morte em sua aflição, assim ele o fez. Como Ezequias pagou o preço pela salvação temporal de seu povo, ele também paga.

De acordo com a estrutura de sete partes de Isaías, o cerco da Assíria a Sião ou Jerusalém se repetirá no fim do mundo. Como Ezequias intercedeu diante de Deus pela libertação de seu povo, assim faz o servo. Como Ezequias recebeu a proteção de Deus para seu povo, ele também. Nesse ínterim, antes de Israel cumprir os termos do convênio de Deus *como nação*, ela pode obter a proteção de Deus por meio do servo. Por fim, assim como Deus curou Ezequias de sua doença mortal, também Deus o cura.

Outros que tipificam os papéis e traços de caráter do servo de Deus incluem o próprio Isaías. Como Isaías, ele é profeta de Deus e mestre do povo de Deus. Como Isaías, ele profetiza o futuro com precisão, mostrando que Deus está com ele. Assim como Deus deu eloquência a Isaías, Ele faz o mesmo com o servo.

Assim como Saul tornou Davi um foragido, o servo é contado entre os transgressores. Como Jó, cujos filhos amavam o prazer, ele leva a iniquidade dos outros. Como Deus justificou Jó face a acusações falsas, também Ele o justifica aos olhos de todos. Como Calebe, um dos dois indivíduos que saíram do Egito para a terra prometida, Deus atribuiu-lhe uma herança entre os grandes.

Como Davi dividiu o despojo com os poderosos, assim o servo despoja seus inimigos. Como o rei Uzias foi ferido pela lepra, o servo é ferido de modo sobre-humano antes de Deus curá-lo. Como Deus nomeou Ciro para reinar sobre nações e governantes, também assim ele o nomeia. Assim como Deus inspirou Ciro para reconstruir Jerusalém e seu templo, também Ele o inspira.

As Expectativas Messiânicas Judaicas

De acordo com a estrutura de sete partes de Isaías, o servo de Deus do fim dos tempos personifica, assim, em uma única pessoa, todas as características positivas dos antigos heróis de Israel. Não é de surpreender que o servo cumpra as expectativas judaicas com relação a um Messias. É claro que essas expectativas não são as mesmas dos cristãos. Considerando que a ideia cristã de um Messias se concentra na salvação espiritual, a esperança messiânica judaica se concentra na libertação física. No entanto, a ideia judaica de um Messias tem uma base válida na estrutura de sete partes de Isaías, assim como os escritos de Oseias, Jeremias e Ezequiel, que, do mesmo modo, preveem um Messias temporal. A pergunta é: apenas um conceito de Messias é legítimo ou ambos o são? Como veremos, as duas ideias—de um Messias espiritual e de um Messias temporal—encontram apoio na profecia de Isaías.

7

A ESCADA DE ISAÍAS PARA O CÉU

Revelação de uma ordem crescente da humanidade na profecia de Isaías, formada por uma hierarquia espiritual com base nas relações de convênio com Deus. Identificação de sete níveis espirituais, nos quais aqueles que estão em cima ministram àqueles que estão embaixo, mas que são, eles mesmos, ministrados por pessoas acima deles, com o próprio Deus ministrando àqueles que estão em cima. O retrato de como subir de um nível para o seguinte é precedido por uma descida temporária ou teste da lealdade de alguém para com Deus.

A estrutura de sete partes de Isaías acrescenta uma dimensão à profecia hebraica que requer uma reavaliação completa da natureza da profecia. Muitos estudiosos têm sido preparados para admitir que profetas como Isaías tinham a habilidade de fazer suposições claras sobre o futuro. Mas após publicar suas posições equivocadas, esses estudiosos não se retratam facilmente. Por exemplo, o Livro de Isaías não pode ser produto de diversos “Isaías” ao longo de vários séculos. As múltiplas estruturas literárias que unem seu conteúdo do

início ao fim não podem ser resultado de muitas mentes e perspectivas. É evidente que a profecia de Isaías é uma obra de arte intrincadamente tecida que exigia a mais elevada habilidade literária de criar—uma obra-prima que vai além apenas da mente humana.

Isaías—Profeta e Teólogo

A estrutura de sete partes do livro requer que demos crédito a Isaías pelo que *ele* tinha a dizer sobre seus escritos. Em primeiro lugar, ele afirma que seus escritos são as coisas que ele viu e ouviu em visão. Como João, ele testemunhou cenas reais de um futuro “Dia de Jeová”. Em segundo lugar, ele afirma que seus escritos são a palavra de Deus, conforme Deus lhe ordenou. Em terceiro lugar, ele afirma que o que ele disse se trata do fim desde o princípio. Para respaldar essa ideia, ele se vale de dispositivos literários para projetar um cenário com detalhes extraordinários do fim dos tempos. Não parece razoável aceitar que Isaías fosse, de fato, um homem de Deus, que viu a Deus, conforme ele mesmo afirma e que profetizou o futuro com a autoridade de Deus? Os estudiosos viram a Deus para julgar esse homem?

Contudo, na estrutura de sete partes de Isaías, encontramos mais do que uma profecia. Encontramos também uma teologia totalmente inclusiva. Isaías desenvolve essa teologia incrementalmente, assim como ele faz sua profecia. Na ideologia de Sião apresentada por Isaías, já vimos uma parte dessa teologia. Cumprir os termos dos convênios de Deus gera as bênçãos e os privilégios de Deus. Provar ser fiel a Deus em todas as circunstâncias produz bênçãos e privilégios ainda maiores.

Uma Ordem de Subida e Descida

Como nem todas as pessoas estão no mesmo nível espiritual, Isaías dividiu a humanidade em categorias de subida e descida, dependendo do relacionamento das pessoas com Deus. Podemos comparar essas categorias com uma escada

espiritual que, por fim, chega ao céu. As pessoas em qualquer degrau da escada podem subir um degrau assim que cumprirem as condições necessárias para essa subida. Deus estipulou os termos dos convênios que faz com Seu povo e com indivíduos que os levarão de um nível espiritual até o seguinte. Não funciona de nenhuma outra maneira. Como mostra o exemplo do arquitirano, tentar tomar um atalho para o céu pode resultar em um desastre.

No degrau mais baixo da escada estão as pessoas que seguem o exemplo do arquitirano de mais pura e absoluta maldade. De fontes externas a Isaías, podemos identificar esses autores do mal como Perdição ou “filhos da perdição”. Formando a próxima categoria inferior estão os idólatras do mundo e os rebeldes dentre o povo de Deus, os quais se identificam com Babilônia. Acima deles estão aqueles que creem em Deus e que ainda não cumprem os termos do convênio de Deus, os quais são conhecidos pelos nomes de Jacó e Israel. Acima deles estão Sião e Jerusalém, as pessoas que guardam os termos do convênio de Deus, mas que ainda não provaram ser fiéis a Deus em todas as circunstâncias. Grande parte da história da antiga Israel restringia-se a como Deus lidava com essas categorias inferiores de pessoas.

As exceções a essas categorias inferiores eram os antepassados de Israel: Abraão, Isaque, Jacó, profetas como Moisés e Elias e diversos reis de Israel, especialmente Davi e Ezequias. Isaías usa esses indivíduos como exemplos de categorias espirituais mais elevadas que se tornarão proeminentes no fim dos tempos. Essas categorias incluem “servos” e “filhos” de Deus, que funcionam como salvadores de seus povos e, acima deles, os serafins—emissários angelicais de Deus. O servo de Deus do fim dos tempos assemelha-se a essas figuras heroicas da história de Israel não apenas nas funções que desempenha, mas também em seu grau de ascensão espiritual. O maior de todos é o Deus de Israel, o Salvador da humanidade e o exemplo de todo o bem.

Na escada espiritual de Isaías, as pessoas acima funcionam como modelos para aquelas que estão abaixo. A estrutura de sete partes de Isaías, por exemplo, demonstra como o rei Ezequias serve de modelo de retidão para seu povo provando ser fiel a Deus em todas as circunstâncias. Por sua lealdade comum a Deus, tanto o rei quanto o povo sobem a escada espiritual. Essas coisas tipificam o que ocorrerá novamente no fim do mundo.

O oposto também acontece. Dentro da mesma estrutura, o rei Acáz é um exemplo de rebelião que prova ser infiel quando posto à prova. Por sua rebelião em comum contra Deus, Acáz e seu povo descem a escada espiritual. Desse modo, Isaías conecta as ações das pessoas à liderança justa ou iníqua em todos os níveis. As pessoas seguirão um líder que tenha a mesma mentalidade delas, quer seja para o bem ou para o mal. Inevitavelmente, os líderes do povo de Deus têm um papel importante em sua vida, tanto no fim do mundo como antigamente.

Como Passar nos Testes de Deus

O cerco de Jerusalém realizado pela Assíria na época de Ezequias foi uma grande provação para o rei e para o povo. Deus organizou esse evento como um teste para a fidelidade de Seu povo. Ao que tudo indica, elas tinham apenas duas escolhas: render-se e ser deportadas para outra parte do império assírio ou ser assassinadas. Ao contrário de Ezequias e seu povo, 185.000 assírios que rodeavam a cidade estavam fortemente armados. Contudo, todos os requisitos para obter a proteção de Deus sob os termos da Aliança Davídica estavam em vigor. As pessoas recorriam à liderança do rei, enquanto ele intercedia junto a Deus. O rei e o povo ignoraram as ameaças assírias e confiaram unicamente em Deus. Ao fazerem isso, passaram no teste. O anjo de Deus exterminou o exército assírio em uma única noite, livrando, assim, o povo de Deus.

Isaías compara a reação do povo em meio ao cerco assírio em Jerusalém à mulher chamada Sião que rejeita as propostas de um pretendente indesejado, o rei da Assíria. Ela ri do rei assírio e despreza-o, sabendo que Deus, seu marido, a protegerá. Isaías também descreve como, na hora da crise de seu povo, Ezequias envia mensageiros para pedir ajuda ao profeta Isaías. Para Ezequias, o cerco assírio é fonte de tremenda angústia—ele é responsável pela segurança de seu povo. Ezequias compara sua situação a uma criança prestes a nascer, cuja mãe não tem forças para dar à luz.

Enquanto isso, Ezequias sofre pessoalmente chegando a quase morrer de uma doença fatal. Ele vivencia individualmente o que seu povo está passando coletivamente quando os assírios ameaçam a vida deles. Quando Ezequias derrama sua alma diante de Deus e acredita estar morrendo, Deus envia ajuda. Isaías cura o rei, e ele continua a viver. Isaías vincula a promessa de Deus de salvar o povo de Ezequias dos assírios à provação agonizante do rei. Como Deus livrou o rei da morte, ele também livrará Seu povo segundo os termos da Aliança Davídica. Na verdade, o sofrimento de Ezequias foi o preço da libertação de seu povo.

Tanto o rei quanto o povo passaram, dessa maneira, no teste de Deus. Contudo Deus exige mais do rei do que do povo. As pessoas estão seriamente afligidas e com dor por causa da ameaça da Assíria. O que elas devem fazer para salvar sua vida e a vida de seus filhos pequenos? Pode haver libertação dessas aflições esmagadoras? Não obstante, elas colocam Deus e o rei em primeiro lugar e se recusam a se render aos assírios. Além disso, juntamente com essa ameaça, o rei sofre um tormento físico e mental excruciante, chegando até mesmo à beira da morte. Ainda assim, ele entrega, de bom grado, sua vida em obediência a Deus caso Ele a queira tomar, provando, assim, ser fiel em todas as circunstâncias.

Dessa maneira, Isaías mostra como nasce um libertador. Como nos testes pelos quais passaram outras pessoas, como Moisés e Davi, o teste de Ezequias é intenso. Deus o preparou para Ezequias pessoalmente, embora seja semelhante em intensidade aos testes pelos quais outros libertadores passaram. Com essa experiência, Ezequias passa a se conhecer melhor. Deus não lhe deu um teste difícil demais. Quando ele passa no teste, o próprio Ezequias é liberto. Mas, ao passar no teste, ele também se torna libertador de seu povo, um libertador no nível de filho/servo da escada espiritual de Isaías.

Além disso, quando seu povo passa no teste—permanecendo leal a seu rei diante de uma ameaça mortal—eles são libertos. Segundo os termos da Aliança Davídica, a lealdade do povo a seu rei nessas circunstâncias especiais demonstra sua lealdade a Deus. Passando no teste, eles sobem para o nível de Sião/Jerusalém. Portanto, nesse ponto, Isaías os identifica pelos nomes de Sião e Jerusalém, e não mais pelos nomes de Jacó e Israel. Tanto o rei quanto o povo renascem espiritualmente em níveis mais elevados. Para o rei, a Aliança Davídica serviu como meio para subir para o nível de Sião/Jerusalém, para o nível de filho/servo. Para o povo, a Aliança Davídica serviu de trampolim para o convênio de Deus com Israel *como nação*, cujo convênio Israel havia perdido.

Dentro da mesma estrutura de sete partes, Isaías mostra como as pessoas que subiram ministram àquelas que ainda não subiram. Assim como Isaías ministrou a Ezequias, e como Ezequias ministrou a Sião/Jerusalém, agora é Sião/Jerusalém que ministra a Jacó/Israel. Essa categoria inferior é formada por pessoas que ainda precisam passar nesse teste. Deus encarrega Sião/Jerusalém—aqueles que passaram no teste—de fazer por Jacó/Israel o que o rei Ezequias fez por eles. Quando fazem isso, quando provam ser fiéis a Deus em todas as circunstâncias, eles se tornam como o rei Ezequias, libertadores de seus povos. Por isso, no cenário de fim dos tempos de Isaías, determinados “servos” e “filhos” de Deus, que ajudam o servo de Deus a

libertar o povo de Deus, sobem da categoria de Sião/Jerusalém. O padrão de ministração de Isaías ocorre no futuro da mesma maneira que ocorreu no passado.

Os Nomes Simbólicos de Três Filhos

Isaías desenvolve essa teologia de subida espiritual ao usar indivíduos e eventos literais de sua época, propiciando-nos modelos de papéis em uma hierarquia espiritual. Assim como Isaías usa dispositivos literários para profetizar o fim do mundo, ele usa-os para desenvolver conceitos teológicos importantes e demonstra-os com personagens reais da história. Indivíduos vivos, em outras palavras, ilustram diferentes níveis espirituais, e os diferentes níveis espirituais revelam a teologia de subida de Isaías. É uma pena e nem um pouco surpreendente, portanto, que os estudiosos ainda não tenham discernido a profecia de Isaías pelo que ela é nem discernido sua teologia. Eles observaram somente o exterior, os indivíduos e eventos propriamente ditos. Com base nisso, eles tentaram interpretar os escritos de Isaías e perderam a essência do significado dos indivíduos e dos eventos.

A estrutura de sete partes de Isaías, por exemplo, faz referência a uma tradição literária de três tipos de filhos para representar três categorias diferentes do povo de Deus: (1) aqueles que não cumprem os termos do convênio de Deus, que provam ser desleais ou rebeldes contra Deus; (2) aqueles que cumprem os termos do convênio de Deus, mas que ainda não provaram fidelidade a Deus em todas as circunstâncias e (3) aqueles que cumprem os termos do convênio de Deus e provam fidelidade a Ele em todas as circunstâncias. Assim como todos os três tipos de filhos podem ser encontrados em famílias isoladamente, eles também são encontrados entre o povo de Deus.

Como comparação com as categorias espirituais de Isaías, Paulo identifica outras categorias similares ao comparar o destino eterno do povo ao brilho de corpos celestes, cada um

representando um nível espiritual diferente: “Uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas” (I Coríntios 15:41). Essas categorias existem no fim do mundo, como existiram antigamente. Para cada categoria, o “Dia de Jeová” é um teste, e cada uma delas passa por esse teste de maneira diferente.

Isaías usa três nomes simbólicos, por exemplo, para representar três categorias do povo de Deus. O primeiro é *Maher Salal Hash Baz* que significa “Acelerar o Despojo, Apressar o Espólio”. Ao dar a um de seus filhos esse nome, Isaías prediz a destruição da Assíria e a pilhagem dos despojos do povo rebelde de Deus. A categoria simbolizada por esse nome inclui aqueles em Jacó/Israel que seguem o exemplo do rei Acáz de rebelar-se contra Deus quando postos à prova. Eles descem ao nível espiritual da Babilônia de Isaías e, como resultado, perdem a proteção de Deus no “Dia de Jeová”, no fim dos tempos, tal como aconteceu antigamente.

A descida do nível de Jacó/Israel para o nível de Babilônia significa que, para muitos indivíduos, o nível de Jacó/Israel é um ponto crucial na escada espiritual. Como o povo do rei Ezequias, alguns passam no teste de Deus e, de lá, sobem para o nível de Sião/Jerusalém. Outros, como o rei Acáz e seu povo, não passaram em um teste semelhante e desceram ao nível de Babilônia. Deus prepara oportunidades para Seu povo subir, mas essas oportunidades também podem ser ocasião para alguns indivíduos descerem. Aqueles que rejeitarem a advertência de Deus de se arrepender do mal que praticam não poderão escapar de ser amaldiçoados em vez de abençoados quando o tempo se esgotar.

Shear Jashub, o nome simbólico de um segundo filho de Isaías, significa “um remanescente arrepender-se-á” ou “um remanescente retornará”. (O verbo *arrepender-se*, em hebraico, também significa “retornar”.) Esse nome representa aqueles em Jacó/Israel que se arrependem do mal que praticavam e

cumprem os termos do convênio de Deus. Após passar no teste de lealdade de Deus, eles ascendem ao nível de Sião/Jerusalém. Como povo do convênio de Deus, eles serão nomeados para ensinar e ministrar à próxima categoria anterior inferior—Jacó/Israel—para que esses também possam se arrepender. Muitos dos que se arrependerem, dentre os que se encontram dispersos entre as nações no fim do mundo, voltarão para Sião, onde Deus os protegerá no “Dia de Jeová”.

O terceiro nome simbólico, *Emanuel* significa “Deus conosco”. Na estrutura de sete partes de Isaías, representa aqueles em Sião/Jerusalém que provam fidelidade a Deus em todas as circunstâncias. Após passar no teste de lealdade de Deus, eles ascendem ao nível de Sião/Jerusalém. Nessa categoria o rei Ezequias e os “servos” e “filhos” de Deus no fim dos tempos são os libertadores por direito. Como Ezequias, eles intercedem e ministram aos níveis mais baixos da escada espiritual. No “Dia de Jeová”, eles obtêm o livramento de Deus para os indivíduos que estão em processo de subida para o nível de Sião/Jerusalém. Deus estará *com* Seus servos e filhos, como esteve com Ezequias, para proteger a eles e aos que a eles ministram.

O Papel Salvador dos Servos e Filhos de Deus

Isaías descreve como os servos e filhos de Deus do fim dos tempos sofrem oposição e perseguição por parte daqueles do povo de Deus que são rebeldes e das nações—de todos os que constituem Babilônia. Os servos de Deus combatem dia e noite idólatras, falsos profetas, autoridades más e membros de seitas, lutando pela vida e pela alma dos indivíduos. Eles lamentam a iniquidade do povo de Deus no fim do mundo. Eles intercedem junto a Deus em nome de Seu povo e oferecem um sacrifício aceitável a Ele.

Deus protegerá Seu povo arrependido *por amor a* Seus servos no “Dia de Jeová”. Ele nomeará Seus servos como reis e sacerdotes para ministrar às tribos de Seu povo. Ele lhes dará

também um novo nome, o que significará seu renascimento em um nível espiritual mais elevado. Ao mesmo tempo, seus inimigos, aqueles que perseguiram e lutaram contra eles, sofrerão a plena medida das maldições do convênio e perecerão em Babilônia.

Isaías e outros profetas distinguem ainda as diferentes categorias de indivíduos que identificamos por meio das imagens de metais e pedras. Os metais e pedras preciosos simbolizam o nível dos “servos” e “filhos” de Deus. As semi-preciosas simbolizam Sião/Jerusalém, e as de variedades comuns simbolizam Jacó/Israel. Isaías compara os níveis inferiores a “liga” e “escória”, que correspondem, respectivamente, a Babilônia e Perdição, o nível do rei da Assíria. Como acontece em outras metáforas, encontramos mais de um significado nesses termos.

No “Dia de Jeová”, Deus intervirá diretamente para livrar Seus servos e filhos e aqueles a quem eles ministram de qualquer ameaça mortal. Deus protege aqueles a quem Ele ministra *por amor a* Seus servos, que cumprem o papel de libertadores sob os termos da Aliança Davídica. Sob os termos da Aliança do Sinai, por outro lado, os indivíduos que estiverem subindo para o nível de Sião/Jerusalém poderão receber proteção indireta de Deus. Como os israelitas durante o tempo que vagaram no deserto, eles talvez sejam obrigados a se defender de seus inimigos. Essas circunstâncias, no entanto, dão a muitos a chance de provar fidelidade a Deus em todas as circunstâncias, permitindo-lhes subir para um nível espiritual mais elevado. Finalmente, todas as categorias inferiores de indivíduos não merecerão proteção no “Dia de Jeová” e desaparecerão inteiramente da terra.

No fim do mundo, o ouro substituirá o cobre, a prata substituirá o ferro, o cobre substituirá a madeira, e o ferro substituirá a pedra. Será uma época na qual toda a sociedade deverá subir ou descer. Os indivíduos que estiverem nos níveis mais inferiores, que se recusarem a subir, morrerão em

obscuridade. A própria terra subirá nessa ocasião para o nível de Sião/Jerusalém e receberá sua glória paradisíaca.

O Progresso Livre e Desimpedido

Na estrutura de sete partes de Isaías, a progressão espiritual não termina quando os indivíduos se tornam servos e filhos de Deus. Assim como as relações de convênio governam todos os níveis da existência humana, direta ou indiretamente, o nascimento e o renascimento continuam a ocorrer em todos os níveis do cumprimento de convênios. Isaías não dá indicação de que a subida espiritual cessa para os indivíduos que renascem. Em vez disso, o padrão de Isaías de níveis ascendentes reflete um princípio eterno.

Isaías talvez não forneça todos os detalhes do caminho a seguir a fim de atingir os mais elevados níveis de ascensão. Sem dúvida, muitos desses assuntos são sagrados e ocultos aos indivíduos que se encontram em níveis inferiores. No entanto, Isaías descreve algumas especificidades de todos os níveis. Além disso, ele estabelece a ideia de que os níveis mais elevados da escada espiritual ministram àqueles que se encontram em níveis inferiores. Os indivíduos mais elevados ensinam os que estão abaixo e servem de modelos para eles, para que também consigam subir para o nível mais elevado seguinte. A providência divina é aparente em todos os níveis. Somente por sua própria deslealdade e rebelião os indivíduos se afastam de Deus e descem.

O próprio Isaías ministra a Ezequias, que é servo de Deus no nível de filho/servo da escada. Ele cura Ezequias de uma doença mortal. Isaías também serve de mensageiro de Deus ao levar a palavra de Deus ao rei e a seu povo. Contudo, inicialmente Isaías foi ministrado por serafins, anjos sagrados que habitam na presença de Deus. Um serafim curou Isaías depois que ele ficou atordoado por ter visto a Deus. Além disso, o próprio Deus comissionou Isaías profeta no nível de filho/servo.

Por meio de sua estrutura de sete partes, Isaías revela ainda mais. Ele mostra como Deus, por fim, entrega a *ele* a função de serafim—um anjo vindo da presença de Deus. Depois de quarenta anos servindo como profeta de Deus, Isaías também sobe. Ele é recebido no conselho celestial de Deus e recebe o privilégio de ter a visão cósmica dos serafins. Daí em diante, ele executa todas as funções de um serafim e ministra aos níveis espirituais mais elevados.

Isaías mostra como o servo e filho de Deus no fim dos tempos também finalmente sobe para o nível de serafim ao executar as funções que Isaías ou que um serafim executa. Como Moisés, ele livra o povo de Deus em um êxodo no fim do mundo. Como o anjo vindo da presença de Deus e que liderou o acampamento de Israel, ele os leva para a terra prometida. Mesmo enquanto ele ministra aos indivíduos na terra, Deus ministra a ele.

A Descida antes da Subida

Por último, na estrutura de sete partes de Isaías, a ascensão para um nível superior é precedida por uma descida temporária. Essa descida é composta por um ou mais testes de lealdade que Deus prepara para cada indivíduo. Ela envolve um período de sofrimento e humilhação que serve como prova pessoal de fé; no entanto, não passa de um prelúdio para a salvação e exaltação. Ao longo dessa descida, o indivíduo aprende a adquirir os atributos de Deus até chegar a conhecer ao próprio Deus. Abraão, Isaque, Jacó e todos os que sobem para os níveis espirituais mais elevados seguem esse padrão. Não é difícil deduzir que quanto maior a subida, maior a descida ou mais intensa a prova de fé.

As provas de fé pelas quais os indivíduos passam podem ocorrer de uma destas duas maneiras. Na primeira, o indivíduo pode sofrer as maldições do convênio que são consequência de suas próprias transgressões. A estrutura de sete partes de Isaías expressa essa transgressão em termos de rebelião contra

Deus e prova deslealdade para com Ele quando os termos do convênio de Deus não são cumpridos. Todo o espectro da estrutura de temas retributivos—*ruína, punição, humilhação, sofrimento e deserdação*—reflete as categorias de maldições do convênio que resultam dessa *deslealdade e rebelião*. No entanto, quando um indivíduo se arrepende e deixa de praticar o mal, Deus o perdoa, e o indivíduo é, então, considerado sem culpa e sem pecado. Não obstante, os *efeitos* de suas transgressões—também chamadas de “iniquidades”—ainda podem segui-lo ou a gerações futuras até que esses efeitos também expirem e ele consiga inverter totalmente a maldição. Abraão, originário de um ambiente idólatra e disfuncional, passou por esse processo. Por causa de sua fé e obediência a Deus, ele retirou de si mesmo e das gerações futuras uma situação amaldiçoada.

Na segunda prova, como acontece com os salvadores do povo de Deus no nível de filho/servo ou em um nível superior, as maldições do convênio podem acumular as transgressões daqueles por quem alguém intercedeu. Nesse caso, a descida que antecede a ascensão torna-se um ato voluntário de amor em nome daqueles a quem se ministra. Mas pelo fato de o libertador ter que prestar contas a Deus por causa de *rebelião e deslealdade* por parte daqueles por quem ele intercede, ele desce a um nível mais baixo do que se encontrava anteriormente. Em outras palavras, ele passa por *ruína, punição, humilhação, sofrimento* e deserdação de modo mais intenso do que alguém que sobe de um nível inferior. No entanto, quando esse salvador substituto passa no teste e sobe, seu *renascimento, sua libertação, exaltação, salvação, e herança* também são proporcionalmente maiores. Esses temas oportunos da estrutura de Isaías refletem as categorias das bênçãos do convênio que aumentam quanto mais uma pessoa sobe. Assim, enquanto o indivíduo continuar a exercer *lealdade* para com Deus e demonstrar *obediência* aos termos do convênio, as bênçãos de Deus, da mesma maneira, continuam a ser derramadas e multiplicam-se.

O FIM DESDE PRINCÍPIO

Em suma, passar no teste de fidelidade de Deus envolve submeter-se fielmente à vontade de Deus, como Ezequias, em meio a uma prova de fé. Assim como Ezequias nasceu novamente ao morrer para si mesmo, todos os filhos de Deus podem subir e renascer em níveis mais elevados da escada. Logo, não há lugar para o egoísmo na provação do indivíduo enquanto ele sofre por outros e não por si mesmo. Subir para níveis mais elevados carrega esse preço quando se assume o papel de libertador de seu povo. Não é necessário dizer que quanto mais um indivíduo sobe, maior também é sua salvação e exaltação ou seu estado final de bem-aventurança.

8

O DEUS-SALVADOR DE ISRAEL

Ilustração de como as estruturas síncronas de Isaías identificam o Salvador que sofre no capítulo 53 como Jeová, o Deus de Israel, no capítulo 52 e ensinam uma teologia de salvação e exaltação. Demonstração de como Jeová segue os padrões de substituição de sacrifício de animais e as antigas relações imperador-vassalo do Oriente Próximo ao tomar sobre si as transgressões de Seu povo e livrá-los da morte. Demonstração de que a misericórdia de Deus não pode operar a menos que a justiça seja feita.

No padrão da descida antes da subida que ocorre na escada espiritual de Isaías, há um indivíduo que desce abaixo de tudo antes de subir acima de tudo—Jeová, o Deus de Israel e o rei de Sião. Sua missão de salvação é proeminente, e Seu sofrimento e humilhação são superiores aos de todos os outros indivíduos. Os estudiosos chamam-No de “servo sofredor”, embora Isaías nunca O tenha descrito como “servo”. Essa palavra refere-se unicamente ao servo de Deus do fim dos tempos e a outros “servos” e “filhos” sobre os quais já falamos.

Os leitores, portanto, muitas vezes ficam confusos ao tentar saber quem é quem, principalmente quando o chamado “Quarto Cântico do Servo” de Isaías 52:13–53:12 tem dois temas distintos, e não apenas um como presumiam os estudiosos. Em Isaías 52:13–15; 53:11–12, Jeová fala de seu “servo”, enquanto em Isaías 53:1–10 um porta-voz do povo de Deus, possivelmente o servo, fala sobre o rei sofredor de Sião. Por um lado, o servo de Jeová é ferido, mas posteriormente é curado e ganha notoriedade. Por outro, o rei de Sião morre pelas transgressões de Seu povo. As estruturas síncronas de Isaías ajudam a esclarecer essa confusão.

A estrutura de Isaías que faz um contraste entre o rei de Babilônia, no capítulo 14, com o rei de Sião nos capítulos 52–53 em vinte e um versículos antitéticos consecutivos desvenda a especulação dos estudiosos sobre Isaías 53:1–10 ao identificar o indivíduo como Jeová, o Deus de Israel e o Rei de Sião. Sua descida para a morte (Isaías 53:7–10) é o prelúdio e um pré-requisito de sua ascensão como Rei de Sião (Isaías 52:7). Essa descida e ascensão fazem parte de um padrão de humilhação e exaltação em torno do qual Isaías estrutura toda a sua profecia. O próprio Jeová define o padrão da descida antes da ascensão para que os indivíduos que se encontram em níveis inferiores possam segui-lo.

Tenhamos em mente que a humilhação e exaltação também são dois dos temas centrais da estrutura de sete partes de Isaías. Nessas duas estruturas síncronas, a exaltação é precedida pela humilhação. A autoexaltação, por outro lado, é inevitavelmente seguida pela humilhação, como acontece com o rei de Babilônia. É no processo de estabelecer o verdadeiro padrão para a exaltação que Jeová, o Rei de Sião, sofre humilhação.

Deus Compromete-Se por meio dos Convênios Feitos

Um aspecto intrigante dessa inversão de circunstâncias, no entanto, é que o próprio Deus, na pessoa de Jeová, deve Se submeter a essa provação. Não poderia Deus, que é todo-

poderoso, fazer o que precisava fazer sem se submeter ao sofrimento e à humilhação? Seria Deus um mero mortal que teria de sofrer e morrer como um homem? Qual seria o objetivo disso? A resposta reside no fato de que Deus nada faz a não ser que a ação esteja de acordo com os convênios que Ele fez com Seu povo e com os indivíduos. Dentro de um contexto de relações de convênio com Deus, conseguimos resolver essas questões.

Em primeiro lugar, as relações de convênios regem todos os níveis da existência da escada espiritual de Isaías, sejam elas com Deus ou com indivíduos, quer sejam elas do passado ou do futuro. Além disso, quanto maior o nível de subida, maior a missão de salvação de quem ministra aos níveis mais baixos. Mas quanto maior a subida, maior também seria a descida temporária daquele que ministra ao suportar a carga de sofrimento e humilhação em favor de outros ao pagar o preço pela libertação deles.

Todos os contratos de convênio celebrados vinculam as partes ao convênio, sejam elas indivíduos ou o povo de Deus como um todo. Mas eles também as vinculam ao próprio Deus. Quando Deus faz um convênio para livrar Seu povo de uma ameaça mortal, Ele deve livrá-los enquanto Seu povo cumprir os termos do convênio. Os exemplos incluem a intervenção de Deus nos dias de Moisés, Josué, Gideão, Davi e Ezequias, quando eles e seus povos provaram fidelidade a Deus. Em cada caso, Deus livrou Seu povo, mesmo quando eles não tinham muitas chances de libertação.

Também observamos que a proteção de Deus ocorre em diferentes tipos de relações de convênio. Por um lado, Deus protege Seu povo quando eles, *como nação*, cumprem os termos de Seu convênio. Por outro lado, Ele os protege em virtude da retidão de seu rei—“servo” e “filho” de Deus—enquanto o povo provar fidelidade ao rei. Nesse caso, Deus os livra *por causa de* seu rei, que intercede junto a Deus em favor deles. Como um

salvador substituto de seu povo, o rei cumpre em favor deles os termos do convênio de Deus, respondendo não apenas por si mesmo e, portanto, sofrendo em consequência da deslealdade do povo para com Deus.

Observamos também diferentes tipos de proteção divina, direta e indireta. Por um lado, Deus protege Seu povo, embora seja necessário que eles se defendam sozinhos de seus inimigos. Por outro, Deus intervém em sua vida e destrói os inimigos de Seu povo. Os diferentes níveis de cumprimento do convênio explicam esses tipos diferentes de proteção. Cumprir os termos do convênio de Deus dá o direito à preservação do povo, mas provar fidelidade a Deus em todas as circunstâncias dá direito à intervenção de Deus em seu favor.

Todos esses tipos de libertação, no entanto, estão relacionados com a proteção física contra os inimigos, seja na Israel do passado ou do fim do mundo. Mas os termos do convênio de Deus vão além dessa proteção limitada. A proteção de Deus, em última análise, ultrapassa a morte propriamente dita. Deus poderá livrar Seu povo dos inimigos, mas o que acontece quando Seu povo envelhecer e morrer? Nesse caso, a morte é apenas adiada por um tempo—ainda assim, eles morrerão.

A Morte—O Inimigo Comum

Em seu sentido mais amplo, portanto, a proteção de Deus significa libertação de *qualquer* ameaça mortal. O rei da Assíria pode ter ameaçado o povo de Deus antigamente ou poderá ameaçar no fim dos tempos. Mas o que acontece quando a ameaça já passou? O povo de Deus não continuará vulnerável à morte por outras causas? O fato é que, por amor a Seu povo, Deus providenciou um meio de livrá-los de *qualquer* ameaça mortal, e isso inclui a própria morte.

De acordo com Isaías, o povo de Deus se qualificará para a libertação da morte—pela primeira vez na história de Israel—na ocasião do fim do mundo. Nessa ocasião, uma nação do

povo de Deus, composta por indivíduos que renovarem sua fidelidade a Deus, se arrependerá das transgressões e retornará do exílio. Eles cumprirão os termos do convênio de Deus *como nação* e provarão fidelidade a Deus em todas as circunstâncias. Com eles, portanto, Deus fará um convênio incondicional como fez com seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó. Na ocasião, Deus abolirá a morte para sempre. Eles já não morrerão como mortais, mas viverão por toda a era milenar de paz e além dela.

Como já vimos, os convênios que Deus faz com Seu povo se assemelham muito aos convênios realizados entre imperador e vassalo no antigo Oriente Próximo. Ao adquirir as noções básicas sobre os convênios do antigo Oriente Próximo, conseguimos ajuda para entender o funcionamento interno dos convênios de Deus com Seu povo e com os indivíduos. Segundo os termos desses convênios, o imperador é obrigado a socorrer um vassalo fiel e a aniquilar um inimigo comum. Um “inimigo comum” é aquele que representa uma ameaça mortal para o vassalo e que o imperador considera uma ofensa contra si mesmo. No convênio de Deus com Israel, portanto, se o inimigo comum é a morte, então Deus tem obrigação de aniquilar a morte.

Mas como Deus aniquilará a morte é algo que precisamos considerar. A morte sempre foi uma maldição do convênio. Como em todas as relações de convênio com Deus, a morte veio como consequência de transgressão aos termos do convênio de Deus, o que ocorreu primeiro no Jardim do Éden. Aprendemos com o relacionamento de Deus com Adão e Eva que Deus tinha uma relação de convênio com eles, assim como tem com todos com quem Ele tem relações pessoais. Os mandamentos de Deus para Adão e Eva no Jardim do Éden constituíam os termos de Seu convênio com nossos primeiros pais.

No padrão de convênios incondicionais, Deus abençoou Adão e Eva com uma terra prometida—neste caso, a própria terra. Deus lhes deu domínio sobre a terra e sobre a vida animal e vegetal. Ele plantou um jardim ao oriente do Éden que tinha tudo de que necessitavam. Deus também lhes prometeu uma posteridade duradoura para povoar a terra: Adão e Eva deveriam “multiplicar-se e encher a terra”. Essas coisas constituíam as bênçãos do convênio de Deus.

O Convênio de Deus Estabelece a Base

O convênio condicional de Deus com Seu povo, Israel,—a Aliança do Sinai—na realidade, é um padrão a ser seguido por Israel para iniciar o processo de inverter a maldição da morte por meio do cumprimento dos termos do convênio. Ao proporcionar a ocasião para que Deus venha em auxílio de Seu vassalo que enfrenta a morte—a derradeira ameaça mortal—Israel faz com que Deus intervenha nos assuntos de Seu povo e acabe com a própria morte. Mais do que isso, potencialmente toda a humanidade poderia assumir o estado imortal que Adão e Eva tinham inicialmente no Jardim do Éden se a humanidade também cumprisse os termos do convênio de Deus.

Nesse caso, a experiência de mortalidade e a maldição da morte constituiriam um ganho, e não uma perda—uma maldição que poderia se transformar em bênção. Todos os que superassem a morte como resultado do cumprimento dos termos do convênio de Deus poderiam subir a escada espiritual, em parte como resultado da adversidade proporcionada pela mortalidade. O estado mortal serviria, então, como um campo de testes que permitiria a Deus testar melhor a fidelidade de Seu povo. À luz desses fatos, o sofrimento e a humilhação infligidos pela mortalidade constituiriam uma condição prévia para a salvação e a exaltação. No final, quando a morte for vencida, os indivíduos que houverem descido à mortalidade e cumprido os termos do convênio de Deus ascenderão a um

nível espiritualmente superior ao nível em que estariam se não tivessem descido.

Mas como é possível um imperador aniquilar um inimigo sem antes conquistá-lo? Além disso, alguém pode vencer a morte sem primeiro morrer? Poderia a morte ser chamada de “inimigo comum” se ameaçasse apenas o vassalo, mas não o imperador? Por outro lado, Jeová, o criador de todas as coisas, pode morrer e ainda assim continuar a existir como Deus?

Isaías responde a essas perguntas na estrutura que faz um contraste entre o rei de Babilônia, no capítulo 14, com o Rei de Sião, nos capítulos 52–53. Nessas passagens, ele introduz a ideia de ressurreição. Ao mesmo tempo em que Babilônia e seu rei descem de seus tronos e retornam ao pó, Sião e seu Rei erguem-se do pó e assentam-se em seu trono. Em todos os casos, o espírito vive com ou sem um corpo físico. É apenas o corpo físico que morre e é ressuscitado.

Mas vamos supor que Jeová, de fato, vença a morte. As pessoas não estariam vulneráveis a morrer se pecarem contra Deus como Adão e Eva fizeram no Jardim do Éden? Se a morte foi consequência da transgressão de nossos primeiros pais, ela ainda o é agora. Qualquer pessoa que pecasse contra Deus introduziria a morte pela segunda vez.

A solução para esse problema é que Jeová faz mais do que vencer a morte. Por amar Seu povo, Ele também está disposto a responder por suas transgressões, que são a causa da morte, tomando-as sobre Si. Ele está disposto a sofrer o castigo pela transgressão dos termos de Seu convênio, o qual ocorre de maneira justa por causa de Seu povo. Entretanto, a magnitude cumulativa das transgressões de Seu povo—retrocedendo e avançando no tempo—implicaria no mais alto grau de sofrimento e humilhação em favor de outros de quaisquer papéis libertadores.

Jeová Torna-se o Salvador Substituto de Israel

Todavia, ao sofrer pelas transgressões de Seu povo, Jeová assume um segundo papel de libertador, e não apenas um. Esse papel é diferente, mas não anula Seu papel de imperador. Todavia, ambos os papéis assemelham-se às mais elevadas funções ministrantes da escada espiritual. O segundo papel, na verdade, é o de um rei vassalo que responde a um imperador pela infidelidade de seu povo ao imperador. O rei Ezequias demonstrou esse papel no cerco empreendido pela Assíria a Jerusalém. Tomando sobre Si a posição de “servo” e de “filho”—o papel de um salvador substituto—Jeová recebe o mérito pela libertação de Seu povo de uma ameaça mortal, nesse caso, a ameaça de morte em si.

Sem, na verdade, chamar Jeová de “servo”, Isaías, contudo, atribui-Lhe a posição de vassalo. Na estrutura que faz um contraste entre o rei de Sião e o rei de Babilônia, Isaías retrata o Deus de Israel como estando disposto a sofrer acusação e punição normalmente infligidas a um vassalo rebelde. De diversas maneiras, contudo, Isaías nos diz que esse vassalo é inocente dos crimes por causa dos quais ele está sendo castigado. Por um lado, ele tem descendentes, o que é uma bênção do convênio. Por outro lado, ele é sepultado, também uma bênção do convênio. De modo oposto, o rei de Babilônia acaba sem descendentes, e seu corpo não é sepultado—ambas maldições do convênio. O Rei de Sião, em outras palavras, cumpre o papel substituto de um rei vassalo que responde pela deslealdade de seu povo ao imperador, e não por sua própria deslealdade.

Em certo sentido, portanto, Jeová atua no papel de imperador. Ele vem em auxílio de Seu vassalo—Seu povo—e aniquila a morte, seu inimigo comum. Em outro sentido, ele atua no papel de um rei vassalo *diante de* um imperador. Ele responde pela infidelidade de Seu povo aos termos do convênio, obtendo, assim, a proteção do imperador para Si e para Seu povo. Assumindo esses papéis, Jeová realiza o que ninguém inferior

a Ele mesmo poderia realizar. De fato, somente um Deus é capaz de cumprir esses papéis substitutos, porque todas as outras pessoas, em maior ou menor grau, transgrediram os termos do convênio e, portanto, precisam de libertação.

Mas esses papéis duplos—tanto o de imperador *quanto* o de vassalo—introduzem a ideia de um degrau mais alto da escada espiritual do que Jeová, o Deus de Israel. Um imperador cumpre o papel de “pai” de seus vassalos. Ele é um rei de reis e senhor de senhores. Um rei vassalo, por outro lado, cumpre o papel de “servo” ou de “filho” *de* um imperador, embora, ao mesmo tempo, ele atue como um “pai” para aqueles sobre os quais ele governa, que são *seus* vassalos. Os reis Davi e Salomão exemplificaram esses papéis duplos na era de ouro do império de Israel. Jeová era chamado de “pai” de Davi, e Davi era chamado de Seu “filho”. Mas Davi também serviu como “pai” aos reis de seu império, que constituíam *seus* “filhos”, e que, por sua vez, serviram como “pais” de seus povos.

Ao atribuir a posição de vassalo a Jeová, Isaías implica que Jeová, o Rei de Sião, responde a alguém superior a Si mesmo. Os profetas hebreus chamam esse ser santo de “Deus Altíssimo”—*El Elion*. Assim como o rei Davi responde a Jeová como um “filho” a seu “pai”, Jeová responde ao Deus Altíssimo como um “filho” a *seu* “pai”. O Deus de Israel, em outras palavras, é um “pai” e um “filho”. Nos termos da Aliança do Sinai, Jeová é um “pai” para Israel *como nação*, e nos termos da Aliança Davídica, ele é um “pai” para os reis vassalos individualmente. Ao mesmo tempo, Jeová também é um “filho” para *seu* pai, alguém superior a Ele mesmo na escada espiritual. O título “Deus Altíssimo” em si implica que há Deuses não tão superiores, o que observamos mais detalhadamente nos títulos das escrituras como “Deus dos Deuses” e “Senhor dos Senhores”.

O Sacrifício de Animais—Um Tipo de Sacrifício de Jeová

Um segundo papel substituto que Jeová cumpre em nome de Seu povo tem um precedente no sacrifício de animais. Segundo a lei de Moisés, se um homem pecasse contra Deus, ele estaria sujeito à morte como uma maldição do convênio para cumprir a justiça de Deus. Mas, para evitar sua morte, ele poderia oferecer um sacrifício de animal que fosse puro o suficiente para o ritual. Desse modo, o animal servia como substituto do homem morrendo em seu lugar. Teoricamente, a transgressão do homem era transferida para o animal enquanto ele próprio ficava livre. Entretanto, os sacrifícios de animais, na verdade, apenas simbolizavam o que o próprio Deus faria. Nenhum animal, por mais puro que fosse para o ritual, poderia satisfazer as exigências da justiça de Deus morrendo em favor de um ser humano. Como uma espécie de vida inferior, os animais não podem ministrar de modo ascendente em nome de seres mais elevados do que eles e expiar suas transgressões. Na escada espiritual de Isaías, as pessoas posicionadas acima obtém livramento para as pessoas que estão nos níveis abaixo, e não o contrário.

Diferentes tipos de sacrifícios de animais—como, por exemplo, o cordeiro pascal, o holocausto diário, a novilha vermelha, o bode expiatório e assim por diante—são diferentes aspectos tipificados do sacrifício que o próprio Jeová faria. Além disso, o sacrifício substituto de Jeová pela transgressão não poderia ter nenhum tipo ou precedente humano, pois todos os seres humanos pecam contra Deus em seu estado mortal. Nenhuma pessoa jamais viveu totalmente à altura da conduta ética que Deus solicita de Seus filhos. Todos, portanto, continuam precisando do livramento da transgressão e dos efeitos da transgressão, dado por Deus, e são incapazes de livrar-se de seu estado decaído.

Consistente com essa teologia, Isaías descreve, assim, Jeová, o Deus de Israel e o Rei de Sião, como um “cordeiro [que] foi

levado ao matadouro” e como a “oferta pelo pecado” (Isaías 53:7, 10). Ambas as ideias implicam a morte sacrificial de uma oferta ritualmente pura segundo os termos da Aliança do Sinai. Todavia, a fim de retratar totalmente a expiação de Jeová pela transgressão, Isaías funde o papel substituto de um animal para o sacrifício com o papel substituto de um rei vassalo segundo os termos da Aliança Davídica. Dessa maneira, Isaías estabelece o conceito de um sacrifício substituto *de* um rei davídico, que oferece sua vida pelo seu povo. Como Isaías descreve: “Porque foi cortado da terra dos viventes; pela transgressão do meu povo ele foi ferido” (Isaías 53:8).

Jeová Assume Vários Papeis Salvadores

Esse duplo conceito aplica-se exclusivamente ao degrau de Jeová na escada espiritual. O Deus de Israel sozinho pode expiar totalmente os pecados de Seu povo e reverter seus efeitos. As pessoas em níveis inferiores não podem expiar de modo suficiente para causar essa inversão. Elas podem apenas parar de transgredir e cumprir os termos do convênio de Deus. Além disso, qualquer outra maneira de reverter os efeitos da transgressão destruiria a justiça de Deus. Deus não pode zombar da justiça e simplesmente perdoar e esquecer o que Seu povo cometeu. Ele é obrigado a cumprir a mesma lei do convênio que Ele lhes pede que cumpram.

A justiça de Deus, em outras palavras, requer que alguém pague o preço da transgressão. Além do mais, a verdadeira restituição, para ser legítima ou eficaz, deve ser a restituição “na mesma moeda” ou igual à ofensa. Se aquele contra quem o povo transgredir for Deus—um ser infinito—uma expiação para a transgressão também deve ser infinita. Somente um Deus, e não um homem nem um animal, pode realizar essa expiação. Além disso, se a expiação de Jeová pela transgressão for infinita, ela tem seus efeitos sobre toda a humanidade, e não apenas sobre Israel. As transgressões de todos os que se arrependem e fazem parte do convênio de Deus com Seu povo, Israel,

seriam, então, expiadas, e eles seriam abençoados juntamente com Israel.

Em suma, com a finalidade de aniquilar a morte—a última ameaça mortal para Seu povo—Jeová cumpre três papéis. Ao fazê-lo, Ele faz por eles o que eles não podem fazer por si mesmos, cumprindo, ao mesmo tempo, todas as exigências da justiça de Deus. Em primeiro lugar, como imperador de Seu povo, Ele morre e depois ressuscita dentre os mortos, vencendo, assim, a morte. Em segundo lugar, como Seu libertador substituto de acordo com o padrão dos reis davídicos, Ele responde por suas transgressões sofrendo o castigo cumulativo por causa de Seu povo. E, em terceiro lugar, para fazer uma expiação eficaz pelas transgressões de Seu povo, Ele morre como um “cordeiro”.

Esses papéis divinos envolvem um fardo de sofrimento e humilhação inconcebíveis por parte do Deus de Israel. Contudo, no final, tal sofrimento e humilhação compram uma incomparável salvação e exaltação para Ele e Seu povo. Esses papéis divinos constituem os termos do convênio de Jeová com o Deus Altíssimo, cujos termos o Deus de Israel se compromete a cumprir. Além disso, o fato de Israel cumprir os termos de seu convênio com o Deus Altíssimo estabelece as bases para o cumprimento de *todas* as promessas de Deus e das bênçãos do convênio que se seguem. Sem isso, as maldições do convênio, inclusive a morte, permaneceriam em vigor, separando o povo de Deus para sempre. Os papéis salvadores de Jeová também demonstraram Sua descida abaixo de todas as coisas que precedem Sua ascensão sobre todas as coisas.

A Missão Terrena de Jeová como Salvador da Humanidade

Como um todo, a implementação desses papéis por parte de Jeová na vida real implica em várias conclusões sobre o Deus de Israel: (1) A fim de vencer a morte em favor de Seu povo que vive *na terra*, Ele deve nascer, viver na terra e revestir-se da natureza

humana. (2) Como Deus criou Adão e Eva à Sua “imagem” e “semelhança”, tomar sobre Si a natureza humana não era uma transmutação de uma imagem e semelhança em outra, mas, em vez disso uma manifestação da condescendência de Deus com o propósito de resgatar a humanidade da morte.

(3) A fim de cumprir plenamente o padrão dos reis davídicos, Ele deve nascer na linhagem real de Davi e habitar entre Seu povo em sua terra. (4) De acordo com os termos da Aliança Davídica, Ele deve ser um “filho” leal de Seu “pai”, o Deus Altíssimo, cumprindo Sua lei, submetendo-Se à Sua vontade e demonstrando fidelidade em todas as circunstâncias.

(5) Para realizar uma expiação infinita pela transgressão, Ele mesmo deve ser Deus e, portanto, ser gerado em carne como Filho literal do Deus Altíssimo, e não por meios paranormais ou estranhos. (6) A fim de mostrar que Seu Pai—o Deus Altíssimo—estava com Ele, Ele deve demonstrar poderes divinos extraordinários, abençoando a vida de Seu povo. (7) A fim de não deixar nenhuma dúvida sobre Si mesmo e sobre Sua missão terrena, Ele deve declarar abertamente quem é e prever Sua própria morte e ressurreição. (8) Para que Seu sofrimento e Sua humilhação sejam completos, Ele deve ser falsamente acusado e rejeitado por Seu próprio povo e ser cruelmente condenado à morte. (9) Para garantir que Ele seja condenado por Seu próprio povo, Ele deve habitar entre eles durante uma época sem precedentes de iniquidade espiritual elevada.

(10) Quem fosse acusá-Lo como se acusa um vassalo rebelde, deveria, paradoxalmente, ter recebido de Deus autoridade política ou eclesiástica. (11) Como nenhuma pessoa justa condenaria o Deus de Israel à morte, quem o faz deveria condená-Lo injustamente. (12) A fim de cumprir a lei de Moisés, o sacrifício de Sua morte deveria coincidir com seu ritual cerimonial, como, por exemplo, a morte do cordeiro pascal. (13) Para cumprir as exigências do ritual, Ele deveria morrer como uma vítima sem mácula por derramamento de sangue, sacrificado pelo sumo sacerdote de Israel.

(14) Para que Sua expiação fosse um legítimo ato de Deus, testemunhas confiáveis deveriam testemunhar Sua morte e ressurreição.

O Salvador de Israel Cumpre a Lei da Justiça

Ao realizar essa expiação infinita e atemporal, o Deus de Israel proporciona o perdão dos pecados e apaga as transgressões de Seu povo que se arrepende. E quando Suas transgressões são apagadas, os efeitos da transgressão—as maldições do convênio—podem ser revertidos. Além disso, o fato de Jeová cumprir as exigências da justiça torna legítima a lei de misericórdia de Deus para com todos os que param de transgredir e cumprem os termos de Seu convênio. Agora, o Deus de Israel pode oferecer misericórdia a Seu povo e aos indivíduos precisamente por haver pago o preço de suas transgressões. Sem isso, a misericórdia de Deus não poderia ter nenhum fundamento verdadeiro, e Deus seria um Deus caprichoso e injusto.

Como observado, no decorrer do cumprimento de Seus papéis salvadores no padrão dos convênios imperador-vassalo, Jeová—o “filho”—cumpre os termos de Seu convênio com o Deus Altíssimo, o “pai”. Ao provar fidelidade em todas as circunstâncias, Jeová—o “filho”—serve de modelo para Seu povo. Sendo Ele próprio livre de transgressão—um Cordeiro sem mácula—Ele, mesmo assim, morre voluntariamente *pela* transgressão. Nesse caso, o Deus Altíssimo—o “pai”—ainda é obrigado pelos termos do convênio a livrar Seu “filho” da morte, Seu “inimigo comum”. Mas, nessas circunstâncias, a única maneira de o Deus Altíssimo fazer isso é ressuscitar Seu “filho” dos mortos.

Do mesmo modo, assim como Jeová vence a morte e ressuscita dentre os mortos, todos que se tornam leais a Ele agora podem ressuscitar dos mortos. Sua libertação da morte resulta do papel substituto de um rei davídico em favor de seu povo, de acordo com os termos do convênio de Deus.

(Lembre-se: o imperador é obrigado pelos termos do convênio a libertar de uma ameaça mortal, tanto um vassalo fiel—aquele que guarda a lei do imperador—*quanto* todos os que são leais ao vassalo, que guardam a lei do vassalo.) Quando Isaías diz que “se dobrará todo joelho, e (...) jurará toda língua” (Isaías 45:23), ele identifica toda a humanidade, que, no devido tempo, ressuscitará dos mortos *por amor a Jeová*—o Rei de Sião—seu libertador substituto.

Uma Reviravolta das Circunstâncias no Fim do Mundo

Usando o mesmo simbolismo, o Deus de Israel inverte *todas* as maldições do convênio por Seu povo, e não apenas a morte. Ele faz isso tomando *todas* as suas transgressões sobre Si. A morte e a ressurreição são a instância mais vívida da inversão dos efeitos da transgressão. Uma transformação generalizada de maldições em bênçãos ocorrerá no fim do mundo quando o povo de Deus cumprir os termos do convênio *como nação* e provar fidelidade a Deus em todas as circunstâncias. Circunstâncias especiais no fim dos tempos facilitarão uma subida sem precedentes na escada espiritual. Mas Jeová não pode abolir a morte permanentemente sem que a humanidade, por fim, deixe de transgredir. Portanto, quando Seu povo tiver subido a escada espiritual além do ponto de transgressão, quando todos os que continuam a transgredir forem excluídos da terra, Jeová habitará entre Seu povo, a morte desaparecerá, e as maldições do convênio se dissiparão.

Exemplos de inversões de maldição adicionais incluem o retorno do povo de Deus da dispersão para herdar a terra prometida. Os lugares desolados de Sião serão restaurados, e seu templo reconstruído. As terras de herança voltarão a ser frutíferas e se tornarão como o Jardim do Éden. O povo de Deus, Sião, se multiplicará e encherá a terra. O medo e a doença desaparecerão, e as tristezas se transformarão em alegria. As pessoas viverão na presença de Jeová e desfrutarão o brilho de Sua luz.

De acordo com as estruturas síncronas de Isaías, as maldições de Sião se transformarão em bênçãos ao mesmo tempo em que Babilônia será amaldiçoada e cairá. Sião renascerá no exato momento em que Babilônia começar a morrer. O Rei de Sião virá para estabelecer Seu reinado de paz no mesmíssimo “Dia de Jeová” em que o reinado de terror do rei de Babilônia terminar. A inversão das circunstâncias de Sião, assim, está diretamente relacionada com Babilônia.

Nessa inversão de circunstâncias, muitos do povo de Deus subirão um degrau da escada espiritual. Por outro lado, aqueles dentre o povo de Deus que não conseguirem subir pelo menos ao nível de Sião/Jerusalém descerão e perecerão com Babilônia. O rei de Sião e o rei de Babilônia estabeleceram o padrão para essa subida e descida. O rei da humilhação de Babilônia no fim do mundo é uma consequência de sua antiga autoexaltação. A exaltação do Rei de Sião no fim do mundo finaliza um drama de duas partes. Sua descida e humilhação prévia como vassalo sofredor permanecerão para sempre como um incompreensível ato de amor.

9

O “DIA DE JEOVÁ” DO FIM DOS TEMPOS

Conclusão de que, nas características literárias da profecia de Isaías, existe a codificação de uma planta do fim do mundo e de uma teologia do Novo Testamento. Descrição de uma grande polarização dos justos e iníquos antes do vindouro “Dia de Jeová”. Confirmação de que tudo o que acontecer naquela época seguirá os padrões do passado e de como o Deus de Israel virá salvar fisicamente os que ascenderam espiritualmente por haverem provado fidelidade a Ele em todas as circunstâncias.

Como é possível observar, quando me propus a pesquisar o Livro de Isaías, eu não tinha ideia da riqueza de informações que ele continha. Quem imaginaria que Isaías tivesse mergulhado seu livro em tantos padrões literários complexos ou que eles guardavam tantos segredos e verdades tão profundos? Eles alteraram toda a minha perspectiva da profecia hebraica. Em minhas descobertas, senti que fui mais do que recompensado por meus esforços de relacionar os escritos de Isaías com a atualidade. Certamente, não consegui provar indiscutível-

mente que Isaías fala de nossos dias. Todavia, sinto que tive êxito ao delinear seu cenário de fim dos tempos.

Com os fanáticos apocalípticos modernos, eu poderia especular sobre os desdobramentos iminentes entre as superpotências de hoje e outras nações do mundo. Afinal de contas, o que Isaías profetiza corresponde potencialmente ao que essas nações são capazes de fazer. Isaías prevê o que acontecerá em nosso mundo em algum momento. Considero um privilégio o fato de seu cenário de fim dos tempos ter sido mapeado *antes* de ocorrer, e não depois. Deixo para o leitor decidir se isso poderia, de fato, desenvolver-se a partir dos acontecimentos atuais do mundo.

Um Paralelo das Profecias do Novo Testamento

Outras fontes escriturísticas além de Isaías parecem apoiar fortemente seu cenário de fim dos tempos. Uma das primeiras coisas que ocorrem no drama do fim dos tempos de Isaías, por exemplo, é a chegada ao cenário mundial do rei da Assíria, o arquitirano, que aliado a outras nações, conquista o mundo. A declaração de Jesus: “Pois que aproveita ao homem, se ganhar o mundo inteiro, e perder a sua alma?” (Mateus 16:26) pode, portanto, não apenas ter sido um conselho espiritual, mas também uma profecia sobre um indivíduo real. Na verdade, o arquitirano de Isaías parece-se muito como o “ladrão na noite”, associado com a segunda vinda de Jesus. Afinal, ele é o traidor que ataca quando muitos menos esperam, que saqueia a riqueza das nações no “Dia de Jeová”, a hora mais escura da história do mundo. Como ele serve de instrumento de Deus para destruir uma humanidade corrupta e disfuncional, sua vinda anuncia o fim do mundo—o fim de Babilônia.

Como o cenário de fim dos tempos de Isaías corresponde a outras profecias do Novo Testamento da segunda vinda de Jesus? Paulo parece estar falando desse arquitirano quando prevê que um “filho da perdição” fará sua aparição entre o povo de Deus pouco depois de um período de apostasia, como diz

a profecia de Isaías: “Ninguém de maneira alguma vos engane; porque aquele dia não virá sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição; o qual se opõe, e se levanta sobre tudo o que se chama Deus, ou se adora; a ponto de assentar-se, como Deus, no templo de Deus, fazendo-se parecer Deus” (II Tessalonicenses 2:3-4).

Como Isaías, Paulo liga a vinda do falso profeta ao desaparecimento das pessoas do mundo que não se arrependem: “E então será manifestado o iníquo, o qual o Senhor desfará pelo espírito da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; Aquele cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo engano da injustiça para os que perecem, porquanto não receberam o amor da verdade para se salvarem. E, portanto, Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam na mentira; Para que sejam condenados todos os que não creram na verdade; antes, tiveram prazer na iniquidade” (II Tessalonicenses 2:8-12).

Tanto Isaías como Paulo, portanto, preveem uma grande batalha espiritual, e não somente física, envolvendo um arquitirano ou anticristo no fim dos tempos. Essa pessoa maligna, com uma coalizão de nações e vastos exércitos, empreenderá guerra contra o povo de Deus física e espiritualmente. Do mesmo modo, apresenta-se a Daniel uma besta com chifres que devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços, que falará palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo (ver Daniel 7:23-25).

A Polarização de Todos os Povos

Os padrões de caos e criação nos escritos de Isaías mostram que o arquitirano obtém vantagem sobre o povo de Deus durante algum tempo. Deus testará a fidelidade de Seu povo ao máximo. Somente dessa maneira eles poderão subir mais alto na escada espiritual. Por outro lado, muitos serão enganados

pelas agradáveis palavras de paz proferidas pelo impostor. Aqueles que acreditam nele estarão dispostos a suportar as provações temporárias de sofrimento e humilhação por serem o povo de Deus. Mal sabem que eles descerão, de uma maneira ou de outra, para talvez jamais subir novamente.

Como Jesus disse: “Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vos-ão; e sereis odiados por todas as nações por causa do meu nome. Então muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão” (Mateus 24:9–10). Quando muitos do próprio povo de Deus não passarem no mesmo teste de lealdade pelo qual Sião passa, eles descem com os iníquos ao nível de Babilônia.

Os covardes daquele dia privarão a si mesmos do Espírito Santo que Deus concede aos que cumprem os termos de Seu convênio. Sem a luz de Deus, eles serão levados por circunstâncias maléficas alheias à sua vontade. Eles permanecerão sem esperança de libertação pois repudiaram seu Salvador. Como o anticristo, eles podem ficar com raiva de Deus, o único que pode salvá-los. Como Isaías nos informa, todos os que se afastarem de Deus no “Dia de Jeová” sofrerão o destino de Babilônia, que cairá.

O povo de Deus pode até imitar o “mau servo” de Deus, um indivíduo com autoridade que diz: “O meu senhor tarda em vir”, e, como ele, começar a espancar seus conservos e a comer e beber com os ébrios. No final, virá o senhor daquele servo num dia em que ele não espera e à hora em que ele não sabe, e separá-lo-á, e porá sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes (ver Mateus 24:48–51).

Como acontece com Sebna, o mordomo infiel a quem Isaías descreve em Isaías 22, o servo de Deus que demonstra ser fiel suplanta o infiel: “Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre os seus servos, para lhes dar o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens” (Mateus 24:45–47).

A substituição de Saul por Davi e a substituição de Sebna por Eliaquim são *tipos* bíblicos do servo do fim dos tempos de Deus em sua suplantação do servo mau e de outros inimigos.

Perecerão todos os que lutam contra Sião naquele dia, desde o rei da Assíria ao último apóstata. Os indivíduos que hasteiam as bandeiras do ódio e da ira são cortados dentre os vivos. Aqueles que conspiram para ter controle sobre a vida dos outros caem na própria armadilha que eles armam para outros. Como ocorre com todos os perpetradores de dissimulação, suas ações opressivas para com seus companheiros, seres humanos, expõem-nos como rebeldes contra Deus e signatários de um “Convênio com a Morte”. Como o povo de Deus foi perseguido e difamado em todas as eras, os que perseguem e difamam o povo de Deus no fim do mundo marcam a si mesmos como inimigos de Deus. Como Jesus predisse, [virá] mesmo a hora em que qualquer que vos matar suporá fazer um serviço a Deus” (João 16:2).

Uma grande polarização de justos e iníquos ocorrerá naquele dia. Como na visão de João, a estrutura de sete partes de Isaías identifica Babilônia como tudo o que não é Sião ou não relacionado com Sião. As pessoas de cada grupo serão obrigadas a escolher entre ficar a favor ou contra Deus, pois todos os meios-termos deixarão de existir. Suas próprias escolhas selarão sobre elas sua libertação ou destruição. Assim como Deus tirou Ló de Sodoma e os israelitas do Egito, assim como libertou o povo do rei Ezequias dos assírios, Ele preparará um meio de o povo de Seu convênio escapar das calamidades que virão.

O Cumprimento Literal da Profecia

Contudo, muitas pessoas afirmam que Deus anulará as profecias de desgraça se as pessoas se arrependerem. Elas citam a profecia de Jonas para a destruição de Nínive como exemplo. O povo de Nínive se arrependeu de suas iniquidades, e Deus não destruiu Nínive como disse que faria. Jonas ficou envergon-

hado e com raiva quando Deus, aparentemente, voltou atrás em Sua palavra. A verdade é que Deus *destruiu* Nínive como Ele disse que faria—anos mais tarde, nos dias de Tobias, conforme os registros do Livro de Tobias. Deus cumpriu a profecia de Jonas ao pé da letra assim como cumpre as palavras de todos os Seus profetas. Apenas não aconteceu quando Jonas achava que deveria acontecer. Pode-se ainda questionar quantas pessoas no mundo hoje se arrependem de suas iniquidades de modo tão rápido quanto o povo de Nínive se arrependeu. De comum acordo, o rei e o povo converteram-se completamente de seus maus caminhos quando consideraram seriamente a advertência de Jonas.

Da mesma maneira, as pessoas acreditam que as profecias de uma restauração literal do povo de Deus como povo do convênio possam ser explicadas espiritualmente. Elas acreditam que muitos eventos preditos pelos profetas hebreus não são literais, mas figurativos. Para elas, o retorno profetizado de Israel em um êxodo dos quatro cantos da terra para a terra prometida, a reconstrução dos antigos povoados de Israel, inclusive Jerusalém e o templo, a vinda de Jeová para habitar com Seu povo como habitou com Israel no passado—tudo isso seria meramente uma alegoria das coisas que têm um cumprimento místico. Em muitos casos, a teologia atual do povo não dá margem para a palavra literal de Deus desde a mais remota era. Como acontece com a profecia de Jonas, contudo, alguém pode alterar o que Deus falou? Certamente, tudo o que Deus declarou acontecerá precisamente como Ele disse. A profecia de Isaías, de fato, é menos relevante hoje do que era em seus próprios dias? Pelo contrário, à medida que se aproxima o fim do mundo, ela torna-se mais relevante do que nunca.

De modo semelhante, pode-se dizer que a teologia de Isaías de um Deus-Salvador é menos verdadeira hoje do que era na época dele? Com tudo o que aconteceu entre os dias de Isaías e os nossos, obviamente, ela é tão importante para nós quanto

para qualquer pessoa. A vida de Jesus de Nazaré não cumpre à risca as predições de Isaías a respeito de um Salvador sofredor? Alguém consegue explicar de maneira satisfatória a teologia do Novo Testamento que Isaías codificou em seu livro? Não a teologia de muitos cristãos, que reduzem os ensinamentos de Jesus a um mero slogan nem a teologia daqueles que substituem liturgias elaboradas para retidão pessoal, mas, sim, a teologia de Jesus e de Seus discípulos antigos em toda a sua abrangência abundante?

Além disso, como alguém consegue explicar de modo satisfatório as remotas expectativas judaicas legítimas quanto a um Messias? E quanto à esperança judaica de um Messias que restaurará o reino político de Deus na terra, reunirá as tribos de Israel do exílio e construirá o templo em seu local antigo? Se o servo do fim dos tempos de Deus não cumprir essas previsões, quem o fará? De acordo com Isaías e outros profetas hebreus, Jeová virá em glória para um povo que retornou para casa vindo do exílio para encontrá-Lo. Ele entrará em um templo que foi construído para recebê-Lo. Ele reinará como Rei em um reino que foi restaurado para Ele. O servo de Deus do fim dos tempos e aqueles servos que o ajudam não deverão preparar o caminho antes da vinda de Jeová para reinar sobre a terra? Além disso, a profecia de “restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio do mundo” (Atos 3:21) não será cumprida? Ou será uma restauração apenas parcial, em vez de ser tudo o que uma vez foi?

A Retidão Precede a Salvação

Ao longo dos escritos de Isaías, o Deus de Israel, Jeová, personifica a salvação. Ele personifica a salvação e *é* a salvação, pois fora Dele não há salvação. (O nome de Jesus—*Yeshua*—em si é o substantivo hebraico “salvação”.) Do mesmo modo, o servo do fim dos tempos de Deus personifica a retidão. Isaías chama-o de “retidão” porque ele cumpre os termos do convênio

de Deus e prova fidelidade a Deus em todas as circunstâncias. A comunidade dos Pergaminhos do Mar Morto reconheceu essas personificações de atributos de Jeová no Livro de Isaías. De acordo com Isaías, a *salvação* não pode chegar até que a *retidão* seja estabelecida. Em outras palavras, a *retidão* precede a *salvação* ou funciona como precursora da *salvação*.

Há duas maneiras de explicar essa linguagem de Isaías. Primeiro, como o povo de Deus se tornou justo diante de Deus—cumprindo os termos de Seu convênio e provando fidelidade em todas as circunstâncias—Deus os salvará do rei da Assíria, da morte e de todos os efeitos da transgressão. Isaías ensina que a retidão envolve ministrar às pessoas necessitadas: alimentar os famintos, vestir os desnudos, defender a causa das viúvas e dos órfãos, lutar pelos oprimidos e libertá-los da escravidão. Retidão significa viver o padrão de retidão estabelecido por Deus, e não nosso próprio padrão de conveniência.

Em segundo lugar, o servo do fim dos tempos de Deus serve como um modelo de cumprimento do convênio e lealdade a Deus sob as circunstâncias peculiares que existem no fim do mundo. Como o rei Ezequias, ele atua como um modelo de retidão para o povo de Deus seguir. Como Moisés, ele unge e capacita os outros “servos” e “filhos” de Deus. Quando a obra deles de preparar um povo de Deus for concluída, Jeová virá. Como João Batista preparou o caminho para a primeira vinda de Jesus como um Salvador sofredor, o servo preparará o caminho para a segunda vinda de Jesus como o Deus de Israel, o Rei de Sião.

O Passado—Um Padrão para o Futuro

Um dos pontos reconfortantes do cenário de fim dos tempos apresentado por Isaías é que tudo o que acontece seguirá os padrões do passado. Deus fará apenas o que já fez antes. Podemos, portanto, identificar algo como divino quando esse algo segue o padrão de Deus. Os impostores serão muitos,

principalmente à medida que o tempo se aproxima, mas algo acerca de cada um deles trairá a si próprio.

Jesus predisse que os tempos vindouros seriam tão confusos que “*se [fosse] possível*”, enganariam até os eleitos (Mateus 24:24; grifo do autor). No entanto, os eleitos não podem ser enganados, precisamente porque eles aprenderam os caminhos de Deus para discernir a verdade do erro a qual os ajudou a provar fidelidade em todas as circunstâncias. Se não fosse assim, eles não seriam os eleitos. Na escada espiritual de Isaías, os eleitos são os filhos e servos de Deus, bem como Suas filhas e servas. Eles retornam para Sião em um novo êxodo dos quatro cantos da terra no fim do mundo.

Como Deus declarou por meio de Seu profeta Isaías: “Não temas, pois, porque estou contigo; trarei a tua semente desde o oriente, e te ajuntarei desde o ocidente. Direi ao norte: Dá; e ao sul: Não retenhas; trazei os meus filhos de longe, e as minhas filhas, das extremidades da terra” (Isaías 43:5–6).

Assim como o “Dia de Jeová” e o tempo que o antecede proporcionam para muitas pessoas a chance de subir a escada espiritual, também vários “servos” e “filhos” de Deus naquele tempo subirão ao nível de serafim, tornando-se como “fogo abrasador” (Salmos 104:4) e, portanto, poderão contrariar toda a oposição. Como emissários angelicais de Deus, eles receberão poder para reunir os eleitos de Deus por meio de todos os elementos hostis—fogo, água, deserto e ermo. Na verdade, Jesus previu que “[Ele] enviará os seus anjos com grande clamor de trombeta, e ajuntarão os seus eleitos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus” (Mateus 24:31). De acordo com Isaías, o soar da trombeta anuncia a missão do servo de Deus e daqueles que O ajudam a reunir o povo de Deus a partir da dispersão no “Dia de Jeová”.

Como Deus apareceu aos anciãos de Israel antigamente no monte Sinai, Ele aparece em glória no monte Sião, para os que alcançaram o nível de serafim: “E a lua será humilhada, e o sol se envergonhará quando o Senhor dos Exércitos reinar no monte

Sião, e em Jerusalém, e perante os seus anciãos em glória” (Isaías 24:23). Obadias descreve a categoria dos servos serafins de Deus como “salvadores no monte Sião”. Sobre o monte Sião, ele diz que haverá livramento no “Dia de Jeová” (Obadias 1:15, 17, 21). João descreve doze mil servos de Deus de cada tribo de Israel, que estão com o Cordeiro no monte Sião. Eles recebem o selo de proteção do Deus Altíssimo antes de começar a grande destruição da terra (ver Apocalipse 7:1–8; 14:1–5). Desse modo, cada profeta descreve as mesmas categorias espirituais do povo de Deus a partir de sua própria perspectiva.

O “Dia de Jeová” e o tempo que o precede facilitam a subida do povo na escada, fornecendo uma rápida sucessão de provações espirituais. Nesse breve intervalo de tempo estão compactados cada desafio que o povo de Deus deparou, levando-os a serem aprovados ou reprovados nas provações de Deus. A doutrina apocalíptica das duas maneiras é, então, plenamente cumprida. As alegorias do trigo e joio, das ovelhas e cabras e das virgens sábias e tolas usadas por Jesus ressaltam a natureza divisionista do fim dos tempos. São as mesmas circunstâncias especiais que fazem de alguns homens anjos e de outros demônios, dependendo de eles escolherem o Convênio de Vida de Deus ou o Convênio com a Morte.

Isaías ainda usa as imagens do dízimo para mostrar a divisão da humanidade que ocorrerá no “Dia de Jeová”. As pessoas que escaparem da destruição naquele dia não passam de um décimo ou “dízimo” de todos os filhos de Deus, chamados de o “décimo de Jeová”. Aqueles a quem Deus protege diretamente—Seus eleitos—são apenas um décimo do décimo. (Antigamente, o povo de Israel pagava um décimo do que produziam aos levitas. Os levitas pagavam um décimo do que recebiam aos sacerdotes. Esse décimo de décimo era chamado de a “porção sagrada”.) Um tipo de proteção aplica-se às pessoas que guardam os termos do convênio de Deus. Outro tipo se aplica àqueles que provaram fidelidade a Deus em todas as circunstâncias. Isaías descreve o último grupo como “santo”.

Os Papéis Distintos dos Homens e das Mulheres

Ao tomar como base os exemplos da história de Israel, Isaías deixa claro o que Deus espera dos homens no fim do mundo. O servo de Deus cumprirá muitos dos papéis de salvador que os heróis de Israel cumpriram. Os servos e filhos de Deus que O auxiliam terão muitos papéis salvadores semelhantes. Todas essas funções, no entanto, têm a ver com os homens. Alguns, portanto, perguntam corretamente o que Deus espera das mulheres. Alguns chegam até a afirmar que os profetas hebreus eram machistas. Eles alegam que os poucos papéis femininos na história de Israel são prova disso. Esse pensamento, todavia, perde a essência do que os profetas como Isaías ensinaram. A história de Israel não é a única fonte dos modelos de papel feminino. Como Deus não permite que as mulheres assumam a liderança, isso não significa que Seus profetas sejam machistas. Isso significa que Deus protege mais as mulheres. Elas têm um senso intuitivo de retidão, que muitos homens têm dificuldade de aprender. Deus, portanto, preserva as mulheres dos muitos perigos a que os homens se submetem.

Os convênios de Deus com Seu povo e com os indivíduos definem papéis distintos para homens e mulheres. Os homens podem ser os salvadores, mas as mulheres são as salvas. Não há nenhuma proteção para homens nem para mulheres, exceto no âmbito de relações de convênio. Os homens merecem a proteção de Deus para as mulheres ao provarem fidelidade a Deus em todas as circunstâncias. Os papéis salvadores dos homens em relação a sua esposa e seus filhos estabelecem uma base formal para o sistema patriarcal na teologia dos profetas hebreus.

Isaías nos diz o que Deus espera das mulheres. Ao cumprir seu papel peculiar, as mulheres sobem a escada espiritual. Em todo o Livro de Isaías aparecem referências a Sião como uma mulher. Ela personifica o povo justo de Deus alegoricamente. Mas ela também serve como modelo de papel das mulheres individualmente. As coisas que ela faz estabelecem um padrão

para todas as mulheres. Elas cobrem todos os aspectos de sua vida. Somente um esboço parcial pode ser dado aqui.

Como todos que sobem a escada espiritual, a Mulher, Sião, primeiro desce e passa por provações que testam sua lealdade a Deus. Ela se arrepende das transgressões aos termos do convênio de Deus resiste fielmente às maldições do convênio que são resultado da transgressão e carrega suas aflições durante o tempo de sua gravidez. À medida que o “Dia de Jeová” se aproxima, ela sente as dores do parto. Ela dá à luz um “filho”—um libertador, então o alimenta e lhe ensina até que ele atinge a maioridade.

No “Dia de Jeová”, seu filho liberta-a do arquitrano e de outras ameaças à sua vida. Ele a leva com segurança sob a proteção do casamento com Deus. O Deus de Israel preserva-a sob Sua nuvem protetora de glória. Ele recupera-a, fazendo um convênio incondicional com ela—um Convênio de Vida. Ele transforma as maldições que ela sofreu em bênçãos eternas.

Ela esquece a vergonha de sua juventude e o estigma da viuvez. Ela dá à luz uma nação de filhos e é amplamente consolada. Ela senta-se entronizada, revestida de poder e aumentando seus domínios. Ela se liga aos filhos que retornam a ela como uma noiva se adorna com suas joias. Ela que havia sido banida, estava enlutada e era estéril agora canta com alegria para seus numerosos descendentes.

A partir dessa imagem simbólica, observamos que a mulher dá à luz o homem. O papel dela no convênio de Deus é capacitá-lo a cumprir seu papel de libertador. O homem está à altura de suas expectativas porque ela confia nele. Ele a liberta porque ela espera que ele faça isso. Aqui estão o sistema patriarcal e matriarcal em seu melhor momento—um não existiria sem o outro. Ambos, homem e mulher, sobem juntos, à medida que cumprem seus respectivos papéis: ele de “pai”, ela de “mãe”; ele como marido, ela como esposa; reconhecendo a de distinção um do outro.

Seus filhos se beneficiam quando o homem e a mulher cumprem seus papéis individualmente. Eles se assemelham ao rei e à rainha de uma posteridade abençoada. Eles, por fim, recebem a plenitude da alegria, seguindo o padrão de Deus para homens e mulheres. Deus criou-os à Sua própria imagem e semelhança, homem e mulher. Eles nascem ou renascem em níveis espirituais mais elevados como homem e mulher.

Surge uma pergunta quanto a se o papel de libertador e salvador que Deus espera que os homens cumpram prejudica de algum modo Seu próprio papel divino. Os libertadores ou salvadores em níveis abaixo de Jeová, de fato, dependem Dele para executar a libertação real, quer Ele faça isso direta ou indiretamente. Os servos de Deus podem desempenhar somente papéis como *qualificar* a si e a outros para que o Deus de Israel os liberte. Seu teste é exercer fé em Deus de que ele *vai* libertá-lo de acordo com os termos de Seu convênio. Essa fé em Deus provém de cumprir os termos do convênio de Deus e provar fidelidade em todas as circunstâncias. Como resultado, o Deus de Israel se manifesta infalivelmente na vida de Seus servos.

Deus providenciou um meio de Seus filhos adquirirem Seus atributos divinos ao exercerem fé Nele. Ele estabelece relações de convênio nos níveis espirituais superiores e inferiores e incentiva Seu povo a imitar a Ele e a Seus servos. O povo de Deus sobe a escada espiritual ao exercer cada função de ministração cada vez mais elevada que Deus fornece no âmbito de Seus convênios. O mandamento de amar a Deus de todo o coração, poder, mente e força e de amar ao próximo como a si mesmo assume um novo significado à luz de uma jornada espiritual para o céu e da preparação para o vindouro “Dia de Jeová”. Certamente será necessário tudo isso e muito mais para provar fidelidade a Deus nas circunstâncias que existirão naquela ocasião.

Uma Breve Advertência Antes do Fim

O tempo do fim é curto para tantas coisas que estão previstas para acontecer. Daniel e João falam dos julgamentos de Deus no final dos últimos três anos e meio do mundo. Isaías prevê três anos de julgamentos de Deus, precedidos por um período similar de advertência. Durante três anos, Isaías avisou que a Assíria subjugaria o Egito e, então, sua profecia foi cumprida. Do mesmo modo, de acordo com a estrutura de sete partes de Isaías, Deus concede à Grande Babilônia um prazo de três anos para se arrepender. Deus avisa com tempo mais do que suficiente o que Ele fará.

Como Isaías, o servo de Deus no fim dos tempos começa sua missão *antes* do “Dia de Jeová”. Deus chama-o como Ele chamou Isaías para advertir Seu povo acerca das calamidades vindouras. Como resultado, muitos serão incentivados a arrepender-se de suas transgressões e a renovar sua relação de convênio com Deus. Outros endurecerão o coração. Eles não acreditarão que os tempos mudaram, ridicularizarão os servos de Deus e se apegarão a o que está condenado a morrer. Isaías compara essas pessoas a seguidores de cinzas. Eles iluminam seu caminho com meras faíscas. Ao rejeitar a *luz* que Deus envia para iluminar sua escuridão, esses indivíduos inconscientemente rejeitam a Deus.

Por fim, o Deus de Israel vem tanto para vingar como para recompensar. Ele vingará os erros cometidos contra Seu povo e os recompensará de acordo com sua retidão. Ele virá para os que esperam por Ele, os que subiram espiritualmente e se juntaram a Sião. Ele virá para o templo, a sede do governo, para implementar Seu reinado justo. Ele virá como Rei de Sião para dar início ao tão aguardado milênio de paz na terra. O que para Isaías é a gloriosa vinda de Jeová para reinar sobre a terra, e para os cristãos é a segunda vinda de Jesus em glória, certamente será o mesmo e único evento que mudará a terra.